

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**“ENCONTROS PRAZEROSOS”**  
**MODOS E ESTILOS DE VIDA DE MULHERES LÉSBICAS EM**  
**FLORIANÓPOLIS**

**Rosane Maria de Godoy**

**FLORIANÓPOLIS**

**2001**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**“ENCONTROS PRAZEROSOS”**  
**MODOS E ESTILOS DE VIDA DE MULHERES LÉSBICAS EM**  
**FLORIANÓPOLIS**

**Rosane Maria de Godoy**

Dissertação apresentada ao Departamento de  
Psicologia da Universidade Federal de Santa  
Catarina como requisito parcial para obtenção  
do grau de Mestre em Psicologia.

**Profª Drª Mara Coelho de Souza Lago**  
Orientadora

FLORIANÓPOLIS

2001

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**

**Centro de Filosofia e Ciências Humanas**

**Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado**

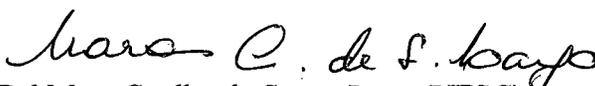
**ENCONTROS PRAZEROSOS: MODOS E ESTILOS DE VIDA DE  
MULHERES LÉSBICAS EM FLORIANÓPOLIS**

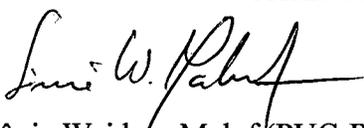
*Rosane Maria de Godoy*

Dissertação defendida como requisito básico para  
obtenção de Grau de Mestre no Programa de Pós-  
Graduação em Psicologia – Mestrado, Área de  
Concentração Psicologia e Sociedade e aprovada pela  
Banca Examinadora composta pelos seguintes  
professores:

  
Profª Drª Maria Juracy Toneli Siqueira  
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

  
Profª Drª Mara Coelho de Souza Lago (UFSC)  
Orientadora

  
Profª Drª Sônia Weidner Maluf (PUC-RS)

  
Profª Drª Maria Juracy Toneli Siqueira (UFSC)

**APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA EM, 02/02/2001.**

## Agradecimentos

Na minha vida sempre busquei concretizar meus projetos. Eles se tornavam possíveis porque na trajetória sempre encontrei pessoas que me apoiaram. Algumas, acreditando em mim, outras, quem sabe, duvidando, o que pouco importa. Com isso quero dizer que ao escrever esta dissertação – em alguns momentos um processo *solitário e complicado* – contei com o apoio de muitas pessoas que me ensinaram como não *desistir*, não *abandonar* a luta e sim a *resistir, persistir*. A todas agradeço carinhosamente e por elas tenho profundo respeito.

Primeiro gostaria de agradecer à Denise, companheira e amiga. *Nosso brilho, nosso estilo..., vai estar sempre na glória, de fazermos o que nos satisfaz...* Juntas traçamos este trabalho. A cada inusitado, nunca me deixou abandonar o projeto.

Agradeço também à minha orientadora, professora Mara Coelho de Souza Lago pelo carinho, dedicação e cobranças na produção acadêmica. Suas preocupações ultrapassaram a produção deste trabalho. Sempre atenta às participações em eventos acadêmicos foi mais que uma amiga, pois com ela dividi muitas das minhas dificuldades, tanto profissionais quanto pessoais.

Agradeço profundamente às dez mulheres informantes que, cada uma ao seu *modo e estilo*, falaram de suas trajetórias, seus relacionamentos, suas vivências. Enfim, mais uma vez romperam com o *silêncio*. Fortaleceram uma rede e possibilitaram a concretização desta pesquisa. Os encontros foram prazerosos.

Nesta trajetória tive o privilégio de também encontrar com grandes mestres sempre atentos/as ao meu trabalho. Ajudaram, cada um(a) de sua forma, a

concretizar este meu projeto. Neste momento agradeço toda a colaboração dos(as) professores(as): José Carlos Zanelli, Maria Juracy Toneli Siqueira, Nadir Zago, Carmem Silvia de Arruda Andaló, Sônia Weidner Maluf e Miriam Pillar Grossi.

Gostaria de agradecer a atenção e apoio das duas funcionárias da secretaria do Programa de Mestrado: Janete Martins Bromer e Arlete Camargo. Acredito que são colaboradoras de todos os colegas mestrandos.

Agradeço em particular a duas colegas de curso, Rita Maria Machado e Maria Jasylene Pena de Abreu, companheiras de minha trajetória acadêmica, e deste trabalho. Participamos juntas de vários encontros e discussões. Dividimos alegrias e dificuldades. Sei que os laços criados permanecerão.

“Os amigos são a melhor coisa da vida, pois os amores vão e vem, mas os amigos são as pessoas que ficam”. Os que cito e agradeço, fazem parte de minha vida, foram interlocutores deste trabalho. Preocupados e atentos à minha produção. Muitas vezes tive que abandoná-los, em outras pedi socorro. Sirley Bandeira de Souza e Maria Lúcia Lopes de Simas, Fabiana Kretzer e Michele Broering Marcílio, Luiz Fernando Neves Córdova e Gilcione Amaral Madruga, Mariana Quevedo, Daniel Corrêa Felix de Campos, vocês são especiais. Obrigada.

Meu carinho e sincero agradecimento aos colegas da Academia de Comércio de Santa Catarina – Escola Técnica de Comércio de Santa Catarina, que me acompanharam nesta trajetória, sempre dando o apoio necessário.

Por fim e nem por isso menos importantes, agradeço à minha família, aos meus pais e irmãos, por acreditarem em mim, cada qual à sua maneira.

**Imorais**

Os imorais  
falam de nós  
do nosso gosto  
nosso encontro  
da nossa voz  
os imorais  
se chocam  
por nós  
nosso brilho  
nosso estilo  
nossos lençóis  
os imorais  
sorriram pra nós  
fingiram trégua  
fizeram média  
venderam paz  
mas um dia, eu sei  
a casa cai  
e então  
a moral da estória  
vai estar sempre na glória  
de fazermos o que nos satisfaz

C. Oyens/Z. Duncan

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| Agradecimentos .....   | III       |
| Sumário .....  | VI        |
| Resumo .....   | VIII      |
| Abstract .....   | IX        |
| <br>   |           |
| <b>1. A Caminhada .....</b>  | <b>01</b> |
| <br>   |           |
| <b>2. Referenciais da Pesquisa .....</b>                                 | <b>06</b> |
| 2.1 A questão do sujeito .....   | 06        |
| 2.2 Algumas discussões de gênero .....                                   | 10        |
| 2.3 Abordando homossexualidades .....                                    | 12        |
| <br>   |           |
| <b>3. Método .....</b>   | <b>24</b> |
| 3.1 Relendo o diário de campo .....                                      | 28        |
| 3.2 Ensaçando a etnografia de alguns espaços de sociabilidade gay .....  | 31        |
| <i>Saídas noturnas na Danceteria Chandon</i> .....                       | 31        |
| <i>Encontros no Via 11 Café</i> .....                                    | 40        |
| <i>A noite nos Bailões</i> .....   | 45        |
| 3.3 Guetos, Regiões Morais, ou Pedacos? .....                            | 51        |
| <br>   |           |
| <b>4. As Informantes Falam de Si: reflexões sobre seus relatos .....</b> | <b>57</b> |
| <i>Araci, 52 anos</i> .....  | 59        |
| <i>Bethânia, 36 anos</i> .....   | 65        |

|  |     |
|--|-----|
| <i>Cássia, 24 anos</i> .....                             | 69  |
| <i>Débora, 22 anos</i> .....                             | 74  |
| <i>Ellen, 44 anos</i> .....                              | 79  |
| <i>Fernanda, 36 anos</i> .....                           | 85  |
| <i>Gabriela, 27 anos</i> .....                           | 91  |
| <i>Helena, 24 anos</i> .....                             | 96  |
| <i>Ivete, 34 anos</i> .....                              | 100 |
| <i>Joana, 25 anos</i> .....                              | 107 |
| 4.1 Os locais de sociabilidade gay e as informantes..... | 114 |
| 4.2 Algumas Rupturas e (Des) Continuidades .....         | 117 |
| 5. Considerações Finais .....                            | 120 |
| Referências Bibliográficas .....                         | 126 |
| Anexos .....   | 133 |

## Resumo

Esta dissertação pretendeu discutir modos e estilos de vida de mulheres lésbicas em Florianópolis, na tentativa de explicitar algumas de suas práticas, inserções e relacionamentos sociais, tendo como objetivo contribuir para a desconstrução da representação dos modelos heterossexuais como expressão de normalidade.

Baseado nos pressupostos do método etnográfico, através de entrevistas gravadas, obteve depoimentos e histórias de vida de dez mulheres homossexuais, moradoras da Grande Florianópolis, com idades entre 22 e 52 anos e posições sociais diferenciadas. A maioria das informantes pertencia às camadas médias, sendo entrevistadas também mulheres oriundas de camadas populares.

Algumas destas mulheres tinham concedido entrevistas para estudo desenvolvido anteriormente, o que facilitou a formação de uma rede de informantes e uma convivência estreita entre elas e a pesquisadora, na realização do trabalho empírico. Procurando “escutar as vozes” destas mulheres e problematizar seus relatos, foram propostas algumas questões que nortearam as análises desenvolvidas. Assim, as informantes falaram do início de sua auto-percepção como homossexual, de seus relacionamentos com as famílias de origem, suas relações com os filhos, com as parceiras, relatando também alguns de seus projetos para o futuro.

Neste sentido, podemos destacar que este estudo demonstrou a diversidade de modos e estilos de vida das mulheres entrevistadas.

## Abstract

The present dissertation aimed at discussing the lifestyles of lesbian women from Florianópolis, attempting to express some of their practices, insertions and social relationships in order to help deconstruct the representation of the heterosexual models as expression of normality.

Based on the presuppositions of the ethnographic method, I gathered testimonies of ten homosexual women living at Great Florianópolis, with the age ranging from 22 to 52 years old and coming from the most varied social classes. Most of them, in fact, came from both the middle or the lower classes of society.

Some of these women had contributed to another study previously developed, somehow favoring the formation of a web of subjects and a close relationship, among them and the researcher essential to the realization of an empirical work.

By “listening to these women’s voices”, some issues were proposed in order to direct the analyses which were developed as well as problematise their testimonies. In this sense, the subjects talked about their self-perceptions as homosexuals, the relationship with their families, children and partners, and also referred to some of their plans for the future.

In sum, one can emphasise the fact that the present study demonstrated the diversity of the lifestyles of the women interviewed.

## 1. A Caminhada

Esta dissertação é decorrência de um estudo realizado anteriormente como conclusão do curso de especialização em Educação Sexual, da Universidade do Estado de Santa Catarina. Na época, foi desenvolvida uma pesquisa entre doze mulheres que se autodefiniam como lésbicas. As entrevistadas pertenciam às camadas médias de Florianópolis e a um grupo que foi definido como *restrito*, pois, embora algumas tivessem mantido relacionamentos heterossexuais anteriormente, naquele momento se relacionavam, sexual e afetivamente, apenas com parceiras do mesmo sexo. A faixa etária era de 20 a 60 anos, sendo que todas atuavam profissionalmente e com nível de escolaridade situado entre o ensino médio incompleto e o ensino superior. Aquela monografia buscava compreender os processos individuais destas mulheres, que se percebiam e se assumiam enquanto homossexuais. Abordando questões acerca de seu imaginário erótico<sup>1</sup>.

Em seu trabalho sobre identidade homossexual, a pesquisadora Teresa Sell (1987) descreve as dificuldades que encontrou para entrevistar mulheres lésbicas na cidade de Florianópolis. Estas dificuldades se traduziam em desencontros, adiamentos, não atendimento de telefonemas, etc, o que a fez optar por não mais discutir a homossexualidade feminina, concentrando-se no estudo da homossexualidade masculina. Tal comentário torna-se importante na medida em que destaca, na época da pesquisa citada, a dificuldade de aproximação ou de abertura para a discussão da temática.

---

<sup>1</sup>Conferir Godoy (1997). Os resultados e discussões daquele trabalho estão publicados em dois artigos: Revista do Núcleo de Estudos da Sexualidade do Centro de Ciências da Educação FAED/UEDESC, Florianópolis, 1997 e Revista Ciências da Saúde, Florianópolis, Edufsc, 1999.

Como não encontrei a mesma dificuldade, tanto na primeira ida a campo como agora, penso que se pode falar numa mudança no sentido da maior visibilidade da questão homossexual. Uma visibilidade que esta pesquisa busca complexificar.

As discussões em torno da sexualidade têm tomado novos rumos, no sentido de contextualizarem as diferenças entre homens e mulheres. Os estudos de gênero destacam a assimetria de papéis e funções femininos e masculinos nas relações (sexuais, cotidianas, sociais), nas diferentes sociedades humanas, em que as mulheres, em geral, têm sido relegadas a um plano secundário, de subordinação. Em termos de sexualidade, uma forma tem sido erigida como modelo: a heterossexualidade – ligada à procriação – enquanto as outras formas são escamoteadas, disfarçadas, reprimidas. Este modelo padronizado, normatizado de sexualidade, caracteriza-se como sendo, além de heterossexual, falocêntrico.

Estudar outros estilos de viver a sexualidade tem se revelado um modo de contribuir para a relativização e/ou questionamento deste modelo hegemônico de sexualidade que exclui as demais formas de vivência sexual. Nas últimas décadas, no rastro dos movimentos feministas e de luta pelos direitos das minorias excluídas, colocadas muitas vezes como desviantes pelas sociedades, têm-se multiplicado os estudos sobre a homossexualidade.

Estas pesquisas, em sua maioria dedicam-se à análise da homossexualidade masculina. A sexualidade feminina (homo ou hetero) é relevada, posta em segundo plano e, por isso, menos estudada. Tornando-se portanto, menos visível como salienta Mott (1987) “... no caso do lesbianismo a falta de documentos se deve mais à cegueira, indiferença e preconceito dos homens face à sexualidade feminina, considerada assunto de menor importância e indigno de atenção do sexo forte” (Mott, 1987:08).

No cotidiano das relações sociais de gênero, que não costumam ser relações simétricas, ocorrem submissão e opressão das mulheres, independentemente de sua orientação sexual. As sociedades ocidentais, em particular, levam as mulheres a viverem sua sexualidade muitas vezes de forma reprimida e ‘marginal’, assumindo um papel passivo em todos os tipos de relações (amorosas, familiares, trabalhistas). Neste contexto se encontram as mulheres lésbicas que vivem sob um ‘pacto do silêncio’ e na ‘clandestinidade’. Uma contingência por estarem inseridas em sociedades onde a heterossexualidade é a norma e que ao padronizarem práticas, comportamentos e vivências, convertem-nas muitas vezes em patologia, anormalidade.

Neste sentido, o Conselho Federal de Psicologia, preocupado com os profissionais que atuam em questões que envolvam a orientação sexual, editou uma resolução sobre sexualidade, divulgada no Jornal CFC (1999: 06):

*“... É preciso colaborar para a superação de preconceitos, discriminações e estigmatizações, principalmente em relação às pessoas que têm orientações sexuais para o mesmo sexo. A resolução apresenta princípios éticos para a conduta do psicólogo que lida, de alguma forma, com a orientação sexual de seus clientes, procurando garantir que, quando procurados por homossexuais ou seus responsáveis para tratamento, os psicólogos não recusem o atendimento, mas sim aproveitem o momento para prestar esclarecimentos sobre a perspectiva da Psicologia. Mas nunca propor métodos de cura, pois vale a pena reforçar que não se trata de doença, muita menos desordem mental”.*

Estas informações são importantes, pois hoje todos falam de gays e de lésbicas. Cada vez mais os estudos da sexualidade nas diversas culturas têm apontado para os preconceitos, falas, visões equivocadas que precisam ser discutidas e revistas, pois relativizar os discursos que se produzem sobre a homossexualidade, pode contribuir para a desconstrução dos modelos hegemônicos, que descaracterizam a diversidade cultural existente.

Nesta pesquisa, a análise está centrada nos relatos de mulheres lésbicas da Grande Florianópolis, sobre suas práticas sexuais e suas inserções sociais. Neste sentido, teve como objetivo estudar os modos e estilos de vida destas mulheres, no interesse da desconstrução dos discursos que sustentam discriminações contra as vivências que se afastam do modelo heterossexual. Pretendeu também investigar a forma como outras vivências da sexualidade se articulam com os modelos heterossexuais de assimetria de papéis nas relações.

A ampliação de estudos sobre as múltiplas possibilidades de vivências da sexualidade humana poderá contribuir para a discussão, relativização e questionamento de concepções discriminatórias sobre aquelas práticas sexuais que se desviam dos padrões instituídos como normas pela sociedade. Neste sentido, a academia poderá contribuir para a desconstrução de modelos de vida hegemônicos, em estudos que se dediquem à questão da constituição dos sujeitos, nas intersecções entre psicologia e sociedade.

Buscando situar a pesquisa desenvolvida, estas primeiras palavras tiveram como objetivo destacar a relevância deste trabalho, no sentido de tentar desenvolver um outro olhar a respeito de como vivem algumas mulheres homossexuais em Florianópolis.

Num segundo momento da dissertação, apresento algumas concepções e debates teóricos acerca das questões de sujeito, gênero e homossexualidade. Tenho clareza que outras leituras poderiam ter sido apresentadas, mas acredito que estas contribuem para as discussões pretendidas.

O terceiro capítulo discorre sobre a metodologia da pesquisa. É o momento de apresentar quem são os sujeitos pesquisados, o que fazem, como aconteceram os encontros para as entrevistas, em que período foram realizadas. Procuro também realizar uma etnografia de alguns espaços de sociabilidade gay

onde busco descrever locais freqüentados por gays e lésbicas oriundos de diferentes camadas sociais da Grande Florianópolis.

No quarto momento, as informantes falam de si. São analisadas algumas representações destas mulheres, que contam um pouco de suas trajetórias. São relatos que nos dão idéia de como elas vivem seus relacionamentos amorosos e sociais. Procurei descrever também, neste capítulo, algumas mudanças que foram acontecendo na vida das mulheres entrevistadas e das quais tive conhecimento pelo constante contato com as mesmas.

Finalmente, retomo algumas discussões que foram recorrentes neste estudo, tentando concluir o trabalho de dissertação. Espero que sua leitura possibilite a discussão e outros olhares sobre a homossexualidade feminina.

*Olhem para o céu, há um desejo premente  
pela manhã que nasce diante de vocês.  
A História, apesar de sua dor lancinante,  
jamais pode deixar de ser vivida; se enfrentada  
com coragem, dispensa ser revivida.*

*Olhem para o dia  
que irrompe diante de vocês.  
Façam com que o sonho  
renasça.*

*Maya Angelou*

## 2. Referenciais da Pesquisa

### 2.1 A questão do sujeito

Uma referência fundamental nos trabalhos que tratam da questão da sexualidade é a do filósofo Michel Foucault com sua História da Sexualidade, editada em 1976 na França. Embora não tenha tratado da questão de gênero em seus estudos, este autor possibilitou um novo olhar sobre o tema, articulado às questões do saber, do poder, da verdade e do sujeito. Conceitos que são pano de fundo de qualquer estudo empírico nas ciências humanas. A importância deste autor para os estudos de gênero é incontestável e pode ser medida pela(o)s autora(e)s que o utilizam como referência para suas reflexões sobre o tema<sup>2</sup>.

Michel Foucault propiciou, com suas concepções, outros olhares sobre os discursos, histórica e culturalmente produzidos, a respeito da sexualidade e sobre questões como a homossexualidade, os poderes que permeiam as micro relações (familiares, amorosas, sexuais), etc. Ele historicizou e focalizou a questão do sujeito, dando uma importante contribuição à desconstrução da noção de sujeito universal. É um dos autores fundamentais para pensar as implicações da linguagem, do discurso, nos processos de subjetivação.

Em entrevista bastante conhecida (Rabinow & Dreyfus, 1995) Foucault afirmou que, embora a sua obra tenha sido lida e utilizada como voltada para a compreensão (e desconstrução) da problemática do poder, como esta vinha sendo tratada, relacionada às macro estruturas de controle e repressão, na realidade a questão central era, para ele, a do sujeito, de seu surgimento no discurso ocidental. O sujeito de Foucault é histórico, constituído pelo(s) discurso(s) – sujeito assujeitado. *“É preciso se livrar do sujeito constituinte, livrar-se do*

---

<sup>2</sup> Entre outra(o)s autora(e)s temos, Denise Portinari (1989), Joan Scott (1990), Margareth Rago (1991), Teresa de Lauretis (1994), Chantal Mouffe (1997), Guacira Lopes Louro (1997), Judith Butler (2000).

*próprio sujeito, isto é, chegar a uma análise que possa dar conta da constituição do sujeito na trama histórica*”(Foucault, 1985:07). Tratando do tema, o autor procura esclarecer a imbricação entre sujeito e poder: de um lado, o poder que legisla, e de outro, o sujeito obediente, sujeitado, “... *em face de um poder que é lei, o sujeito que é constituído como sujeito – que é ‘sujeitado’ - é aquele que obedece*”(Foucault, 1988:82).

Segundo Foucault, o sujeito se constitui principalmente a partir da forma de *saber-poder*, básica no ocidente: *a confissão*. “*A causalidade no sujeito, o inconsciente do sujeito, a verdade do sujeito no outro que sabe, o saber, nele, daquilo que ele próprio ignora, tudo isso foi possível desenrolar-se no discurso do sexo*” (Foucault, 1988: 68-69).

Foucault (1980), destaca que vivemos um regime de *poder-saber-prazer*, que sustenta o discurso da sexualidade. Em seu estudo da história da sexualidade, o autor ressalta que sua intenção é a de deslocar a vontade de saber como elemento negativo, buscando entender a história e a transformação das instâncias que produzem os discursos. O que falamos e quem fala sobre sexo. Precisamos tentar conhecer este discurso, compreender suas entrelinhas.

Este estudo está centrado na questão da homossexualidade e utiliza, como material etnográfico de análise, os relatos de mulheres homossexuais obtidos em entrevistas em que contam um pouco de suas histórias. A forma como representam, em suas falas, as suas vivências, as micro relações de poder que permeiam suas experiências e contatos sociais com familiares, companheiras, namoradas, colegas de trabalho, chefes, maridos, instituições, etc, são constituídas (e estão transpassadas) pelos discursos produzidos sobre a homossexualidade, em seus contextos histórico-sócio-culturais específicos.

Para Foucault mais do que analisar e criticar o conteúdo do discurso, importa compreender como este discurso é produzido social e historicamente como "verdade". Neste sentido, interessa-nos saber como são relatados, pelas informantes, os discursos sobre a homossexualidade e os seus processos de subjetivação das práticas homossexuais.

Embora esta dissertação não tenha como objetivo realizar uma análise foucaultiana do discurso dos sujeitos entrevistados, Foucault é um autor que dá fundamentos para refletir sobre todas as questões envolvidas na pesquisa. Possibilita, a partir de seu aporte teórico, afirmar que não existem verdades universais acerca da homossexualidade, porquanto não há sujeito homossexual universal.

Buscando problematizar a questão do sujeito, Lago (2000), apresenta-nos suas reflexões a respeito das concepções de constituição do sujeito, nas intersecções disciplinares entre Antropologia e Psicanálise. Chama a atenção para o fato de que a pesquisa nos exige bons instrumentos de análise, que possibilitem compreender os sujeitos nela implicados, em suas dinâmicas relacionais.

A autora reflete sobre a própria constituição dos saberes disciplinares no campo das ciências humanas, ressaltando que estes surgem divididos em sociais e psicológicos, contribuindo desta forma para estabelecer a dicotomização entre o indivíduo e a sociedade, que elegem como objetos.

No texto, Lago reflete sobre os conceitos que procuram dar conta desse outro envolvido nas pesquisas empíricas, recusando o uso do termo indivíduo, tanto pela forma como tem sido classicamente utilizado, marcando um domínio separado do social, como pela própria significação embutida no conceito, de unidade indivisível. Porque "... os outros com quem nos deparamos em nossas

pesquisas são, como nós, contraditórios, complexos, ambíguos”(Lago, 2000:02), a autora procura um termo que dê conta desta complexidade, elegendo o conceito de sujeito e recusando algumas de suas versões filosóficas.

*“Em alguns paradigmas, o sujeito se constrói ativamente, como consciência de si, um sujeito de escolhas conscientes, de vontade (aqui ressaltado o processo de conscientização na auto-construção do sujeito). (...) Em outros paradigmas, precisamos atentar para a etimologia da palavra sujeito a, sujeição, sujeitado. Aqui também não existe consenso, e temos diferentes versões de sujeito assujeitado – à história, aos discursos que constituem os contextos em que se constitui como sujeito”(idem:2-3).*

Para dar conta do outro das pesquisas, a autora propõe a concepção de sujeito sujeitado da psicanálise,

*“... é sujeito onde não sabe de si, que emerge e surpreende a si mesmo no enunciado de seu discurso. Constituído na/pela linguagem, como sujeito inconsciente (Freud), sujeito do inconsciente (Lacan). Inconsciente que se estrutura como uma linguagem, no axioma lacaniano. Sujeito que se estrutura sob as mesmas leis que comandam as formações do inconsciente – as leis da linguagem (condensação e deslocamento, metáfora e metonímia). Este sujeito é falado, é significado pelo Outro, antes mesmo de se constituir como sujeito. Sujeito dividido, desde Freud, sujeito da falta, sujeito do desejo”(idem:03).*

Como ressalta a autora, sujeito do enunciado, constituído na cultura, histórico portanto, e não descomprometido dos valores éticos de sua sociedade. Sujeito que constrói, como representação consciente de si, nas relações de contraste e identificação com os outros, a noção de identidade. Identidade do eu, que se constroe sempre como identidade de gênero<sup>3</sup>.

Para esta pesquisa é fundamental marcar a importância desta concepção de sujeito - inconsciente, que conta de seus desejos, de suas expectativas, de suas relações, suas identificações, suas faltas, suas escolhas, suas motivações, sem a pressuposição da dominância de uma vontade consciente.

<sup>3</sup> Para uma discussão mais aprofundada da questão, conferir Lago, 1999: *Identidade: a fragmentação do conceito*.

## 2.2 Algumas discussões de gênero

Os estudos de gênero no campo da psicologia são recentes e marcados pelo subjetivismo. Siqueira (1997) aponta estas preocupações, destacando que a psicologia tem resquícios de uma ciência a-histórica, dicotomizando sujeito e objeto do conhecimento,

*“... a Psicologia oscilou historicamente entre ter como objeto padrões de ação universais ou as diferenças individuais. Em ambos os casos, acabou por configurar um sujeito abstrato, compatível com a idéia de um ser homogêneo”*(Siqueira, 1997:275).

A autora destaca que é preciso:

*“... deslocar o eixo das análises do lugar da mulher como objeto de dominação masculina, para a questão da mulher como sujeito de sua constituição enquanto ser-no-mundo e dos múltiplos agenciamentos de subjetivação que produzem diferentes subjetividades”*(idem: 276).

A autora ressalta a importância de buscarmos desenvolver uma reflexão interdisciplinar sobre as questões de gênero, dialogando com outras áreas do conhecimento (Psicologia Social, Antropologia, Sociologia, História, Crítica Literária, Ciências Políticas e Educação).

Uma referência importante dos estudos de gênero anterior à utilização do conceito, foi a pesquisa da norte-americana Margareth Mead (1988), realizada na década de 30, com três comunidades diferentes na Nova Guiné - os *Arapesh*, os *Mondugumor* e os *Tchambulli* – em que a autora destaca que há um “descolamento” entre sexo biológico, temperamento inato e comportamento social. A partir deste estudo, inaugura-se um outro cenário, é introduzido um novo conceito operacionalizável nos chamados estudos femininos: o de papéis sexuais. O avanço, neste caso, está em demonstrar que o papel sexual é

socialmente construído, desvinculado da biologia e, portanto, permite que o sexo feminino apresente atributos masculinos e vice-versa.

Os estudos antropológicos têm apontado a constante desvalorização do pólo feminino nas mais variadas culturas humanas. Neste aspecto, Rosaldo (1979), apresenta discussões a respeito da carência de valor cultural atribuído à mulher, centralizando o homem como foco da valorização cultural.

*“A mulher pode ser importante, poderosa e influente, mas parece que em relação ao homem de sua idade e de seu status social, a mulher em todo o lugar carece de poder reconhecido e valorizado culturalmente”*(Rosaldo, 1979:33).

Miriam Grossi (1998), salienta que,

*“O conceito de gênero chegou até nós através das pesquisadoras norte-americanas que passaram a usar a categoria ‘gender’ para falar das ‘origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres’”* (Grossi, 1998:4).

A referência básica é o estudo de Joan Scott (1990), que conceitua gênero, como sendo:

*“(...) uma maneira de indicar ‘construções sociais’ - a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo esta definição, uma categoria social sobre um corpo sexuado”*(Scott, 1990:7).

Esta autora apresenta a categoria gênero como útil para a análise histórica, ressaltando que as relações estabelecidas entre os sexos, são permeadas pela questão de poder, como explicita sua concepção: *“... o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”* (idem:14).

Segundo Grossi e Miguel (1995), os estudos sobre a mulher no Brasil, acompanharam uma “linha evolutiva” – da condição feminina às relações de gênero, passando pelos papéis sexuais. Os estudos da condição feminina ocorreram nas décadas de 70/80 e foram fortemente influenciadas pelo feminismo. O conceito de gênero apareceu junto com as preocupações em relativizar a *condição feminina*. Mas, mesmo assim, segundo as autoras, em muitos trabalhos, o conceito de gênero continuou aparecendo como sinônimo de papel sexual, ao lado da concepção da mulher como universal. O desenvolvimento analítico do conceito não acompanhou sua generalização nos estudos feministas. As autoras não negam a contribuição de momentos anteriores e categorias específicas na evolução dos estudos, mas reforçam a importância de se resgatar o aspecto relacional do conceito de gênero.

### 2.3 Abordando homossexualidades

Michel Foucault (1988), afirma que a discussão sobre homossexualidade aparece apenas no século XIX

*“... na psiquiatria, na jurisprudência e na própria literatura, de toda uma série de discursos sobre as espécies e subespécies de homossexualidade, inversão, pederastia e ‘hermafroditismo psíquico’ permitiu, certamente, um avanço bem marcado dos controles sociais nessa região de ‘perversidade’; mas, também, possibilitou a constituição de um discurso de ‘reação’: a homossexualidade pôs-se a falar por si mesma, a reivindicar sua legitimidade ou sua ‘naturalidade’ e muitas vezes dentro do vocabulário e usando as categorias pelas quais era desqualificada do ponto de vista médico” (Foucault, 1988:96).*

A homossexualidade pode ser entendida como um tipo de manifestação da sexualidade humana onde as pessoas têm como objeto de desejo erótico, parceiros/as do mesmo sexo.

No texto de Fry e MacRae (1983), a questão abordada está centrada nos aspectos históricos, sociais e culturais da homossexualidade, e os autores partem de pressuposto

*“...que não há nenhuma verdade absoluta sobre o que é homossexualidade e que as idéias e práticas a ela associadas são produzidas historicamente no interior de sociedades concretas e que são intimamente relacionadas com o todo destas sociedades”*( Fry e MacRae, 1983:10).

Para Fry e MacRae, *“... a homossexualidade é uma infinita variação sobre um mesmo tema: o das relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo”* (idem:07).

Atualmente, multiplicaram-se os *discursos* sobre a homossexualidade e até na mídia, todos falam de gays e lésbicas. Para Fry, é comum confundir-se a existência de um fenômeno com sua visibilidade, e, assim, segundo ele, não se pode falar num aumento da homossexualidade. O que acontece é que no presente, devido aos movimentos sociais, os homossexuais se escondem menos e se assumem mais.

Fry (1982), em pesquisa sobre homossexualidade masculina no Brasil, fundamentando-se nos estudos de Louis Domunt (1985), desenvolve dois modelos históricos que caracterizam as relações homossexuais no Brasil, em diferentes contextos a saber: o modelo *hierárquico* - fundado no desempenho de papéis desiguais no relacionamento sexual e o modelo *igualitário* - fundado na escolha de parceiros. O primeiro define relacionamentos assimétricos – de dominação – e é vivenciado por homens e bichas, sendo que nele só um dos parceiros, a bicha (aquele que desempenha o papel passivo na relação sexual) é considerado homossexual<sup>4</sup>. Enquanto o segundo modelo é vivenciado por

---

<sup>4</sup> Cardoso (1994) realizou um estudo na comunidade pesqueira de Governador Celso Ramos-SC, onde discutiu, baseado em Fry, que os critérios de diferenciação para a “homossexualidade”, segundo seus informantes, estavam relacionados à posição desempenhada no ato sexual (“passivo” e “ativo”) e não no sexo do parceiro com quem se transava.

'entendidos', ambos homossexuais, praticando relações de igualdade, sem assimetria de papéis sexuais.

De acordo com o autor, o primeiro modelo, hierárquico, é encontrado com maior frequência entre camadas populares, em periferias urbanas e em cidades menores. O segundo modelo, importado dos Estados Unidos e Europa, é vivenciado mais comumente entre populações de camadas médias, escolarizadas, nos grandes centros urbanos.

Assim, segundo Fry, o surgimento, a partir da década de 60, de uma nova identidade sexual (o entendido), redefine a homossexualidade. Neste novo sistema, o/a entendido/a se relaciona com o/a entendido/a. Deixa de existir a relação assimétrica, do homem com a bicha. A partir deste momento, surge “... *a possibilidade e a aceitabilidade de relações sexuais - afetivas entre indivíduos semelhantes*” (Fry, 1982:94).

Jurandir Freire Costa (1992), propõe a substituição dos termos homossexualismo e homossexualidade, por homoerotismo. Com esta substituição o autor visa descolar o preconceito, tendo em vista que as primeiras denominações, que têm origem no modelo médico, tendem a continuar relacionando, para ele, a orientação homossexual à doença, anomalia, neurose, perversão, indecência, etc. Para o autor, homoerotismo refere-se, “... *meramente à possibilidade que têm certos sujeitos de sentir diversos tipos de atração erótica ou de se relacionar fisicamente de diversas maneiras com outros do mesmo sexo biológico*”(Costa, 1992:22).

Conforme tem sido destacado por várias pesquisas e mesmo nas observações do cotidiano, *homoerotismo* é a denominação mais utilizada pelos homossexuais que se auto identificam como 'entendidos'.

Sell (1987), produz uma obra onde trata das dores, da solidão e da permanente necessidade de construção e reconstrução de uma 'identidade homossexual'. Através da apresentação de depoimentos pessoais, a autora vai reconstituindo o 'universo homossexual', na Ilha de Santa Catarina. São histórias de vida que vão dando um panorama de como se constituía a vida de alguns homossexuais na capital catarinense. A autora observou que a maioria vivia no ocultamento.

Trevisan (1997), desenvolve uma discussão acerca do movimento homossexual no Brasil, que, segundo ele, está numa encruzilhada, pois a tônica não tem sido mais a busca de uma identidade homossexual original<sup>5</sup>, mas de integração social, de visibilidade. De acordo com ele,

*"... ou abandonamos definitivamente a luta por uma identidade original (com o fim dos movimentos reivindicatórios de direitos) ou nos integramos enquanto marginais sociais, apresentando um ponto de vista da margem (quanto mais apocalípticos, mais integrados; quanto mais capacidade de diversificar o desejo, maior função de cidadania)"*(Trevisan, 1997:30).

Nesta busca ampla da diversidade, o autor conclui: *"É preciso inventar nossa identidade todos os dias para que ela possa continuar perfeitamente periclitante e ambígua"*(idem).

Com relação à produção literária sobre a homossexualidade feminina, percebemos que os estudos e as publicações ainda são escassas. No final da década de 80, alguns trabalhos foram publicados no Brasil e são referências para novos estudos.

Um deles foi o desenvolvido pelo antropólogo Luiz Mott (1987), e que traça um panorama do lesbianismo no Brasil. Realiza um percurso histórico

---

<sup>5</sup> O autor está se referindo aqui, a grupos identitários em luta por reconhecimento e cidadania. Não está tratando de identidade de gênero de sujeitos particulares. Sobre o assunto, conferir Grossi (1998) e Lago (1998).

abrangendo trabalhos de médicos e juristas. Circula também pela literatura, música, cinema. O autor não oferece uma alternativa conceitual para a análise da homossexualidade feminina, pois suas pesquisas aprofundam reflexões sobre a homossexualidade masculina. Mas posiciona-se política e ideologicamente sobre ela, possibilitando o rompimento da visão médico/jurista e acreditando que homens e mulheres, ao assumirem publicamente sua homossexualidade, contribuirão para o rompimento dos preconceitos.

Destaca em seu estudo que a aparição histórica do lesbianismo, segundo alguns autores, deu-se no século VI, na ilha Grega de Lesbos, hoje chamada Mitilene, onde viveu a poetisa Safo, autora de livros de poemas que foram queimados em Roma, mas dos quais restaram alguns fragmentos que nos trazem discretamente os encantos do amor entre mulheres. Safo fora considerada a maior poetisa da antigüidade, e para o helenista inglês J. A. Symonds “... o mundo não sofreu maior perda literária do que a perda dos poemas de Safo. Perderam-se os anéis, ficaram os dedos ... e a semente do homoerotismo feminino estava lançada”(apud Mott, p.21).

A respeito da consideração de Safo como homossexual, Lardinois (1995) chama a atenção para o fato de que precisamos ter cuidado, pois as informações sobre as inclinações sexuais da poetisa são escassas e até hoje os estudiosos não chegaram a um consenso, podendo apenas

*“... concluir que, no caso de Safo, estamos, no máximo, diante de relacionamentos breves entre uma mulher adulta e uma jovem prestes a se casar. Chamar de ‘lésbicas’ essas relações é um anacronismo. É impossível avaliar se a palavra se aplica à própria Safo ou à sua vida íntima. Na verdade, essa é uma questão sem sentido. Mesmo se, pelos padrões modernos, Safo devesse ser considerada lésbica, sua experiência deve ter sido muito diferente, vivendo, tal como viveu, em uma era diferente com diferentes noções e tipos de sexualidade”(Lardinois, 1995:50).*

Outro trabalho produzido na época pela psicóloga Denise Portinari (1989) centra suas discussões nas questões da linguagem, do sujeito e do imaginário, e de como é construído o discurso da homossexualidade feminina. A autora ressalta que, “... a linguagem é um turbilhão e nos usa mais do que nós a usamos. Ela nos carrega, molda, fixa, modifica, esmaga...”(p.18).

Define linguagem como:

*“... entendo por linguagem não só a língua, mas o discurso; não só a fala, mas o texto, a imagem, o gesto e o som; não só a palavra, o ritmo, o tom e o estilo; não só o dito, mas sobretudo o não dito, o repetido, o implícito e o indizível, que são as sombras maiores de todo dizer”*(Portinari, 1989:24).

Portinari faz uma reflexão a partir dos discursos que são produzidos sobre o lesbianismo, buscando seguir o rastro de algumas falas, analisando desta forma diversos contextos.

Posteriormente, a antropóloga Jacqueline Muniz (1992) apresenta aspectos que distinguem a homossexualidade feminina através de um discurso construído e que privilegia o amor romântico. Salienta que,

*“... o amor lésbico, aparecendo como um sentimento que se coloca para além da plenitude, empresta ao homoerotismo feminino uma marca distintiva, isto é, um tipo de divisor de águas porque promete distingui-lo no conjunto das vivências erótico-afetivas”*(Muniz, 1992:145).

Este destaque concedido ao amor aparece em seu texto como uma decorrência da associação cultural entre mulher e sentimento. Conclui a autora que freqüentemente são atribuídas ao gênero feminino características como sensibilidade, romantismo, etc, “... reeditadas no universo lésbico”(idem: 149).

Maria Luiza Heilborn (1992), em seu estudo faz referências tanto a Portinari, quanto a Muniz, destacando, a partir da compreensão destas autoras, que o discurso do lesbianismo compõem-se de enunciados como: a invisibilidade, a intradutibilidade e a sensibilidade. Ressalta que a homossexualidade feminina tem princípios nas relações afetivo-sexuais que se contrapõem à versão masculina, como salienta:

*“De um ponto de vista contrastivo tal perfil apresenta-se estruturalmente constante, mesmo quando os pares de mulheres são ordenados internamente pela distribuição dos papéis de gênero. Construindo-se um tipo ideal em que os traços pertinentes são intencionalmente enfatizados, a homossexualidade feminina mostra-se congruente com o leque de propriedades simbólicas atribuídas ao gênero feminino: menor diferenciação, menor marcação, centripetismo. (Heilborn, 1992:174-175).*

Aquino (1995), em pesquisa realizada em Porto Alegre-RS<sup>6</sup>, cujo objetivo central era verificar os processos de construção e manutenção de uma identidade lésbica, observa que *“... há uma multiplicidade de estilos de vida e de escolhas do lesbianismo, que se expressam nas classificações, definições, nominações e hierarquizações da própria conduta homossexual”* (Aquino, 1995:79).

O trabalho do autor, que se fundamenta em Fry, contribui para a discussão dos papéis de gênero atribuídos às mulheres lésbicas. Segundo ele,

*“Vemos configurar-se, então, dois “tipos” de passivas/ativas: 1) a partir dos papéis de gênero (vida social) e 2) a partir do comportamento sexual (vida sexual). Muitas vezes, os dois “tipos” são decorrentes e outras antagônicos”*(idem:85).

Na verdade, o autor quer destacar as assimetrias entre os relacionamentos lésbicos que se configuram no dia-a-dia, a partir dos papéis atribuídos aos

<sup>6</sup> A pesquisa foi realizada entre os anos de 1987 e 1991. O texto em discussão é capítulo da dissertação de mestrado do autor.

homens e mulheres. Ou seja, muitas parcerias homossexuais (masculinas ou femininas) vivenciam papéis assimétricos, tanto nas tarefas cotidianas, como no relacionamento sexual, repetindo os modelos de relacionamentos heterossexuais.

O mestrado em Psicologia da UFSC produziu dois estudos sobre homossexualidade em Florianópolis. Dias (1998), fundamentado no rastreamento da questão da homossexualidade e da feminilidade na obra de Freud (com Lacan), analisa as representações expressas nos relatos de três jovens lésbicas de camadas populares da capital, neles destacando questões de construção de subjetividades, identidade, identificações infantis, relacionamentos familiares, com as parceiras, etc.

Córdova (2000), realiza um estudo etnográfico sobre as trajetórias pessoais e a vida conjugal entre gays e lésbicas no interior da ilha. Destaca que são sujeitos com arranjos conjugais norteados por valores tradicionais, enfatizando o amor romântico, apoiados em padrões de fidelidade, honestidade e lealdade. Revela que existe muito preconceito e discriminação, e que o “silêncio” e a “discrição” ainda aparecem como normas para uma boa convivência social. Apresenta o discurso do dono de uma venda que afirma não haver problema na frequência dos homossexuais no seu estabelecimento comercial “... *mas solicita deles um certo decoro, não ‘paquerar’ os demais freqüentadores – heteros – por exemplo*” (Córdova, 2000:206).

É revelador do maior encobrimento da homossexualidade feminina, o próprio fato do livro de Fry e MacRae que trata da homossexualidade masculina, ter sido publicado em 1980 e o texto de Tania Navarro-Swain (2000) sobre o lesbianismo, só ter sido publicado agora. A coleção Primeiros Passos trata de assuntos de interesse atual que são encomendados a especialistas pela editora Brasiliense, destinados à leitura de alunos de nível médio e de graduação. Apesar de saber que esta editora sofreu sérios revezes financeiros na década passada, não

deixa de ser significativo que o texto sobre lesbianismo só tenha sido publicado em 2000.

Navarro-Swain (2000) em seu texto procura dar uma visão panorâmica do lesbianismo, desde a Grécia Antiga até os dias de hoje, ressaltando a importância da visibilidade do movimento lésbico, na tentativa da desconstrução de preconceitos. Paola Patassini na seção de “Leituras” da Revista Um Outro Olhar (2000), editada há 14 anos pelo movimento lésbico de São Paulo, salienta que a autora poderia ter esclarecido melhor a diferença entre identidade sexual e orientação sexual, pois as pessoas acabam fazendo confusão pensando que lésbica não é mulher. Outro aspecto destacado por Paola é a respeito da definição do que é lesbianismo, pois Navarro-Swain não chega a uma conclusão,

*“Assim, o final pode ser um pouco frustrante para quem procura uma definição pronta e objetiva entre as subjetividades contextualizadas pela autora. Isso induz a pensar e a refletir, a partir das questões levantadas no livro, o quanto a construção histórica e cultural da palavra lésbica, em uma sociedade patriarcal, está contaminada pelo preconceito e por sua constante redução a atos sexuais”*(Patassini, 2000:12).

Esta produção é significativa para o debate acerca da homossexualidade feminina, pois abre caminhos para o desenvolvimento de outros estudos e olhares a respeito do tema. São os referenciais que serviram de base para as análises dos relatos produzidos pelas mulheres, bem como para a discussão desta dissertação como um todo.

Em artigo em que analisa a historicidade do conceito de gênero, Guacira Louro (1996) enfatiza a importância de vários movimentos para ou dentro dos movimentos feministas, no sentido da desconstrução de concepções universalizantes de homem e mulher, que as estratégias políticas de busca de identidade correm o perigo de estabelecer.

*"... outros grupos, como, por exemplo, os de homossexuais masculinos e femininos, passaram a pôr em questão as conceituações singulares, com pretensões universais e até mesmo trans-históricas de homem e mulher"(1996:07).*

No volume de sua trilogia em que trata do poder das identidades, Manuel Castells (1999) analisa o potencial revolucionário dos movimentos sociais (feministas e outros) no sentido de, ao minarem a constituição patriarcal da família, contribuir para mudanças estruturais das sociedades, promovendo transformações sociais verdadeiramente abrangentes e significativas.

*"... tendo como pano de fundo a transformação econômica e tecnológica, o patriarcalismo foi atingido pelo desenvolvimento do movimento feminista, consequência dos movimentos sociais da década de 60 (...). O impacto dos movimentos sociais, e do feminismo em particular, nas relações entre os sexos deu impulso a uma poderosa onda de choque: o questionamento da heterossexualidade como norma (...). O impacto dos movimentos de lésbicas e gays sobre o patriarcalismo é, obviamente, devastador (...) o patriarcalismo (...) ficou definitivamente combalido em consequência do enfraquecimento da norma heterossexual"(idem: 171-172).*

Na continuidade de seu texto, o autor ainda reforça

*"os movimentos lésbico e gay não são simples movimentos em defesa do direito humano básico de escolher a quem e como amar. São também expressões poderosas de identidade sexual e, portanto, de liberação sexual. Esses movimentos desafiam algumas das estruturas milenares sobre as quais as sociedades foram historicamente construídas: repressão sexual e heterossexualidade compulsória"(idem: 256).*

As contribuições mais importantes e atuais aos estudos de gênero, têm sido dadas por teóricas/os dos movimentos lésbicos e gays, nos chamados estudos "queer"<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> "O termo 'queer' tem sido usado, na literatura anglo-saxônica, para englobar os termos 'gay' e 'lésbica'. Historicamente, 'queer' tem sido empregado para se referir, de forma depreciativa, às pessoas homossexuais. Sua utilização pelos ativistas dos movimentos homossexuais constitui uma tentativa de recuperação da palavra, revertendo sua conotação negativa original. Essa utilização renovada da palavra 'queer' joga também com um de seus outros significados, o de 'estranho'. Os movimentos homossexuais falam, assim de uma política *queer* ou de uma teoria *queer*". (Nota do Tradutor Tomaz Tadeu da Silva in: Louro, 2000:171-172).

Judith Butler, uma das autoras importantes para esta área de estudos, questiona as concepções de sexo como natureza e gênero como construção cultural fundada na diferença sexual, que opõem sexo - gênero, numa reedição da clássica oposição binária natureza - cultura. Ela se coloca no meio da discussão essencialismo X construcionismo, afirmando que o construcionismo se arrisca a cair novamente em explicações essencialistas: se tudo é construído (pelo discurso), quem constrói (o discurso)?

Partindo da noção, inspirada em Foucault, de que toda força regulatória se manifesta como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir o que ela controla, a autora propõe a desconstrução desta oposição idealismo X materialismo, pelo uso da concepção de performatividade, entendendo

*"... performatividade como aquele poder reiterativo do discurso para produzir os fenômenos que ele regula e constrange" (155) "... a performatividade deve ser compreendida não como um 'ato' singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia" (Butler, 2000:154).*

Neste artigo a autora procura demonstrar que

*"... as normas regulatórias do 'sexo' trabalham de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual"(idem: 154).*

Perguntando-se pelas condições de emergência e operação do sujeito em uma matriz generificada de relações, Butler ressalta que esta produção de sujeitos é excludente, produzindo também os que ficam à margem

*"... pois a construção do humano é uma operação diferencial que produz o mais e menos 'humano', o inumano, o humanamente impensável. Esses locais excluídos vêm a limitar o 'humano' com seu exterior constitutivo, e a assombrar aquelas fronteiras com a persistente possibilidade de sua perturbação e rearticulação"(idem: 161).*

Escritos como o de Butler complexificam as próprias concepções construcionistas de gêneros, de sujeitos e de identidades.

### 3. Método

Esta pesquisa realizou uma análise qualitativa, baseada nos pressupostos do método etnográfico. Através da gravação de entrevistas abertas, procurei obter depoimentos e histórias de vida de algumas mulheres lésbicas residentes em Florianópolis.

Conforme Cláudia Fonseca (1998), a etnografia é quase um protótipo do método qualitativo, pois está “... calcada numa ciência, por excelência, do concreto. O ponto de partida deste método é a interação entre pesquisador e seus objetos, ‘nativos em carne e osso’” (Fonseca, 1998:2). A autora, fundamentada em Clifford Geertz, salienta que “na pesquisa de campo, queremos antes de tudo entender o que ‘está sendo dito’ por nossos interlocutores”(idem).

Segundo ela, um destaque importante do método etnográfico é que, a partir da observação participante (do particular ao geral) se busca a interpretação com um olhar comparativo, alimentado pela leitura de outras pesquisas.

Queiroz (1988), aborda a discussão de relatos orais, diferenciando as histórias de vida, dos depoimentos. Define história de vida

*“...como o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstruir a experiência que adquiriu. Narrativa linear e individual dos acontecimentos que nele considera significativos, através dela se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, de sua sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar”(Queiroz, 1988:20).*

São ficções criadas que ajudam o narrador a se apresentar. Um discurso que nem sempre é compatível com a prática, pois aponta apenas o modo como o

sujeito significa suas vivências. A autora chama a atenção para uma questão que é fundamental na utilização da história de vida:

*“Avanços e recuos marcam as histórias de vida; e o bom pesquisador não interfere para restabelecer cronologias, pois sabe que também estas variações no tempo podem constituir indícios de algo que permitirá a formulação de inferências; na coleta de histórias de vida, a interferência do pesquisador seria preferencialmente mínima”*(op. cit. p.21).

Já nos depoimentos *“... o colóquio é dirigido diretamente pelo pesquisador: pode fazê-lo com maior ou menor sutileza, mas na verdade tem nas mãos o fio da meada e conduz a entrevista”*(op. cit. p.21).

Queiroz salienta que a história de vida tem seu reaparecimento nas pesquisas brasileiras na psicologia social, tendo como objetivo *“... o esclarecimento de problemas da memória enquanto atributo humano estreitamente dependente da vida social e por esta alimentada”*(op. cit. p.33).

Como a investigação em questão era familiar, pois já havia realizado uma pesquisa sobre o tema e a maioria das informantes eram conhecidas, recorri à Da Matta (1978) que ressalta a questão da observação do *familiar* em pesquisas etnográficas: *“...vestir a capa de etnólogo é aprender a realizar uma dupla tarefa que pode ser grosseiramente contida nas seguintes fórmulas: a) transformar o exótico no familiar e/ou b) transformar o familiar em exótico”*(Da Matta, 1978:28).

Entrevistei dez mulheres que se dispuseram a me contar detalhes de suas vidas. Quatro delas já haviam sido entrevistadas para a pesquisa que realizei anteriormente. Sempre que realizava uma entrevista, a própria informante indicava uma colega para que fosse também ouvida. Este foi um fato que facilitou o contato com as informantes, possibilitando o estabelecimento de uma rede social de relações.

As entrevistas transcorreram normalmente e tiveram duração de cerca de uma hora a duas horas e trinta minutos. Foram realizadas em diferentes espaços. Cinco informantes foram entrevistadas em minha casa, porque as mulheres diziam que ali ficariam mais à vontade, pois moravam na casa dos pais, ou não tinham um espaço onde pudessem falar livremente sobre suas vivências. Quatro entrevistas foram feitas na própria residência das informantes, sendo que estas moravam com as namoradas. Apenas uma entrevista foi realizada em um espaço neutro, ou seja, nas proximidades da casa da informante, que morava com os pais. Com algumas entrevistadas mantive mais de um contato, possibilitando obter maiores informações sobre elas.

O trabalho de campo foi desenvolvido entre janeiro de 1999 e fevereiro de 2000. As entrevistas foram todas gravadas para posterior transcrição. O roteiro destas, embora se caracterizasse como aberto, continha questões que ajudavam a questionar as entrevistadas, tais como o começo de sua auto-percepção como homossexuais, seus relacionamentos familiares com mãe, pai, irmãos, filhos, relacionamentos cotidianos e sexuais com parceiras fixas ou ocasionais, projetos para o futuro, etc. Indagações que pretendiam obter as representações das informantes sobre suas vivências.

Consegui obter, em geral, os relatos das mulheres que pretendia entrevistar. Os imprevistos foram apenas trocas de horário e dias de entrevista, em decorrência de impedimentos momentâneos de algumas informantes. Nenhuma recusa aconteceu, pelo contrário, encontrei muitas mulheres querendo conceder entrevista e contribuir para o trabalho.

O diário de campo também foi largamente utilizado, acompanhando todas as situações de pesquisa. Destaco a importância do diário de campo que, além de abrigar as anotações sobre aquilo que observei nas situações do trabalho empírico, trazia meus desenhos, mapas e lembretes de notícias referentes ao

tema. Lago (1996), em seu estudo sobre sujeitos no processo de urbanização da ilha, salienta a importância de se caracterizar os sujeitos pesquisados, retratando seus modos de vida, descrevendo os locais da pesquisa, as origens dos informantes, descendência, profissão, nível de escolaridade, entre outros aspectos, pois permitem explicitar de quem se está falando.

Tendo conseguido um número satisfatório de entrevistas, fiz os recortes, buscando analisar as narrativas obtidas, atenta ao roteiro de pesquisa.

Nesta etapa, Fonseca destaca a importância de procurarmos combater as análises centradas no 'individualismo metodológico', insistindo nos aspectos sociais, não isolando os sujeitos de seu contexto. Ela nos chama a atenção para os extremos, de um lado o 'individualismo metodológico', que sacraliza o indivíduo, e de outro, o 'sociologismo' que tende para a reificação do social. Para prevenir estes exageros, afirma que "*... nossos modelos são criações abstratas, cunhadas para ajudar-nos (...) a fazer sentido daqueles 'outros'*" (Fonseca, 1998:33).

As informantes possuíam idades entre 25 anos e 50 e poucos anos (cinco de 20 a 30 anos, quatro de 30 a 45 anos e uma na faixa dos 50 anos). Com relação à procedência, três vieram do interior de Estado de Santa Catarina e as outras sete eram oriundas da Grande Florianópolis.

Em termos de escolaridade, apenas uma possuía pós-graduação completa, duas estavam cursando pós-graduação, cinco tinham o ensino médio completo e duas, o ensino fundamental incompleto.

A atividade profissional das informantes era diversificada, duas se identificavam como 'biscateiras', ou seja, desenvolviam pequenos serviços na área da construção civil. Três trabalhavam na área do comércio (atendente de

lanchonete, balconista, auxiliar de processamento de dados). Uma possuía um pequeno comércio (lanches e salgadinhos). Três eram professoras e uma, auxiliar de enfermagem.

Como se pode perceber através dos dados sobre seus níveis de escolaridade e atividades profissionais, as informantes, sujeitos desta pesquisa, tinham posições sociais diferenciadas. Inseridas numa sociedade complexa, zona urbana, algumas destas mulheres moravam em Florianópolis<sup>8</sup>, cidade de porte médio mas centro de uma região em processo de metropolização, outras habitavam os bairros periféricos da capital, ou de municípios do seu entorno. Em termos de inserção social, posso dizer que, enquanto a maioria das informantes pertencia às camadas médias, duas delas podiam ser caracterizadas como pertencentes às camadas populares (ou classes trabalhadoras)<sup>8</sup> enquanto outras ainda, transitavam em situações fronteiriças entre as classes populares e camadas médias.

### 3.1 Relendo o Diário de Campo

Durante a realização do trabalho de campo estive atenta às notícias e eventos que aconteciam na cidade e que eram significativos para minhas informantes. Convidada por algumas delas, participei de diferentes acontecimentos, como a passeata do orgulho gay de 1999 e um show com a cantora Zélia Duncan.

A passeata teve seu início em frente à Chandon<sup>9</sup>. Chegamos por volta das 18 horas, já tinha algumas pessoas, algumas drags<sup>10</sup> e muitos repórteres. Observei

<sup>8</sup> Sobre a questão, conferir Lago (1996) e Moisés (1978) e Durham (1986), apud Lago 1996.

<sup>9</sup> É uma danceteria noturna dirigida ao público GLS (Gays, lésbicas e simpatizantes. A expressão não significa exatamente um grupo ou organização. Trata-se de uma sigla de adesão ou de posicionamento político favorável à homossexualidade). Localiza-se na rua Henrique Valgas, 112, Centro-Fpolis-SC. A mesma existe na cidade desde 1985. Fechou durante um período e reabriu em 1993. Funcionou até agosto de 1998 na rua Felipe Schmidt, 760, Centro, quando mudou-se para o endereço atual.

<sup>10</sup> Dragqueens são homens que normalmente animam festas. Vestem-se ou produzem-se, com roupa feminina para estes eventos. A expressão mais usada e conhecida para esta transformação é 'montado'.

o DC, O ESTADO, RBS TV, SBT<sup>11</sup>. Aos poucos as pessoas se aproximavam, gays, lésbicas e alguns curiosos. As drags dançavam muito alegres, brincando com todos. Por volta das 19 horas iniciou a passeata comandada por um carro de som, o carro abre-alas onde estava a drag madrinha da passeata, Leo Akila, de São Paulo. Na verdade não foi uma passeata, pois somente os homens que estavam ‘montados’ é que estavam andando. A passeata virou uma carreata, com buzinas tocando e pisca alerta ligado. No meio da carreata tinha também um caminhão que levou muitos homens ‘montados’, algumas mulheres e a drag-queen Vogue, famosa em Florianópolis.

A carreata saiu de frente da Chandon e percorreu a Beira-Mar, a avenida Mauro Ramos e retornou à danceteria. No caminho, o microfone era repassado pelo organizador do evento à drag madrinha que discursava: “*Não temos que ter orgulho de ser gay, mas de sermos seres humanos*”. O microfone também foi repassado à ‘*Céia Penteluda*’, que havia sido eleita a *Rainha Pop Gay – Carnaval 99*. A reação do público era diversa. Alguns aplaudiam, buzonavam, mas de maneira geral, todos correram às ruas para ouvir e observar o que estava acontecendo. O que pude perceber foi que a participação das mulheres foi mínima. Algumas muito tímidas nos carros. Na verdade, os homens que mostravam suas caras, na rua, estavam ‘montados’. Outros preferiam participar da carreata. Ao encerrar a carreata em frente à Chandon, o organizador convidou a todos para participarem de uma festa na danceteria, com bilheteria livre para quem estava ‘montado’.

Em meados de outubro, na última hora, duas de minhas informantes avisaram-me sobre o show com a cantora Zelia Duncan, convidando-me para acompanhá-las. Particpei deste evento que aconteceu no Centro Sul (Centro de Convenções), em uma festa organizada pela prefeitura municipal de Florianópolis. Ficamos bem próximas do palco. Estavam presentes muitas

---

<sup>11</sup> Veículos da mídia escrita e televisiva da cidade.

mulheres que cantavam animadas, participando do show. Algumas chamavam pela cantora em voz alta e ao final, muitas mulheres foram até o camarim pegar seu autógrafo.

Esta cantora consegue agregar em seus shows muitas mulheres lésbicas, e, é 'cultuada' como adepta de práticas homossexuais, principalmente pelas letras das músicas que canta, embora ela nunca tenha se declarado homossexual.

Zélia Duncan, assim como outras cantoras da música popular, conseguem destacar em suas performances, as mais variadas sexualidades. Sendo assim, neste show em especial, pude perceber as faces fluídas e híbridas das pessoas que assistiam ao espetáculo. As mulheres sobretudo, sentiam-se muito confortáveis. Percebi naquele evento que eu estava simultaneamente num espaço verdadeiro e ilusório. Verdadeiro porque era assegurado pelas palavras entoadas pela cantora que levava o público ao *frenesi*, e ilusório porque estávamos muito longe das paredes seguras do gueto. E foi então, que percebi que estava diante de um 'pedaço'<sup>12</sup>, conforme estudou Magnani (1998), pois embora nem todos se conhecessem, as mulheres conseguiam estabelecer um código e se reconheciam

*"... venham de onde vierem, trazem na roupa, na postura corporal, na linguagem, os sinais exteriores de seu pertencimento. Por causa dessa ênfase mais nos aspectos simbólicos, aqui o pedaço é menos dependente da variável territorial: se for o caso, muda-se de ponto e pronto"*(Magnani, 1998:12).

Era uma situação que se configurava na transitoriedade, com códigos próprios estabelecidos naquele momento, naquele cenário, onde o palco do Centro Sul, tipicamente tradicional, abre suas cortinas para um outro show, com outras cores, outras linguagens.

No início deste trabalho pensei em identificar as minhas informantes

---

<sup>12</sup> Este conceito faz parte do estudo de Magnani (1998) que será discutido no decorrer do trabalho.

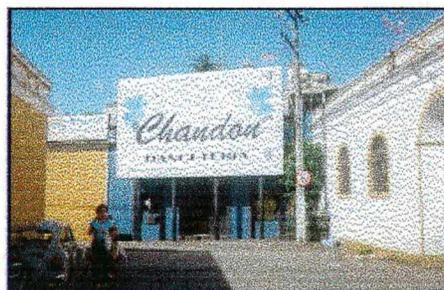
pelo nome de cantoras famosas da música popular brasileira, que são 'conhecidas' pelo público GLS como favoráveis ao amor entre iguais. Mas, acabei optando por identificá-las de outra forma porque a maioria destas cantoras não se declaram homossexuais.

### **3.2 Ensaando a etnografia de alguns espaços de sociabilidade gay**

Nos relatos produzidos as mulheres falaram muito de seus espaços de encontros e diversão, aguçando minha curiosidade no sentido de conhecê-los. Assim, circulei por estes ambientes durante a pesquisa, tentando descrever os locais de sociabilidade gay freqüentados por minhas informantes. Procurei adentrar suas paredes participando dos grupos e atenta às representações das próprias mulheres sobre estes espaços.

A seguir, apresento uma tentativa de descrição etnográfica de ambientes onde circulei durante a pesquisa, na busca de elementos para discutir e entender os relacionamentos lésbicos.

#### **Saídas noturnas na Danceteria Chandon**



Antes de iniciar o trabalho de campo na danceteria mantive contato com vários gays e lésbicas residentes em Florianópolis (professores, psicólogos, pesquisadores, comerciantes, etc.) que já haviam freqüentado a Chandon, ou conheciam outros ambientes gays. Este primeiro contato teve como objetivo buscar informações sobre as boates e bares freqüentados pelo público GLS da cidade.

Uma de minhas informantes que conhece boates e bares gays, prontificou-se a me acompanhar nas visitas à danceteria e tentar um encontro com o dono da Chandon, no sentido de me auxiliar na pesquisa.

No primeiro dia (domingo) em que fui à danceteria com minha informante, só estava funcionando um dos espaços de dança. Por volta das 23h chegamos ao local. Ia sendo apresentada aos amigos da informante como a 'pessoa' que estava fazendo uma pesquisa sobre bares e boates gays em Florianópolis e todos pareciam curiosos sobre o trabalho em questão. Alguns até falavam sobre os atrativos da danceteria. Quase todos com quem conversei e a quem fui apresentada falaram que o melhor dia para conhecer a Chandon não seria o domingo, e, sim um sábado, pois seria este o dia de 'pique', em que "*... a casa fica lotada*" (fala de uma informante).

A danceteria possui duas pistas para dança, sendo que neste dia só estava funcionando o espaço dois. Este, onde ficamos, tem um palco para shows, uma pista de dança, um bar, um telão, tele paquera, quarto escuro, sala de vídeos e gaiolas onde as pessoas dançam individualmente, a dança servindo como motivo para a exibição do corpo. Tem sofás onde as pessoas namoram e conversam. Para decorar o espaço há plantas, um aquário e estátuas de anjinhos.

No primeiro espaço, que estava fechado neste dia, fui informada que tem

uma pista de dança, um bar, uma sala de sinuca, uma televisão, mesas, sex-shop e guarda volumes, sendo a decoração bastante simples, somente com plantas.

Através do contato com as mulheres na danceteria, fui convidada a participar de um evento que aconteceria na boate, em outra data.

Outro momento em que estive no local, fui acompanhada de minha informante Débora para conversar com o gerente. Chegando lá aguardamos um pouco e, em seguida o mesmo nos atendeu. Expliquei-lhe os meus objetivos. Ele destacou que a Chandon funciona no atual endereço desde agosto de 1998 e que é freqüentada predominantemente por um público GLS, pois o seu objetivo é atingir esta clientela. Destacou ainda que o público que freqüenta a sua casa é predominantemente de pessoas oriundas de camadas médias. Perguntei sobre os shows e o mesmo informou que a Chandon só realiza uma vez ao mês o show *Dandara uma e meia*. Promove outras festas como Natal, Reveillon e Carnaval. Os outros shows que acontecem são de promotores independentes.

O gerente destacou que a danceteria tem três ambientes, comportando aproximadamente 1500 pessoas. No primeiro, onde nos atendeu, o som é nacional, com muito axé e pagode. Perguntei a ele se havia lugares diferenciados para mulheres e homens, ele respondeu: " *este espaço foi criado para as mulheres*". O segundo ambiente é o que estava aberto no domingo. O som é *techno*. O terceiro espaço é do tele paquera com treze cabines, algumas mesas, duas televisões e um bar. Além dos três ambientes, a Chandon possui outros atrativos: local para sinuca, para vídeos, quarto escuro. A gerência destaca que estes atrativos são para diversificar, mostrar algo diferente, e que foram criados principalmente a partir de conversas com a clientela. Neste momento podemos destacar que esta *clientela* de que o gerente fala, são pessoas que buscam alternativas para as formas de diversão que a sociedade tradicional oferece. Buscam no lazer e na descontração criar situações lúdicas e concomitantemente

prazerosas. O gerente destacou que, tradicionalmente, aos sábados a danceteria lota. Segundo ele, o local é calmo, a convivência é pacífica, tanto é que possui somente dois ou três seguranças.

De onde estávamos sentados, chamaram a minha atenção as vitrines, uma com cartões e camisetas da Chandon e a outra com produtos de *sex shop*. O gerente destacou que as pessoas compram a camiseta como lembrança; não seriam usadas para propaganda, pois esta é feita basicamente boca a boca, pelos clientes. Já no *sex shop* é mais difícil a compra, mas este tem à disposição dos clientes vibrador, camisinha divertida, camisinha comestível, camisinha comum, creme, tapa sexo e um pênis de pelúcia enorme. Em seguida, perguntei ao gerente se poderia conhecer os espaços da danceteria, o que fiz acompanhada da minha informante, pois ele estava ocupado. Aliás, atendeu-nos muito bem, mas com extrema reserva, diria com timidez.

A curiosidade era muita: andei por todos os ambientes durante o dia, tentando entender o que movia aqueles corpos na magia da noite. Circulamos primeiramente no ambiente onde conversávamos, que possui o bar e alguns sofás próximos. Observei os quadros que compõem a decoração, juntamente com um vaso de plantas. O espaço contínuo, de aproximadamente sete metros quadrados, circundado por uma espécie de sofá com mesas à frente, tem espelhos por toda a parede. Próximo ao bar, subimos as escadas que nos levaram à sala de sinuca, a qual possui duas mesas para jogos. Em seguida, dirigimo-nos ao terceiro ambiente, mais particularmente ao *tele paquera*, ao qual se tem acesso por escadas em caracol, que também acessam às *gaiolas*. O *tele paquera* possui 13 cabines, duas tv e o bar. A curiosidade ia sendo aguçada, inclusive com relação à decoração de balões que enfeitava o segundo espaço. Esta decoração não é comum, neste dia várias pessoas circulavam alegremente, arrumando o ambiente para uma festa de quinze anos da irmã de um funcionário, que iria acontecer à noite. Foi curioso observar tudo isso de cima, nas *gaiolas*, aquelas pessoas todas

agitando-se animadamente. Uma festa de quinze anos em uma danceteria GLS?

Circulamos bastante neste recinto. Fomos à sala de vídeo que possui uma tv grande e poltronas para o público assistir. Da sala de vídeo, descemos e fomos ao quarto escuro, que só possui poltronas. Ainda neste segundo ambiente da danceteria tem poltronas, o palco para shows, o bar, o telão, um aquário, dois banheiros, cabine para compra de tickets para o bar. Existe também um espaço reservado próximo ao palco, onde estão os camarotes e que possui sete mesas, rodeadas de dois sofás, um de cada lado. O uso deste ambiente é feito através de reserva.

Aproveitamos este momento para conversar com a moça que fica na bilheteria entregando os passaportes da Chandon, que são distribuídos de segunda a sábado e que implicam em pagamento de entrada e consumo mínimo. Existem dois tipos de passaportes. Um custando R\$ 4,00 e exigindo um consumo mínimo de R\$ 6,00. O outro de R\$ 7,00 com consumo mínimo de R\$ 3,00. Quanto aos preços, 5ª feira é livre, sexta-feira o ingresso custa R\$ 10,00 (existem casos de consumação somente quando não há shows), sábado R\$ 10,00 (consumação de R\$ 6,00 ou R\$ 3,00, somente com a apresentação do passaporte), domingo R\$ 5,00 de consumação. Dos atrativos da danceteria, somente o que é pago é o espaço dos camarotes que custa R\$ 25,00 de consumação, sendo que nas sextas-feiras os sócios não pagam<sup>13</sup>. Perguntei ao gerente se poderia tirar fotos das partes internas da Chandon e ele respondeu que não. Salientou que teve uma arquiteta fazendo um trabalho e que também não permitiram. Não quis entrar em detalhes, somente disse que estava cumprindo ordens.

Minha próxima visita à danceteria ocorreu numa sexta-feira. Chegamos num grupo de amigos por volta da meia noite e trinta minutos. A noite prometia

---

<sup>13</sup> Não consegui maiores informações sobre os sócios. Somente que os mesmos têm acesso gratuito neste dia da semana.

ser agitada, pois estava acontecendo um show. Circulamos um pouco no recinto e em seguida fomos ao segundo espaço, onde aconteceria um show de stripper e, após, um outro com a transformista Dandara Rangel. Aproveitamos que a noite estava iniciando e fomos conhecer a sala de vídeos, o quarto escuro, ‘brincamos’ no tele paquera, na sala de sinuca, enfim, pretendíamos explorar o ambiente.

Nas mesas havia um jornal do Grupo Dignidade de Curitiba-PR, que objetivava possibilitar o acesso a informações acerca dos modos de vida GLS. Chamou-me a atenção a página três que, no seu todo, continha uma propaganda dos atrativos da Chandon Danceteria. O tempo passava e as pessoas iam chegando, principalmente homens. Por volta da uma hora começou o show de música popular brasileira (MPB) com uma banda da cidade, no primeiro ambiente, que era ocupado principalmente pelas mulheres.

Por volta das duas hora e trinta minutos começou o Stripper Show no ambiente dois, com streap-tease masculino que deixou o público assistente, eminentemente masculino, em delírio. Eram quatro horas da manhã e o show de Dandara Rangel não acontecia. O cansaço já dominava e fui embora sem assisti-lo. Com relação a isso cabe comentar que as coisas acontecem bastante tarde, ou seja, na madrugada. De qualquer maneira, era uma sexta-feira cheia de atrativos que envolviam o público. Aliás, o público desta noite mais uma vez era predominantemente masculino. Chamavam a atenção algumas ‘garotas de programa’<sup>14</sup>, que do alto, nas famosas ‘gaiolas’, dançavam. As ‘gaiolas’ são locais onde todos os gays, lésbicas, travestis, garotas de programa costumam dançar e se divertir. Este espaço merece uma discussão ou alguns questionamentos, pois é disputado por todos os frequentadores da Chandon: é um espaço de destaque? um bom lugar para paquerar? um lugar para exhibir-se?

---

<sup>14</sup> Não conversei com estas garotas. Fui informada por minha cicerone que eram garotas de programa e que normalmente frequentam a Chandon por convite das lésbicas, como forma de fazer uma “mídia”, conforme ressaltou minha informante.

Visitei a boate mais uma vez, num sábado. Cheguei por volta de uma hora e trinta minutos. As ruas próximas, com locais para estacionamento, estavam lotadas de veículos. Tive dificuldade para estacionar. Em frente à boate havia uma fila para a compra de ingressos. Como consegui entrar gratuitamente através de minha informante, não precisei enfrentar a fila, somente apresentei minha identidade ao porteiro. A danceteria já estava cheia. Não parecia aquela que havia conhecido nos outros dias. Circulei pelos ambientes e sentei um pouco com minha companheira na mesa da entrada do tele paquera. Dali pude observar quem entrava neste espaço de entretenimento e também um pedaço da pista de dança. Fiquei ali por uns trinta minutos e só entraram homens.

Numa noite de quinta-feira, por volta das vinte e três horas, cheguei ao local, acompanhada de alguns amigos, para dar continuidade à observação da boate. Na quinta-feira a entrada é gratuita, inclusive sem a presença de porteiros. O público desta noite era bastante reduzido e praticamente masculino. Só observei a presença de duas mulheres, que vieram acompanhadas de amigos. Estava em funcionamento somente o primeiro ambiente, com bar e sala de sinuca. Sentamos em uma mesa e logo o garçom nos atendeu. Como tinham poucas pessoas no ambiente pude observar quem saía e entrava da danceteria. Muitos garotos jovens que aos poucos iam dançando e curtindo a noite. Como o movimento estava calmo, aproveitei e fui falar com o garçom. Perguntei a ele se nas quintas-feiras a maioria do público que freqüentava a Chandon era constituído de homens. Ele responde: "... É...(risos), *não sei se eles são homens*". Este tipo de comentário remete ao preconceito que as pessoas ainda possuem a respeito da orientação sexual. Perguntei também se por acaso as pessoas lhe solicitavam que entregasse algum bilhete ou recado. Respondeu que pelo menos para ele, ninguém havia solicitado. De qualquer maneira, é importante destacar que já havia tido contato com este garçom em outros dias e que sempre me atendeu muito bem, respondendo sobre as minhas curiosidades. Aliás o atendimento como um todo, na Chandon, é muito bom.

### *Categorização social da Danceteria Chandon<sup>15</sup>*

#### *a) Porteiros*

O papel dos porteiros é ficar de 'olho' no público que entra. Somente recebem o ingresso, ou então conferem na lista aqueles nomes de pessoas que poderão entrar gratuitamente. Destas, solicitam a carteira de identidade, como aconteceu comigo em uma noite. Usam somente uma calça preta e camiseta da Chandon.

#### *b) Garçons*

A boate tem três ambientes onde o atendimento é feito diretamente pelos garçons. Os freqüentadores fazem o pedido e pagam aos mesmos. Tem também dois bares, onde o atendimento é feito no próprio balcão. Para ser atendido no balcão é necessário comprar tickets<sup>16</sup> nas bilheterias que ficam localizadas junto dos espaços de dança. Tem mulheres no atendimento destes dois bares. Nos ambientes onde há garçons, é freqüente a solicitação de sua presença para atendimento dos fregueses. Tanto as moças que atendem nos bares, como os garçons, usam calças jeans e camiseta Chandon.

#### *c) "Djs"*

Como existem dois espaços para a dança, há a necessidade de dois 'djs'. De vez em quando o 'dj' circula pelo ambiente da danceteria. Também usa camiseta da Chandon.

---

<sup>15</sup> Este item foi incluído com base no trabalho de Maria Dulce Gaspar. **Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. A autora categorizou as boates freqüentadas por Garotas de Programa, em Copacabana-RJ.

<sup>16</sup> "Dinheirinho" é a expressão usada pelos clientes para os tickets recebidos na bilheteria para adquirir bebidas nos balcões da danceteria.

d) *Proprietários e gerentes*

A Chandon tem um proprietário e um gerente. Conforme destacado anteriormente conversamos com o gerente que nos forneceu informações sobre a casa. Não obtivemos informações sobre o proprietário.

e) *As lésbicas*

As mulheres que freqüentam a Chandon são a minoria do público da boate. Preferem ficar no ambiente onde a música é MPB. Conversam muito entre elas e normalmente estão em grupos. Conversei com algumas que diziam adorar a noite e as boates. Curtem a música e dançam pouco. De certa maneira observa-se uma *invisibilidade* das mulheres no espaço da danceteria, pois, diferentemente dos homens que aparecem tanto em número, como na expressão da dança, parecem, ainda, estarem vivenciando sua sexualidade no *pacto do silêncio*.

Em estudo já citado discuti estas questões apontando várias formas e estilos de viver o lesbianismo,

*“... encontramos as lésbicas que vivem homoeroticamente no ‘pacto do silêncio’ e na clandestinidade, contingência do fato de estarem inseridas nessa sociedade hegemonicamente patriarcal e heterossexual, que ao padronizar práticas, comportamentos e vivências, converte a homossexualidade ao status de mito e tabu sexual”*(Godoy, 1997: 12).

f) *Os gays*

Os homens são a maioria do público que freqüenta a casa. As idades são diversificadas, muitos jovens e também casais com idades aproximadas de 40-45 anos. Os homens que preferem a pista onde a música é *dance*, parecem adorar a dança, sacudir os corpos. Entre os homens rola mais a paquera, a cantada.

Parecem mais ousados e usam roupas *fashion*. A questão das roupas é um detalhe importante a ser comentado, pois observamos que os homens tem um estilo próprio que transparece na roupa, sempre bem vestidos, arrumados e perfumados. O corpo é sensualizado através da dança. Aparecem mais e fazem questão disto.

### g) *Os shows*

A Chandon oferece vários atrativos ao seu público. Os shows normalmente eram organizados por um promotor, com exceção do show que era oferecido regularmente pela Chandon.

Com o objetivo de conhecer um pouco dos ambientes onde mulheres lésbicas buscam o *prazer* e o *lazer*, procurei observar também outros espaços.

### **Encontros no Via 11 Café<sup>17</sup>**

A partir dos encontros e conversas na Chandon fui informada da existência de um bar onde a frequência de mulheres era maior. Neste sentido, fui conferir e observei neste local que grande parte do público presente era realmente feminino. Neste dia acontecia som ao vivo com música popular brasileira (MPB).

A curiosidade ficou aguçada e na outra semana fui novamente ao bar. Permaneci até a madrugada, pois é importante salientar, as outras pessoas começaram a chegar bastante tarde, após a meia noite.

Num outro final de semana, combinamos com um grupo de amigos e fomos novamente ao bar. Observei que as mulheres, que eram a maioria do

---

<sup>17</sup> O bar localizava-se na rua Trajano, 155, Centro de Florianópolis. O mesmo fechou recentemente, funcionando em seu lugar uma casa de cosméticos. Motivo porque não coloquei foto de sua fachada, conforme procedi com os outros ambientes que frequentei.

público se conheciam, conversavam, trocavam de mesa, trocavam olhares. Encontrei duas informantes, sendo que uma delas disse que tinha duas amigas que poderiam me dar entrevista, o que seria muito bom para o meu trabalho. Mais uma vez observei que as pessoas circulavam nos bares bastante tarde, ou seja, na madrugada. Ficamos no bar até as três horas da manhã. Depois, fui com uma das entrevistadas para um outro bar gay, o Mix Café, onde ficamos por um período na frente observando, não tendo entrado no recinto, razão pela qual não posso descrevê-lo.

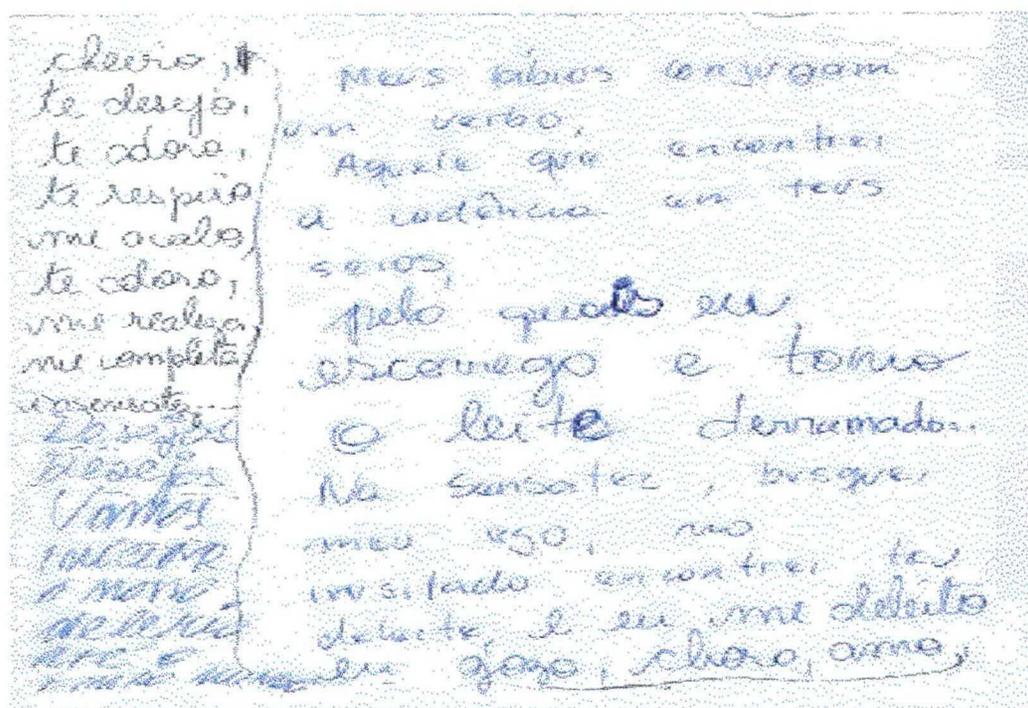
Retornei ao Via 11 Café em outro dia, chegando cedo. Acontecia uma festa de aniversário. Circulavam muitos casais heterossexuais que não havia observado anteriormente. O bar praticamente ficou envolvido pela festa de aniversário. Cantavam, dançavam. Eu estava com algumas amigas que se incomodaram um pouco com a festa e com a presença de alguns casais heterossexuais. Parecia não ser o bar que havíamos conhecido, inclusive, algumas mudanças foram feitas no interior, troca de lugares, troca de garçonetes.

Era a quarta vez que freqüentava o bar e nestas ocasiões observei a presença de uma garota que parecia relações públicas, pois conhecia todos. Circulava nas mesas, conversava, ia ao microfone, cantava, fazia 'mídia' com as meninas, paquerava. A impressão que eu tinha é que ela há muito tempo conhecia e freqüentava o bar e neste dia ela parecia manter uma rede de relações bastante ampla, pois estava com um grupo de mulheres à sua volta.

O bar era pequeno, possuindo dois banheiros, uma cozinha, um balcão para atendimento e várias mesas. Quando ficava lotado, o ambiente era um pouco abafado e o público ficava envolvido pela fumaça dos cigarros. Além dos cantores de música popular brasileira, possuía um karaokê, sendo este bastante disputado nos intervalos do som ao vivo. Outro espaço, criado dentro do próprio bar, foi chamado de 'reservado' e nele as pessoas podiam ficar mais à vontade

para conversar e namorar. Era um espaço a que se tinha acesso por uma escada de ferro em forma de caracol. No verão foram colocadas mesas na rua, bem como o som ao vivo para o público ouvir e se divertir.

A diversão no bar extrapolava os bate-papos, a bebida. Em vários momentos que por lá estive observei um grupo de meninas que ficavam escrevendo ‘bilhetinhos’ em guardanapos de papel. Uma iniciava e passava na mesa para a outra, até chegar na última que lia o que foi produzido pelo grupo. Algumas escreviam brincadeiras, outras buscavam em suas escritas um relacionamento ou, quem sabe, repostas para suas indagações. Mas podemos observar que o *desejo* e o *prazer* era a todo momento enfatizado entre estas redes de comunicação escrita. Como se observa-se os bilhetes não eram dirigidos a uma pessoa em particular.



A Danceteria Chandon e o Bar Via 11 Café descritos até o momento, são espaços frequentados por gays, lésbicas e simpatizantes (GLS). Estes espaços buscam as diversões ilimitadas dos sonhos e desejos, onde as possibilidades do

encontro são testemunho, ora oculto, ora explícito, da intranqüilidade do romance longe destas paredes. O público que freqüenta estes locais é predominantemente oriundo de camadas médias. Como a maior parte de minhas informantes compõem esta camada social, encontra nestes locais a possibilidade de se expressar e comunicar. Esta comunicação que explicita para os entendidos, a orientação homossexual dos sujeitos, é sutil: está presente no modo de dançar, na roupa, no olhar, na música, na fala, etc. Estes signos só podem ser decodificados se existe o pertencimento do sujeito a estes grupos. Caso contrário, estes signos passam a ser meramente símbolos urbanos criados para se diferenciar sujeitos.

Como algumas de minhas informantes pertenciam às camadas populares, tive curiosidade em conhecer os locais onde se divertiam e se encontravam. Levada por uma delas, freqüentei então os bailões<sup>18</sup>, que são espaços diferentes dos descritos até o momento, pois não são conhecidos como locais de freqüência tipicamente homossexual. Existem, no entanto, no interior destes ambientes, fronteiras de penetração de diferentes grupos, que se encontram, mas se mantêm separados, criando regiões próprias, delimitadas por diferentes pertenças. Assim, temos ali os jovens com suas linguagens peculiares, vestimentas características como a bermuda, boné, tênis, dançando na discoteca ao som de música *techno*. Encontramos também mulheres homossexuais que criam seus espaços e vão para as pistas dos bailões dançando juntas suas músicas, fazendo uso de linguagens próprias, formando redes de sociabilidade.

A descrição realizada até aqui, mostra a Danceteria Chandon e o Bar Via 11, como espaços identificados, pela sociedade em geral, como gays. Os bailões, ao contrário, não ganham esta conotação, mas no interior destes clubes, que são freqüentados principalmente pelas camadas populares, ou classes trabalhadoras,

---

<sup>18</sup> 'Bailões'- expressão usada para designar espaços de diversão abertos ao público pagante, muitos deles agregados a clubes esportivos, ou CTGs (Centros de Tradição Gaúcha). São grandes salões com uma ou mais pistas de dança, em geral com música ao vivo, tocada por bandas ou conjuntos musicais. Alguns possuem espaços de discoteca para jovens. No decorrer do trabalho relato que freqüentei três clubes na Grande Florianópolis.

são estabelecidas também novas pronúncias das sexualidades.

### **A noite nos Bailões**

*É bailão, é rodeio  
Festa de peão  
Também tô no meio ...  
Maria da Paz/Nino*

Antes de iniciar o trabalho de campo em clubes que promovem ‘bailões’, mantive contato com duas mulheres, sendo que uma delas, Bethânia, voltou a freqüentá-los depois que se separou da companheira. Este primeiro contato tinha como objetivo buscar informações sobre os clubes que eram também freqüentados por mulheres homossexuais, e onde estas duas informantes se conheceram.

Bethânia, minha informante cicerone, estava em minha casa pronta para a saída na noite. A mesma estava bastante ansiosa e curiosa pois já faziam aproximadamente quatro anos que não freqüentava mais estes ambientes. O exercício de observação foi realizado em um clube, no primeiro dia, e em outros dois clubes, no segundo dia.

Fomos ao bailão no Clube Cruzeiro na Palhoça<sup>19</sup>. Chegamos lá por volta da meia-noite e quinze. Dirigimo-nos à portaria e perguntamos ao porteiro quanto era a entrada. E este respondeu: "*mulher não paga*". Perguntei, então, quanto o homem pagava e ele informou ser R\$ 7,00. Entramos no clube e a curiosidade era tanta que primeiro circulamos em todos os ambientes do local para observar.



<sup>19</sup> Este clube recentemente mudou de nome, passando a chamar-se “Real Club”. Não consegui obter informações se mudou de proprietário.

No espaço do bailão tinha uma banda tocando música sertaneja e 'gauchesca' e algumas mulheres dançavam, parecendo que a noite estava apenas iniciando. Em seguida, fomos para o espaço da discoteca, que já estava lotada, na sua maioria por jovens que dançavam ao som *techno*, envolvidos por fumaça de gelo. Circulamos em todos os ambientes do clube, nos bares localizados nas laterais da pista da discoteca e da pista do bailão, no banheiro, no espaço próximo da entrada, até que resolvemos sentar num dos lados da pista do bailão, pois era ali que as mulheres se encontravam e dançavam, segundo a cicerone. Logo que sentamos comecei a observar que o clube já estava cheio com as mulheres dançando ao som de uma banda. Noventa por cento das pessoas que dançavam ali eram mulheres. Neste espaço as luzes clareavam o ambiente e escurecia somente quando a música era lenta, diferente da discoteca, menos iluminada.

Outra questão observada foi que os espaços ocupados pareciam bem demarcados. Pelo menos naquela noite, as mulheres homossexuais ficavam praticamente restritas a um lado da pista; nós ficamos do outro lado observando. Assim que chegavam mais mulheres, logo se dirigiam para aquele espaço, formando uma rede, um grupo bastante grande. Algumas chegavam acompanhadas, aparentemente formando um casal, e às vezes eu ficava em dúvida se realmente se tratavam de duas mulheres, pois como estava do outro lado da pista, só conseguia ter certeza disso quando elas iam dançar, ou quando observava mais de perto. Neste aspecto, podemos observar que algumas mulheres apresentavam um estereótipo bastante masculinizado, tanto na forma de se vestir quanto no estilo de se portar.

Reporto-me neste momento a Fry (1982), pois estas práticas observadas parece incluírem-se no modelo histórico desenvolvido em seu estudo, ou seja, modelo 'hierárquico' que fundamenta-se no desempenho de papéis desiguais,

assimétricos, nos relacionamentos sexuais e sociais.

Em um determinado momento do baile fiquei prestando atenção no comportamento de três destas mulheres. Elas às vezes colocavam as mãos no bolso, observando, paquerando quem estava dançando.

As roupas usadas por grande parte das mulheres consistia em calça jeans ou social, tênis ou sapato, camisa ou camisão por fora da calça. Observei poucas mulheres usando vestido.

A noite estava tranqüila e nós três conversando e observando, quando um garçon se dirigiu à nossa mesa trazendo uma cerveja que foi oferecida por uma mulher, segundo ele, do outro lado da pista. Isto foi motivo de grande curiosidade, pois desejávamos descobrir quem havia mandado. Esta questão nos envolveu pelo restante da noite até o momento em que nos retiramos, em torno das quatro horas da madrugada. A mulher que ofereceu a bebida não se manifestou.

Este clube parecia atingir um público bastante diversificado, pois de um lado podiam-se observar muitos jovens adolescentes, alguns travestis, e do outro, alguns poucos casais heterossexuais e uma grande maioria de mulheres homossexuais, aparentemente com mais de 30 anos de idade e que dançavam e se divertiam em harmonia. Em nenhum momento houve qualquer problema com relação a brigas, desentendimentos, principalmente no ambiente onde permanecemos. Às vezes eu saía e me dirigia ao banheiro, onde havia um aviso na porta, destacando que duas pessoas não poderiam entrar juntas no box. Teve um momento em que fiquei sozinha na mesa, pois minhas colegas foram dançar. Depois eu também fui dançar, pois assim teria a oportunidade de observar melhor as mulheres que se divertiam na pista. Pude perceber que as mulheres que freqüentavam este ambiente gostavam de dançar, pois passaram o tempo todo

bailando, animadas pela banda que comandava o show.

Minha cicerone estava bastante animada e disposta a apresentar outros ambientes. No domingo fomos a um outro clube, para continuar a observação nestes espaços. Dirigimo-nos, então, ao Flamengo Esporte Clube, em Capoeiras<sup>20</sup>.



Compramos o ingresso (R\$ 1,00 para mulheres e R\$ 3,00 para homens). Entramos e observei que o local estava lotado e bastante abafado. Circulamos pelo clube perto do bar e ficamos num dos camarotes situados no 2º andar, ambientes com mesas dos quais podemos observar de cima quem está dançando. Percebi muitos casais heterossexuais com mais idade dançando, ou melhor, quase cem por cento, pois aos domingos o bailão é reservado para a terceira idade das 14h às 17h. Lá chegando por volta das oito horas, o clube ainda era dominado por homens e mulheres mais velhos, público que parecia não iria mudar tão cedo, pois todos estavam animados e o clube funcionaria até a meia-noite.

Não observei a presença de nenhuma mulher homossexual e a minha cicerone dizia: *"onde elas estão?"* Ficamos no clube por aproximadamente trinta minutos. A cicerone não se conformava com o que via no local e convidou-nos para irmos em outro clube, "Sociedade Esportiva e Recreativa Niterói" no Bairro Roçado-São José, onde Bethânia havia conhecido sua ex-namorada.



<sup>20</sup> Este clube é conhecido popularmente como "Flamenguinho".

Chegando lá decidimos que ela iria entrar e ver como é que estava o ambiente, depois nós entraríamos. Na portaria perguntamos se ela poderia entrar para ver como é que estava. No retorno ela destacou que estava bom, então, pagamos o ingresso de R\$ 1,00 e entramos. Poucas pessoas no clube, algumas dançavam, outras permaneciam sentadas nas mesas e um grupo grande ficava em pé, próximo ao bar. Sentamos em uma mesa e ficamos observando. Percebemos a presença de mulheres homossexuais, talvez duas nesta noite, a grande maioria eram casais heterossexuais que dançavam ao som de uma banda própria do clube, segundo o porteiro que incentivou nossa entrada destacando que para animar era só tomar uma ‘manguaça’. Neste domingo, nos dois bailões em que circulei não observei mulheres homossexuais, parece que elas preferiam sair no sábado à noite, ou então elegeram um outro clube para freqüentar.

#### *Categorização social dos Clubes-Bailões*

Os três clubes observados têm, praticamente, a mesma organização social, principalmente em decorrência dos espaços que oferecem ao público que os freqüenta. Somente um clube tem outro espaço de dança, ou seja, a discoteca, os outros dois tem apenas a pista de dança para o bailão.

#### *a) Porteiros*

Nos três clubes os porteiros recebem o ingresso para a entrada que é comprado em uma cabine. No caso do clube que não cobra para as mulheres, somente autorizam sua entrada. Pude observar também um clube que o porteiro incentivou nossa entrada. Na verdade os porteiros ficam de ‘olho’ no público que entra nos clubes.

*b) Garçons*

Os clubes possuem garçons que se dirigem às mesas para atendimento do público e o pagamento é feito diretamente a eles. Em todos os ambientes visitados também tem os bares a que o público pode se dirigir para adquirir o que deseja.

*c) 'Djs'*

Somente um clube tem 'dj', pois oferece outra pista de dança, ou seja, a discoteca. Ressalta-se que neste ambiente somente circulei muito rapidamente.

*a) Banda – Conjunto*

Os três clubes oferecem ao público frequentador uma banda que comanda a festa. As músicas tocadas são sertanejas e gauchescas, animando as pessoas a dançarem.

*e) Shows*

Os clubes também oferecem outros atrativos para o público, pois além da banda que toca e anima o bailão, contratam outros conjuntos ou bandas conhecidas. Vi exposto e divulgado nos clubes, shows com os cantores Rick e Renner, Gian e Giovane, entre outros.

*f) Lésbicas*

Em dois clubes visitados praticamente não encontrei mulheres homossexuais, desta forma falarei apenas de um clube onde elas eram maioria,

pelo menos na pista do bailão. O que pude observar é que as mulheres procuram o clube para dançar. Algumas estavam acompanhadas e aparentemente eram mulheres com mais de 30 anos. Observei que elas ficavam em um grupo bastante grande formando uma rede de sociabilidade, bebendo e dançando. Observei uma visibilidade destas mulheres neste espaço, diferentemente dos homens, que eram minoria.

Esta questão possibilita pensar sobre como estas mulheres (de camadas populares) expressam sua sexualidade, principalmente em um ambiente social de lazer, como é o caso, pois na boate Chandon eu observara uma certa invisibilidade das mulheres. Isso reforça a pluralidade de vivência da sexualidade, que com modos de vida diferenciados e códigos próprios elas se apresentam na sociedade.

### 3.3 Guetos, Regiões Morais, ou Pedacos?

Durante a realização da pesquisa, seja nos relatos das informantes ou nas saídas noturnas para minhas observações de seus espaços de diversão e encontros, ocorreram constantes discussões sobre a existência de guetos homossexuais. De um lado, as mulheres que acreditavam que o gueto fosse importante para a sua identificação, para a convivência com pessoas de estilos de vida semelhantes, podendo ficar à vontade, sentindo-se seguras. De outro lado, as mulheres que acreditavam que o gueto acabava fechando os grupos e, com isso, reforçando a segregação dos homossexuais, contribuindo até para o aumento do preconceito contra eles.

Albertina Costa (1985), no texto em que analisa a produção de estudos sobre a mulher no Brasil entre 1975 e 1984, faz uma discussão sobre os espaços periféricos desses estudos na academia, afirmando que fizeram um percurso – do limbo ao gueto. Neste artigo a autora se detém na questão do gueto, ressaltando suas vantagens, como a possibilidade de uma afirmação de identidade e, por outro lado, suas desvantagens, como o isolamento.

Celi Pinto (1992) discutindo mais recentemente a questão dos espaços privilegiados da mulher enquanto sujeito político nos movimentos sociais, desenvolve também um debate sobre o gueto, chamando a atenção para outro tipo de entendimento acerca dele

*"O gueto não pode ser entendido simplesmente como marca de retraimento, medo de expor-se ou reafirmação da exclusão. É também, e, talvez principalmente, regido pelo princípio do prazer, de pertinência, da consciência de estar entre iguais (Pinto, 1992: 133).*

Na análise da participação das mulheres nos movimentos sociais, este aspecto é importante pois, como salienta a autora, para algumas o 'gueto' é

prazeroso e pode até possibilitar a inserção de um novo sujeito na esfera pública, servindo como um *rito de passagem* do mundo privado para a esfera política.

Os relatos a seguir falam destas questões

*“Não tenho muitos amigos hoje assim né, mas tenho grandes amigos, (...) são os mais chegados que a gente convive mais, e nós temos a JUGARA (risadas). A JUGARA é uma sigla que nós inventamos quando a gente veio morar aqui (...) quer dizer Juventude Gay de Ratores (risadas), porque como a gente veio morar pra cá, o Alberto e o Bernardo vieram também, o Cláudio e o Daniel vieram também...” (Ellen, 44 anos).*

A informante relata que este grupo têm vários objetivos

*“Não só pra se reunir assim, a nossa casa seria a sede da JUGARA então né, aí a gente faz encontro né, faz almocinho, jantar, (...) a gente até tá querendo dar uma ativada, fazer carteirinha....”.*

O depoimento de Ellen explicita que as afinidades são estabelecidas com os mais chegados, formando grupos de iguais

*“E assim os amigos que hoje a gente tem são muito legais, (...) o pessoal do Campeche, que todos querem participar da JUGARA mas eu como presidenta sou muito crítica, mas hoje eu sou um pouquinho mais aberta assim, eu acho que depois que a casa pegou fogo eu abri um pouquinho mais, porque antes eu achava que não precisava mais de amizade nenhuma, mas depois assim, tantas pessoas que eu não via há anos assim e tal e vieram nos dar uma força, então eu tive que repensar tudo isso né”.*

Algumas de minhas informantes consideram que o gueto não é positivo, pois acaba excluindo os participantes da sociedade mais ampla. Relatam que sonham com o momento em que possam beijar sua namorada na rua. Destacam que ficar trancado só vai aumentar o preconceito.

*“... uma das coisas que também prejudica no relacionamento homossexual porque o sexo não é só sexo de cama, sexo é sexo de relação, de amor, de*

*abraçar, de estar junto, de carinho, tudo isso já é uma relação sexual, né "*  
(Joana, 25 anos).

Muitas das entrevistadas acreditam que uma saída seja a visibilidade. De uma maneira calma, jeitosa, trabalhada, não agredindo. Destacam que é importante mostrar para as pessoas que *"o homossexual não morde"*. Salientam que o estereótipo é o grande inimigo da liberação da homossexualidade. Relatam que a partir do momento em que passe a existir respeito das pessoas em relação à sexualidade, o relacionamento e a convivência com os demais não vai ser alterado quando estes souberem da orientação sexual do sujeito.

Para falar desses espaços de convivência entre iguais, alguns autores fazem uso de outros conceitos. Perlongher (1987), por exemplo, em trabalho sobre prostituição masculina no centro de São Paulo, usa a concepção de "região moral" de Robert Park, remetendo ao estudo desse autor sobre os problemas da investigação do comportamento humano nas cidades

*"É inevitável que indivíduos que buscam as mesmas formas de diversão, quer sejam proporcionadas por corrida de cavalos ou pela ópera, devam de tempos em tempos se encontrar nos mesmos lugares. O resultado disso é que, dentro da organização que a vida citadina assume espontaneamente, a população tende a se agregar não apenas de acordo com seus interesses, mas de acordo com seus gostos e seus temperamentos. (...) Cada vizinhança, sobre as influências que tendem a distribuir e a segregar as populações da cidade, pode assumir o caráter de uma 'região moral'"*(Park, 1973:64).

Em Florianópolis, Oliveira (1997) realizou um estudo a respeito da temática dos travestis, onde inseriu a discussão da categoria de "região moral" de Park, para concluir que os locais freqüentados por seus sujeitos não se caracterizariam enquanto regiões morais, por não serem definidos ou delimitados. Os espaços de circulação e "pegação" dos travestis em Florianópolis, de acordo com seu estudo, são variados. Os sujeitos circulam pelas ruas do centro da cidade, pelo bairro do Estreito, pelo Kobrasol em São José, etc.

José Guilherme Magnani (1998), em seu trabalho sobre espaços de lazer e festas populares na cidade de São Paulo, sugere outra reflexão a respeito destes lugares em que os sujeitos se reconhecem, que lhes propiciam sensações de pertencimento e onde são estabelecidos códigos próprios de comportamento. O autor chama estes espaços de “pedaço”

*“... o pedaço é o lugar dos 'colegas', dos 'chegados'. Aqui não é preciso nenhuma interpelação: todos sabem quem são, de onde vêm, do que gostam e do que se pode ou não fazer”*(Magnani, 1998:12).

De acordo com o autor são dois os elementos constituidores do pedaço, sendo um de ordem espacial, ao qual corresponde uma determinada rede de relações sociais, com um núcleo que concentra pontos de referência que o delimitam: “ (...) o ponto do ‘búzio’, o terreiro e o templo, o campo de futebol e algum salão de baile” (idem: 115), etc. O outro elemento aponta que as bordas do pedaço

*“(...) são fluidas e não possuem um delimitação territorial precisa. O termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade”*(idem: 116).

Assim, o autor ressalta que não basta morar perto ou freqüentar o pedaço com alguma assiduidade, “... para ser do ‘pedaço’ é preciso estar situado numa particular rede de relações que combina laços de parentesco, vizinhança, procedência”(idem:115).

No caso estudado aqui, esta rede de relações inclui ainda, e principalmente, a orientação sexual dos sujeitos. Ressignificar estes espaços é garantir sua problematização pois, como se vê, são locais que já ganharam vários nomes e representações. A discussão é oportuna e nas observações do meu trabalho de campo, a dinâmica destes lugares era a da descontração, da afinidade,

da paquera.

Alguns dos locais freqüentados por minhas informantes, como a boate Chandon eram dirigidos ao público GLS, onde a freqüência de mulheres homossexuais (a maioria jovens), era menor que a de homens gays. Neste sentido, podemos definir este espaço como gueto.

No Bar Via 11 observou-se também a participação de um público basicamente jovem e uma rede mais ampliada de mulheres. Este ambiente, situado no centro da cidade, não era conhecido somente como local de encontro de homossexuais, servindo a uma clientela heterogênea. No entanto, pude perceber que ali as jovens homossexuais acabaram delimitando um espaço e formando uma rede de pessoas conhecidas. Desta forma, acredito que a designação de pedaço seria adequada para referir o Via 11 Café.

Os outros locais de lazer observados nesta pesquisa, os bailões, divididos em ambientes diferenciados, com música dirigida a gerações diferentes, eram destinados à diversão de um público heterogêneo, onde as mulheres criaram espaços de sociabilidade homoerótica. No caso destes estabelecimentos, acredito que estamos diante de um espaço, onde também caberia melhor a designação de “pedaço” proposta por Magnani. Nestes bailões pudemos perceber a circulação de mulheres com mais idade (entre 30 e 40 e poucos anos). Como o acesso a eles é mais acessível e gratuito para mulheres, pudemos perceber aí a freqüência de um público de camadas populares.

As questões apresentadas permitem-nos pensar um pouco mais sobre estes ambientes que são nominados de formas diversas, ora gueto, ora região moral, ou pedaço. O que estes espaços têm em comum, é a busca da sociabilidade, do estar entre iguais, do pertencimento. Percebemos também algumas diferenças que merecem ser destacadas, a de classe e a de geração.

Conforme a classe social e a idade, foram aparecendo formas diferenciadas de vivenciar o lazer e a sociabilidade.

Analisando o percurso das informantes, podemos perceber que a maioria delas buscou, de início, os espaços de sociabilidade gay, seja para se assumirem, ou para terem a possibilidade de conviverem com iguais. Por outro lado, muitas não gostaram das experiências que tiveram nestes espaços e, a partir daí, não os freqüentaram mais, ou acabaram buscando outros lugares de convívio e sociabilidade. Comparados a grupos heterossexuais, podemos argumentar que esta é uma busca comum, geracional. Os jovens costumam freqüentar espaços de festa e lazer compartilhados com pessoas da mesma idade, com as quais estabelecem relações de identidade. A continuidade a estes ambientes pode ir diminuindo com a idade, o estabelecimento de parcerias amorosas mais estáveis, a constituição de novos grupos de interesses, etc. Percebemos que isto ocorreu também com os sujeitos desta pesquisa. A questão da homossexualidade, no entanto, aponta para a constituição de “guetos”, de “pedaços” – de ambientes mais fechados que permitam a expressão e extroversão de atitudes que não são tão facilmente aceitas em geral, em ambientes públicos.

Estas observações são importantes para levantarmos alguns questionamentos: o que significa circular nestes ambientes? Busca de proteção? Lazer? Visibilidade? Ou apenas a possibilidade de um encontro?

O relato de algumas informantes, bem como a descrição dos ambientes freqüentados, indicam a tentativa de romper com modelos, padrões definidos e fechados, ou seja, as mulheres relatam várias possibilidades de sociabilidade.

#### 4. As informantes falam de si: reflexões sobre seus relatos

*“Difícil  
Conjugar a vida  
Separar  
Cicatriz e ferida  
E engolir  
O comprimido do tempo...”*

C. Oyens/Z. Duncan

Nas representações de minhas informantes sobre aspectos de suas vidas enquanto mulheres homossexuais, destacaram-se alguns temas recorrentes que nortearam as análises de suas entrevistas neste capítulo da dissertação. Tenho consciência de que estes temas surgiram muito em função de minhas interferências nas entrevistas, pelas perguntas que fiz, procurando atingir o objetivo de escutar a voz dessas mulheres sobre seus relacionamentos sociais e amorosos e, desta forma, tentar compreender modos e estilos de vida de mulheres lésbicas de Florianópolis.

Tenho consciência, igualmente, que as mulheres entrevistadas contaram histórias de seu passado, a partir de representações construídas, marcadas por suas perspectivas e motivações atuais. Os relatos que me ofereceram não podem ser tomados, portanto, como fatos reais. São suas interpretações, suas representações, seus discursos sobre vivências passadas. Interpretações que também reinterpreto neste trabalho, sobre minha ótica, meus interesses, motivações...

A primeira questão que se destaca no relato das mulheres entrevistadas é *o início de sua auto-percepção como homossexual*. Nesse sentido, muitas começaram falando de sua infância, das brincadeiras preferidas, outras iniciaram seus relatos pela adolescência, contando suas participações nos guetos de

convivência homossexual. Em geral, trataram o tema como uma descoberta do que realmente eram. Neste momento reporto-me a Portinari (1989) que, em um dos capítulos de seu trabalho, destaca ser o “... *então eu soube que sempre fui*”, a primeira inscrição no discurso da homossexualidade, ressaltando a importância crucial da figura do *outro* nessa inscrição.

*“A figura desse alguém que, mesmo à revelia, traz em si a palavra a boa nova é marca tão constante do discurso da homossexualidade feminina que podemos supor que as suas manifestações concretas são a base de referência do mito da lésbica ‘aliciadora’, ‘perigosa’, cujo contato corrompe. Todavia, o aquele alguém não precisa necessariamente ser uma pessoa real; mesmo quando assume esta forma, nem sempre desempenha essa função através de uma sedução; e ainda que essa sedução se dê, ela dificilmente se dará por deliberação. O que essa espécie de mito presente – corretamente – é que ninguém se torna homossexual sozinho. Mas o que não se costuma perceber é que o outro que está em questão aí não é um outro concreto, e sim imaginário, i.e., um significante”*(Portinari, 1989: 68-69).

Na continuidade das entrevistas, as informantes falaram de seus *relacionamentos com as famílias de origem*. Algumas delas falaram de sua *relação com os filhos* e das experiências anteriores de casamentos heterossexuais. Foram depoimentos que relataram as dificuldades que estas mulheres tiveram em contar para as famílias sobre sua orientação sexual, muitas vezes decidindo não comentar nada para evitar conflitos.

Outro tema destacado nas entrevistas foram os *relacionamentos cotidianos e sexuais com as parceiras fixas ou ocasionais*. Neste item as informantes contaram um pouco de seu dia-a-dia, das divisões de tarefas, das parcerias vividas, bem como das relações atuais. Algumas falaram de suas práticas sexuais. Foram relatos que abordaram tanto os conflitos e contradições dos relacionamentos, como a busca de uma convivência mais igualitária e harmoniosa entre parceiras.

Por último as informantes falaram de seus *projetos para o futuro*, destacando preocupações com questões profissionais, o desejo de encontrarem parceiras ou de continuarem vivendo com as companheiras.

Buscando preservar o anonimato de minhas informantes, optei por identificá-las através da idade e designá-las por nomes próprios iniciados com as letras do alfabeto, procurando corresponder a ordem alfabética com aquela em que foram realizadas as entrevistas.

*Araci, 52 anos*

*“... botei tudo fora o que eu tinha ...”.*

Em meados de janeiro de 1999, estive na Praia do Sonho visitando um casal de lésbicas. Com uma delas eu tinha contato há mais ou menos cinco anos e com a outra, há três anos, tempo em que viviam juntas. O fato que mais me chamou a atenção na visita foi ter encontrado as duas trabalhando como pedreiras, encanadoras e realizando serviços diversos nessa área. A comunidade, segundo elas, preferia contratá-las ao invés dos homens, pois as pessoas achavam que elas poupavam materiais, eram mais higiênicas, etc. Na conversa, destaquei o interesse em entrevistá-las para o meu trabalho, o que as entusiasmou: – *“Ah! É gravada? Como é que é dar uma entrevista?”*. Nesta visita, deixei encaminhada a possibilidade de uma entrevista.

Em abril de 1999 fui informada pela irmã de uma delas, minha vizinha, que as duas estavam passando necessidades financeiras e mandei recado que iria visitá-las.

Na semana seguinte fui à Praia do Sonho levando uma cesta básica, pensando também em realizar as entrevistas desejadas. Cheguei por volta das 14

horas. Ficamos conversando bastante tempo antes de solicitar-lhes entrevista. Uma questão que observei nesta conversa foi o tratamento entre as duas. A mais nova chamava a outra de 'mãe' e isso era constante. A outra a tratava carinhosamente por 'nega'.

Em publicação de 1978 "*Amor entre Mulheres*", Charlotte Wolff desenvolve uma discussão acerca do lesbianismo, salientando que o amor entre as mulheres homossexuais é permeado por um sentimentalismo envolvido de sensíveis emoções. Segundo a autora, "*A lésbica espera que a outra lhe dê nada menos que a concretização do seu desejo de uma relação incestuosa entre mãe e filha. Tem de ser uma união absoluta, da qual o macho fica totalmente excluído...*"<sup>21</sup>.

Denise Portinari (op.cit.) analisa esta fala de Wolff relacionada a conceitos psicanalíticos, retomando o texto de Freud de 1920, onde o autor se refere às mulheres que já tendo amado à moda masculina, dificilmente aceitam ser colocadas no papel feminino, já que as mulheres têm como "... *única compensação para semelhante troca (...) a perspectiva da maternidade*"(Portinari, 1989:85).

Para refletir sobre esta questão, acredito que o texto freudiano de 1931, é fundamental. Nesta conferência sobre a sexualidade feminina, Freud fala de fatos novos que o impressionaram,

*"O primeiro foi o de que onde a ligação da mulher com o pai era particularmente intensa, a análise mostrava que essa ligação fora precedida por uma fase de ligação exclusiva à mãe, igualmente intensa e apaixonada. (...) Sua relação primária com a mãe fora construída de maneira muito rica e multificada. O segundo fato ensinou-me que a duração dessa ligação também fora grandemente subestimada. (...) Na verdade, tínhamos de levar em conta a possibilidade de um certo número de mulheres permanecerem detidas em sua*

<sup>21</sup> Este trecho do texto de Wolff foi citado tanto por Mott (1987:148), quanto por Portinari (1989:84) e Muniz (1992:154-155).

*ligação original com a mãe e nunca alcançarem uma verdadeira mudança em direção aos homens"*(Freud, 1931:77-78).

No decorrer do texto<sup>22</sup>, baseado em seus casos clínicos, o autor afirma

*"... observamos que muitas mulheres que escolheram o marido conforme o modelo do pai, ou o colocaram em lugar do pai, não obstante repetem para ele, em sua vida conjugal, seus maus relacionamentos com as mães. O marido de tal mulher destinava-se a ser o herdeiro de seu relacionamento com o pai, mas, na realidade, tornou-se o herdeiro do relacionamento dela com a mãe"*(idem:83).

Assim, o autor ressalta a importância, para as meninas, da relação com a mãe em todo o período pré edípico<sup>23</sup> de organização da sexualidade infantil, marcando a sexualidade feminina adulta, tanto nos relacionamentos hetero como homossexuais.

O tratamento entre as duas informantes me levou a refletir sobre estas concepções de Freud, já que a repetição da relação mãe/filha pode ser, talvez, vivenciada mais facilmente nos casos de relacionamentos amorosos entre mulheres, o que é ressaltado em outros trabalhos, como os de Wolff, Portinari, Muniz, etc.

Voltando ao relato de Araci, outra questão destacada pela informante foi o uso abusivo que ela e a companheira fizeram, em alguns momentos, de bebida alcoólica. Tinham decidido não beber mais (ultimamente até o preço da 'cachaça' a tornava proibitiva). Parece que a bebida era um fator complicador no relacionamento. Falaram também da ajuda que recebiam de alguns amigos, nos períodos em que passavam por necessidades materiais. Após muita conversa, eu

<sup>22</sup> Nele, Freud reafirma a importância de sua concepção sobre a bissexualidade característica dos seres humanos e o fato de esta se colocar no primeiro plano muito claramente no caso das mulheres.

<sup>23</sup> Freud concebe a organização da sexualidade infantil fundada na vivência relacional de diferentes momentos estruturais do psiquismo: oral, anal, fálico, sendo que neste terceiro momento, as crianças de ambos os sexos vivenciam os complexos de Édipo e castração, emergindo daí diferenciadas sexualmente, do ponto de vista psicológico, e tendo diferenciado um terceiro componente psíquico, a que o autor denominou de Superego. Em seguida temos um longo momento de latência e coincidindo com a puberdade, o início da organização genital da sexualidade.

pedi para ligar o gravador. Isso foi motivo de muita agitação, nervosismo e, ao mesmo tempo, uma certa satisfação. Parecia um nervosismo 'alegre'.

Entrevistei primeiro a 'dona da casa', Araci. Nominei assim porque, embora as duas estivessem morando juntas, o terreno e a casa eram de Araci. As duas se encarregaram das reformas que foram feitas após a conjugalidade. No início a informante parecia estar mais nervosa, em seguida foi se soltando. Seus olhos brilhavam com cada fato destacado, principalmente quando falava de sua companheira e do relacionamento entre ambas.

Araci relatou ser procedente de um município do Sul do Estado, morando há quatro anos na Grande Florianópolis. Fora casada com um homem durante 29 anos. Deste casamento teve seis filhos, cinco homens e uma mulher. Na época em que a entrevistei, os filhos estavam todos casados e ela tinha onze netos. Quando assumiu publicamente sua homossexualidade, foi rejeitada pelos filhos. Estava retomando e reconquistando o relacionamento com os mesmos. Após se separar tivera um relacionamento com outra mulher durante dois anos. Estudara somente até a terceira série primária (correspondendo à terceira série do atual ensino fundamental). Trabalhara com carteira assinada em empresas de prestação de serviços de limpeza, ou como diarista, por algum tempo. Durante o ano de 1997, enquanto trabalhava em empresa prestadora de serviços, ajudara sua companheira a cuidar de uma senhora vítima de derrame cerebral, que necessitava de cuidados especiais. Neste período moraram na casa dessa senhora, não pagando aluguel, pois a locomoção até sua residência era inviável, devido à distância e ao custo. Quando a entrevistei, ocupava-se em fazer biscates na construção civil e também confeccionava tapetes com retalhos. Não possuía nenhum vínculo empregatício.

Araci, em seu relato, destacou que desde nova sentia-se diferente, muito sozinha. Era filha única. Suas amizades eram com meninas. Gostava dos brinquedos de meninos.

*“... eu era uma menina desde a infância, bem tratada como a gente diz, era sozinha, filha única, mas era assim uma vida desde nova diferente, eu não tinha amizades, eu, mais amizade era com meninas e nunca assim envolvida com homens e assim eu fui crescendo, era assim para brincar brinquedo de rapaz, não era de boneca ou de casinha ou de vestidinho, essas coisas já era desde pequenininha né, e assim eu fui crescendo e depois cheguei naquela época para me casar”.*

Cresceu desta maneira até casar-se, aos dezessete anos. Somente depois de um tempo é que percebeu que gostava de mulheres e não tinha com quem conversar.

*“Olha o mais que eu percebi que eu gostava de mulher era cinco anos antes que eu me separei, aí que já começou a me tocar, aquilo que eu nem podia ver uma perna de mulher. Só que eu não falava isso pra com ninguém, isso ficava”.*

Quando decidiu separar-se e viver com uma mulher, o relacionamento com os filhos ficou bastante complicado. Relatou que sofreu demais, pois como ela diz:

*“... é, os filhos e porque isso era um grande sofrimento para uma mãe que criar seis filhos e chegar num ponto que aconteceu comigo que os filhos me desprezaram, claro um lado eu vivo feliz, mas no outro lado eu não me sinto feliz porque são o meu sangue, então eu passei muita coisa, muita dificuldade na minha vida, mas na graça de Deus superei até agora e espero que Deus por aqui em diante me abençoe e continue como está agora”.*

Relatou também que a convivência com o marido não fora nada fácil:

*“... a minha convivência, o meu casamento não era bom, não deu certo, mas fui agüentando essa vida com 29 de casamento, criando seis filhos e até que, sempre tinha aquela escolha na minha época de tantos anos de casamento que eu só achava mulher bonita, eu nunca achei homem bonito, nunca, nunca me*

*interessei por homem e fui levando, levando, muitas coisas aconteceram até que chegou a minha separação e até que eu nem quero mencionar os problemas que houve né, até que eu cheguei num ponto e me separar e vivendo a minha vida sozinha, lutando”.*

Araci não quisera mencionar os “*problemas*” que levaram à separação com o ex-marido. Em outro momento que conversamos contou-me que o mesmo tinha muitos problemas, inclusive sexuais.

Logo após a separação, vivera oito meses com uma mulher em sua casa sem que os dois filhos que moravam com ela percebessem. Com esta mulher manteve um relacionamento por dois anos.

*“... até que eu conheci uma pessoa que era uma mulher que eu vivi dois anos, infelizmente não deu certo, infelizmente ela não contribuiu como eu queria então eu caí num grande sufoco que botei tudo fora o que eu tinha, botei terreno, botei dinheiro muito fora por causa desta mulher, e fui lutando foi tudo contra mim, nem um filho olhava mais para mim porque eu era uma pessoa desprezada, jogada mesmo e foi indo, indo, caí no fundo do poço com a separação desta mulher, caí no fundo do poço, entrei em depressão, bebedeira, fumante...”.*

Em seguida conheceu Bethânia com a qual convivia, de forma mais tranqüila. As mesmas conheceram-se no clube “Sociedade Esportiva e Recreativa Niterói”, quando participavam de um bailão, numa noite em busca de diversão. Trabalhavam juntas, dividiam as tarefas do dia-a-dia. Existia compreensão quando uma estava doente. Teve um período que a mãe e o padrasto de sua companheira construíram uma casa agregada à sua, ali morando por três meses. Isso prejudicou bastante o relacionamento amoroso entre as duas.

Em termos de relacionamento sexual relatou ter um bom entendimento com a companheira, muito embora reclamasse, dizendo que às vezes não dava para fazer amor, pois sua companheira era doente. Essa tem problemas de coluna

que prejudicam o relacionamento, mas Araci entende isso, pois sua companheira é carinhosa. Destacou que o relacionamento não se restringe somente a sexo, mas que o carinho, a compreensão, a conversa são importantes. Salientou que é muito mais ativa sexualmente que sua companheira:

*“No relacionamento sexual, eu sou uma pessoa bem ativa, pra mim não tem hora, pra não tem, mas a Bethânia já é uma pessoa diferente, mas eu compreendo ela, mas se eu não compreendesse já não ia dar certo, vamos dizer às vezes passa quinze, passa às vezes três semanas, às vezes eu reclamo que aquilo é muito tempo, aí ela diz, ah, nega, eu não tenho condições se eu estou doente, não tenho, tá, tá tudo bem, tá, mas pra mim...”*

A informante salientou que no início do relacionamento sua companheira era saudável, e então faziam sexo a toda hora. Seu desejo era que tudo voltasse a ser como no início.

Como projeto para futuro, Araci contou que gostaria de arrumar um bom emprego e continuar o relacionamento com sua companheira. Acreditava que se acontecesse uma separação ela não agüentaria, em virtude de sua idade e de seu amor pela outra. Por ela o relacionamento iria durar para sempre, nem que sua companheira ficasse doente, de cama, ela iria batalhar, trabalhar para se manterem juntas.

### ***Bethânia, 36 anos***

*“... eu não me envolvo na vida de ninguém, não gosto que se envolvam na minha ...”*

A companheira da dona da casa estava mais solta e pela questão de saúde, encostou-se na cama apoiada no travesseiro, praticamente deitada. A cada

fato que ia contando, parecia que havia muito arrependimento por atitudes do passado, pois tivera uma vida muito sofrida e sobre isso ela falou um pouco na entrevista.

Bethânia relatou que nasceu no município de São José e sempre morou na Grande Florianópolis. Estudou somente até a 1ª série do ginásio (correspondendo à 5ª série do atual ensino fundamental). Destacou que sempre teve uma vida muito agitada e instável. Freqüentava bares e bailes com os irmãos e ‘amigos de festa’ e algumas vezes, sozinha. Bebia, fumava. Morou com a mãe, depois foi morar com os irmãos, que eram donos de bares, onde trabalhou por algum tempo. Trabalhou também como servente de pedreiro para os irmãos. Logo após o segundo casamento da mãe passou a morar sozinha, pois como era a única filha solteira ficara com a casa. Neste período foi convidada pela irmã para trabalhar numa empresa prestadora de serviços de limpeza. Quando conheceu Araci em um bailão, convidou-a para trabalhar na mesma empresa. Na época da pesquisa, como já foi informado, estava trabalhando como biscateira, sem vínculo empregatício. Disse que aprendeu estas atividades com os irmãos, embora sempre tenha tido curiosidade e interesse em saber sobre estas profissões. Este trabalho, no entanto, causara-lhe danos à saúde. Buscou ajuda médica em vários momentos, mas não concluía o tratamento, pois a medicação era muito cara. Nos últimos tempos buscou tratamento alternativo que, segundo ela, a estava ajudando a sentir-se melhor.

Bethânia começou contando sua história a partir da adolescência, 14, 15 anos. Falou de uma amiga de quem gostava e pela qual se apaixonara. Não conseguiu confessar seu amor pessoalmente precisando escrever um bilhete que a amiga não levou a sério. Isso a preocupou, pois tinha muito medo que alguém descobrisse. Essa amiga se casou e ela acabou se metendo no casamento, perdendo a amizade. Transferiu-se de bairro para não ter mais contato com a moça e começou a sair nos clubes (bailões) e a observar mais as mulheres com

quem mantinha contatos. Destacou que foram as suas amizades com as meninas e mulheres nas festas que a levaram a ser homossexual.

A relação com a família era tranqüila. Falou que tinha um bom relacionamento com os irmãos, que a visitavam e com quem conversava sobre tudo. E as irmãs também. As irmãs ajudavam-na, principalmente quando a questão da sobrevivência apertava. Aconselhavam-na a procurar um médico para se tratar e viver melhor.

Como já foi relatado, teve uma época que sua mãe e padrasto vieram morar junto, numa casa agregada à que dividia com Araci, o que não deu certo, e atrapalhou seu relacionamento com a companheira. Também se relacionava com os parentes, primos, mas sem muito envolvimento.

Bethânia salientou que morou com algumas colegas, mas sem nenhum envolvimento, pois quando tentava não dava certo. Falou que sua companheira era muito carente, de carinho, respeito. Destacou que achava que não merecia a mesma, pois já a fizera sofrer muito, principalmente quando bebia. Decidiu parar de beber e está refazendo seus relacionamentos, inclusive com os amigos. A divisão de tarefas na casa era desigual, em função de seus problemas de coluna. Ela lamentava isso, achando que sobrecarregava Araci. Contou que muitas vezes, em decorrência de dores, já acordava mal humorada, maltratando a companheira com palavras de grosseria. Destacou que esta trabalhava demais pois, além de realizar serviços fora, fazia trabalhos manuais e ainda precisava arrumar a casa. Ressaltou que gostaria de ser saudável. “... *eu tenho inveja dela pela saúde que ela tem e pelo que ela pode fazer e eu não posso, queria fazer igual a ela, dividir. Pena, mas não dá*”.

Destacou que tivera relacionamentos sexuais com homens, sempre após as bebedeiras e festas nos clubes, mas que o arrependimento era grande no outro

dia, pois a relação sexual não era prazerosa. Salientou que o relacionamento sexual com sua companheira é “quase normal”, que

*“... ela procura mais do que eu porque eu já com esse problema que eu tenho parece que eu já deito na cama doida pra dormir pra não vim a dor. (...) às vezes que eu tomo um comprimido me sinto melhor aí ela vem, que ela fica fazendo o serviço dela no quarto no lado, aí ela vem procura um carinho viro de costas, finjo que tô dormindo porque eu não posso agradar a ela todo o tempo também, mas não é por causa de falta de vontade é porque eu não tenho condições de dar o que ela quer”.*

Reclamou muito das dores que atrapalhavam no relacionamento sexual, que tiravam o prazer tanto no receber carícias como no fazer. Ressaltou que sua companheira a amava muito, por isso a tem aturado esse tempo todo, pois *“... até na cama que eu sou meio difícil também”*. Comentou que não tem fantasias sexuais e que não imagina outra pessoa no momento da relação, *“o prazer que ela me dá, eu também dou”*. Finalizou falando que sua companheira é ‘quente’, que às vezes a cansa, pois demora mais do que ela para gozar.

Em termos de projetos para o futuro destacou que,

*“... queria tentar sair daqui pra poder voltar ao ambiente que eu tinha antes, as minhas amizades, o ritmo de vida era bem diferente, eu to onde eu to agora não tenho condições de locomover pra pensar em fazer alguma coisa em termos de futuro, eu queria sair daqui morar num lugar onde fosse mais movimentado, onde tivesse mais um tipo de um acesso melhor”.*

Salientou que sempre gostou de trabalhar em ambientes movimentados, com muita gente. Contou que não tem nada pensado, planejado para o futuro, pois *“... acho que é muito pra mim no momento agora é no meu dia-a-dia que é um atrás do outro, olha tem dia que é difícil de chegar mas quando chega a gente tem que passar, pensar e bola pra frente”*.

Depois das entrevistas conversamos bastante – eu, as entrevistadas e a minha companheira – deixando praticamente acertado que voltaríamos no

próximo fim de semana. Nesta oportunidade trouxe o material das entrevistas transcrito, para que lessem, modificassem alguma coisa ou acrescentassem o que quisessem. Conversamos bastante, comemos caldo de peixe preparado por Bethânia, passeamos pela praia, tirei fotos da casa delas e da construção em que trabalhavam. Quando retornamos, Bethânia aproveitou a carona para ir ao médico, tentar realizar exames de raio X. Ela permaneceu em Florianópolis na casa da irmã por alguns dias, tendo ido buscar ajuda para seu problema de saúde num Centro Espírita. Na semana seguinte, retornou para benzimentos no Centro Espírita, decidindo realizar ali um tratamento paralelo. Após a consulta, foi-lhe sugerido que viesse participar da doutrina da 4ª feira da semana seguinte, para em seguida fazer uma operação espiritual. No dia combinado, a informante fez a operação espiritual, ficando em tratamento. Em todas estas idas e vindas ficou na casa da irmã. Segundo a mesma, estava apresentando melhoria no seu estado de saúde. Após a cirurgia decidiu ficar até a próxima semana para recuperar-se, o que ocasionou inúmeros telefonemas de Araci.

### *Cássia, 24 anos*

*“... são idéias que como vêm, também vão...”.*

No início de maio fui ao SESC/Prainha para os jogos escolares do estabelecimento de ensino onde trabalho. Para minha surpresa, encontrei uma das entrevistadas da pesquisa anterior trabalhando num bar e ela contou que sua companheira tinha ido embora para São Paulo, já fazia um mês. Fora tentar conseguir um trabalho, pois estava difícil em Florianópolis, especialmente em decorrência do preconceito, que a estava impedindo de conseguir emprego. Também era intenção da família da outra separar as duas e, quanto mais longe,

melhor. Contei-lhe que estava retornando à pesquisa e fiquei com o seu telefone para marcar uma entrevista. Ela se mostrou muito interessada em colaborar.

Após alguns dias telefonei para essa moça e falei com a sua mãe, que repassou o telefone do seu trabalho. Rapidamente conversei com a mesma e marcamos um encontro em frente ao SESC/Cacupé, próximo de sua moradia em Sambaqui, localidade litorânea da Ilha de Santa Catarina.

À tarde cheguei ao local combinado acompanhada de uma amiga e a informante já estava esperando. Tinha vindo de Sambaqui de bicicleta e nos convidou para entrarmos no SESC para jogarmos algo (vôlei, futebol, tênis, sinuca). Minha amiga foi passear pelo belo espaço, nós ficamos andando um pouco e ela decidiu fazer a entrevista antes de jogarmos. Procuramos, então, um local adequado, mas como chegaram crianças para brincar ao lado, resolvemos procurar um outro espaço. Sentamos num banco ao lado do campo de futebol de areia e começamos a entrevista.

A informante falou abertamente sobre suas experiências. Percebia-se uma tristeza, talvez solidão, mas ao mesmo tempo um contentamento por estar ao lado da família. Depois da entrevista ficamos conversando um pouco e acabamos não jogando nada. Perguntei à informante como tinha sido para ela, voltar a morar com os pais. Ela destacou a felicidade muito grande, principalmente da mãe. Contou que seu convívio era praticamente só com a família, pois trabalhava o dia todo e à noite estudava. Destacou que estava batalhando para angariar 'grana' para realizar seus projetos.

Cássia relatou ser natural de Florianópolis. Possuía o ensino médio completo e que estava fazendo cursinho para o vestibular. No período em que morou com sua companheira pagando aluguel, a família a questionara bastante, principalmente o pai. Voltara a morar com a família porque ela e a namorada

ficaram desempregadas e a sobrevivência se tornara difícil. Em termos de trabalho, sempre tivera dificuldades em conseguir emprego pois, segundo ela, existe muita exploração. Na época da pesquisa de campo estava trabalhando como atendente de lanchonete. Pretendia fazer faculdade, trabalhar, construir uma casa no terreno que herdara e voltar a morar com sua namorada.

Cássia relatou que começara a perceber sua homossexualidade na adolescência e que tivera muitas dificuldades na convivência social, pois era muito 'fechada'. Salientou que teve depressão em decorrência dessa falta de sociabilidade. Começou a ter relacionamentos sociais a partir do momento em que decidiu conhecer as boates gays de que ouvia falar. Tivera dificuldades, pois havia um padrão de comportamento entre as mulheres que freqüentavam estes locais, estranhos para ela.

*“Eu comecei a perceber que todo mundo tinha o mesmo comportamento, a mesma masculinidade, a mesma maneira, o mesmo papo, todo mundo muito parecido, acho que pelo padrão, todo mundo tem um espelho né, nos convívios, nos ‘guetos’ tem essas coisas, todo mundo age meio igual”.*

Buscava nas boates um estilo, uma identificação, e agia conforme as outras mulheres agiam. Ficou mais agressiva, cortou os cabelos, procurou ser confundida com rapazes. Conviveu em guetos onde havia uma inversão de papéis, pois uma se comportava como feminina na relação e a outra, como homem. Neste relato percebe-se a assimetria de papéis, o modelo hierárquico de relacionamento descrito por Fry (1982).

A informante revelou que contara sobre sua homossexualidade inicialmente para a mãe. Fora difícil e sendo cobrada, principalmente pelo pai, ela acabara negando sua orientação sexual, dizendo que iria morar com uma amiga, mas não significava que estivessem namorando. Conforme ressaltou,

ficou “... o dito pelo não dito, ele sabe, mas tá querendo tapar o sol com a peneira”. Contou com o apoio da irmã e do irmão mais velhos.

Quando voltou para a casa da família, houve de início um certo estranhamento entre ela e a mãe: não sabiam como se relacionar, se se abraçavam, se conversavam, ficavam constrangidas uma com a outra. Logo superaram, voltando a tratar-se com naturalidade. Com o pai também fora difícil, mas o mesmo sempre ficara distante, “ *era fechado, frio*”.

Cássia morara três anos com a namorada. Passaram por várias dificuldades, sendo uma delas a moradia. Viveram de aluguel, mudando-se por quatro vezes. No momento da entrevista sua companheira estava morando em outra cidade, em busca de melhores condições de trabalho. Enquanto moravam juntas tinham uma convivência boa. Dividiam as tarefas, por exemplo, no jardim, uma cuidava das flores e a outra cortava a grama. Na hora de cozinhar e limpar a casa, também trabalhavam em conjunto. Neste período em que a namorada estava fora, comunicavam-se por cartas e telefonemas. Cartas pornográficas, segundo a informante, fazendo sexo por correspondência, curtindo-se, e de vez em quando se masturbando.

Antes de procurar ambientes gays, Cássia relacionara-se com rapazes, tivera namorados. O relacionamento sexual com os homens nunca fora agradável, com vontade, desejo, era mais “... *pra provar pra sociedade que eu sou mulher*”. Tivera um relacionamento anterior com uma mulher, mas não moraram juntas. Com a namorada, Joana, namorou durante quatro anos e teve um relacionamento sexual de igualdade, de troca.

*“Nosso relacionamento sempre foi muito igual, tipo assim, uma tá por cima numa hora, outra tá por baixo na outra, ou então uma tá fazendo carinho depois a gente troca, sempre tem essa coisa, ou eu faço alguma coisa que ela gosta mais, ou faço outras, ela faz algumas coisa que ela prefere, a gente tava sempre procurando pegar coisas novas, fazer coisas diferentes, em lugares*

*diferentes, em momentos diferentes, sempre variando bastante, porque senão, cai na monotonia e perde um pouco da graça, enfim era isso”.*

Destacou que tem fantasias sexuais que não são sempre com a companheira,

*“Não, eu quero ter o relacionamento com a Joana que é muito legal, mas de repente eu tenho umas fantasias que não é nem com a Joana, às vezes é com outras pessoas, ou sei lá com duas pessoas, tem aquela coisa....mas são idéias que como vêm, também vão, são idéias que só se passam pela minha cabeça e de daqui a pouco, são coisas que não sei se são curiosidades, mas às vezes são fantasias também”.*

O principal projeto de Cássia era voltar a morar com a namorada. A informante contou que tinha planos de fazer universidade e continuar trabalhando no mesmo emprego, pois ali tinha perspectivas de crescer e atuar na área que gosta. Pretendia construir uma casa e ter sua companheira de volta.

Cássia relatou também que pretendia ter filhos, não sabia como ainda, pois tinha vontade de engravidar, mas ficava preocupada com a figura do masculino, achava esquisito, pois conhecia uma pessoa que tinha um filho e o mesmo vivia fechado, trancado, infeliz. Então se preocupava com isso e pretendia amadurecer a idéia:

*“Ter um filho, eu não sei se de repente, e daí eu teria que me envolver com homem, porque também daí eu também teria que ter a presença do pai, mesmo que não morasse comigo, mesmo que a gente não fosse casado, mas que tivesse ali pra dar, também ajudar a educar a criança. Não sei, é uma coisa muito difícil, tem que pensar muito mais nessas coisas, com muito mais realidade”.*

A temática da constituição de novos laços familiares, que incluem as famílias gays, tem colocado em debate reivindicações por mudanças nas leis que

regem os direitos reprodutivos e as normas de adoção, em vários países. As discussões revelam diferentes configurações de família e, entre os gays, variadas possibilidades de ter filhos: a partir de relações heterossexuais anteriores, através da adoção, de novas tecnologias de reprodução, da co-parentalidade entre os próprios homossexuais, etc. Questões como as que preocupam a informante Cássia estão presentes nas discussões relativas à concepção nas famílias homossexuais: quem será o pai? Quem será a mãe? Como se nomina essa nova família? Será uma nova família, ou estarão os homossexuais reproduzindo as constelações familiares tradicionais?<sup>24</sup>

### *Débora, 22 anos*

*“... eu não vou deixar de viver a minha vida...”.*

Débora havia assistido à minha fala num encontro acadêmico sobre orientação sexual realizado na UDESC, tendo na ocasião se colocado à disposição para me conceder uma entrevista, ou apresentar-me a pessoas que pudessem fazê-lo. Informou-me que freqüentava bares e boates gays, possuindo um círculo grande de conhecidos. Quando resolvi fazer uma observação nos locais de encontro das informantes, procurei-a para me servir de cicerone, ao que ela acedeu com bastante disponibilidade, apresentando-me inclusive ao gerente da Chandon e acompanhando-me nas visitas àquela boate.

Em junho, telefonei para Débora, marcando uma entrevista. Fui buscá-la em sua casa, pois morava com os pais e não ficaria à vontade para me falar

---

<sup>24</sup> Estas reflexões foram apresentadas na Mesa Redonda: *Novos laços familiares*, da qual participaram as professoras Maria Luiza Heilborn (UFRJ), Miriam Grossi (UFSC) e o psicanalista Oscar Reymundo (UFSC), no Seminário Internacional Fazendo Gênero 4 - Cultura, Política e Sexualidade no Século XXI, em maio de 2000 na UFSC-Florianópolis.

livremente, considerando impossível realizar a entrevista ali. Chegando à minha casa, mostrei-lhe o trabalho sobre a Chandon, que ela gostou de ler, identificando-se naquele percurso.

A informante ficou bastante à vontade, principalmente quando falamos de sexualidade. Uma questão que observei durante a entrevista é que a mesma ria muito dos fatos de que lembrava e ia relatando.

Débora contou ser natural de Florianópolis. Completara o ensino médio e pretendia fazer faculdade. Tinha dois irmãos (um rapaz e uma moça). Morava na casa dos pais, mas por um período bem curto morara com uma irmã. As duas saíram de casa pois não agüentavam o controle dos pais, mas logo retornaram, ao conseguirem garantia de uma liberdade maior. Tivera namoradas, mas nunca habitara com uma delas. No momento não estava namorando. Trabalhava há bastante tempo como auxiliar de processamento de dados no período noturno. Este fato contribuía para suas saídas à noite. Adorava a noite, boates e bares.

Débora começou falando de sua vida a partir da infância, destacando que não tivera amigos e que fora muito caseira, pois sua mãe não gostava que saísse. As amizades que conseguia fazer eram cortadas pela mãe, que interferia em todas. Relatou que tivera uma amiga desde a infância de quem gostava muito, com quem brincava sem malícia nenhuma. O tempo passara e esta amiga, já na adolescência, falou que estava gostando de Débora. No começo não acreditara e tentara fugir do assunto, até que um dia acabaram conversando e ela lembra então de sua primeira experiência sexual, com essa amiga. Tiveram um relacionamento amoroso por aproximadamente dois anos. A partir daí, segundo ela, aflorara a questão da homossexualidade, mas ela destacou que não conseguia conversar sobre o assunto. Somente começara a verbalizar questões ligadas à sexualidade quando passara a praticar esportes, pois acabara fazendo amizades com pessoas que falavam mais livremente sobre o tema.

Em termos de relacionamento familiar, Débora relatou que as coisas não eram fáceis. A mãe era “*antígona*”, preconceituosa. O pai era “*cabeça aberta*”, mas regulador. As amizades precisavam ter a aprovação da mãe, senão não prestavam. Com o passar dos tempos, a mãe se tornou menos controladora. A irmã juntou-se com um rapaz e depois separou-se. As duas arrumaram um trabalho que exigia que viajassem, o que os pais não aceitaram. As mesmas resolveram sair de casa sem darem satisfações à família. Em seguida a mãe pediu que voltassem. Concordaram, fazendo um acordo para terem mais liberdade, principalmente a informante que havia arrumado um emprego: “... *oh, eu quase não saio, eu quero pelo menos ter direito de sair final de semana e voltar o horário que eu quiser*”.

Perrot (1994), apresenta um estudo que ajuda a pensar num outro tipo de família que tenta sair do *sufoco* e conciliar a liberdade individual com os laços afetivos do lar. A perspectiva é de reconstrução dos laços familiares, pois ao mesmo tempo que se busca sair do *nó*, que é o espaço fechado, exclusivo, normativo, há um retorno ao *ninho*, que é o refúgio caloroso, a proteção, o carinho.

*“Não é a família em si que nossos contemporâneos recusam, mas o modelo excessivamente rígido e normativo que assumiu no século XIX. Eles rejeitam o nó, não o ninho. A casa é, cada vez mais, o centro da existência. O lar oferece, num mundo duro, um abrigo, uma proteção, um pouco de calor humano. O que eles desejam é conciliar as vantagens da solidariedade familiar e as da liberdade individual. Tateando, esboçam novos modelos de famílias, mais igualitárias nas relações de sexos e idades, mais flexíveis em suas temporalidades e em seus componentes, menos sujeitas à regra e mais ao desejo. O que se gostaria de se conservar da família, no terceiro milênio, são seus aspectos positivos: a solidariedade, a fraternidade, a ajuda mútua, os laços de afeto e amor. Belo sonho”*(Perrot, 1994:81).

Destaco meu estudo realizado sobre as vivências lésbicas (Godoy, 1997), onde abordo brevemente a discussão sobre família, destacando o quão importante

é o laço afetivo familiar, como garantia do espaço de aconchego, carinho, segurança. Como aborda Perrot, há uma tentativa, no caso das mulheres homossexuais, de buscar um caminho que tenta conciliar a liberdade individual e a permanência dos laços com a família de origem e a casa paterna. Mas não podemos fazer generalizações, idealizando as relações familiares e pressupondo que todos os lares ofereçam proteção, segurança, amor. O pensamento a seguir ilustra a questão:

*“A família é mencionada pelas entrevistadas como o principal aspecto de entrave de assumir o lesbianismo. A menção não é depreciativa. Muito pelo contrário. Ela reflete o nível de importância conferido ao meio familiar que constitui-se na primeira instituição social de vivência do preconceito ao lesbianismo”*(Godoy, 1997:49).

Percebe-se que existe ainda nas famílias uma preocupação por parte dos pais com relação à questão da (homo)sexualidade dos filhos, justamente pelo fato de estarem inseridos numa sociedade em que a heterossexualidade é considerada padrão de normalidade, o que discrimina a possibilidade de outras práticas sexuais.

As vivências homoeróticas podem ajudar a desconstruir este tipo de pensamento, pois abordam diferentes estilos de viver relações amorosas. Alguns deles paradoxais, já que repetem as assimetrias que são encontradas em muitos casamentos heterossexuais, tanto em práticas sexuais, quanto na divisão das tarefas do dia-a-dia.

O irmão de Débora já tinha 18 anos e nunca tivera uma namorada. Débora acreditava que era ‘entendido’, mas nunca dialogara com ele, pois na sua família não existia diálogo sobre sexualidade. A mãe nunca falara de sexo para as filhas. Destacou que gostaria de conversar com a mãe e não precisar ficar escondendo os lugares e as pessoas com quem convivia. Acreditava que faria isso

quando tivesse sua independência, sua casa. Salientou que nunca levava para casa um namorado para apresentar à família, pois:

*“ é iludir ela mais ainda né, eu já tento não iludir, ela já se ilude imagina...(risadas), imagina se eu fizer isso. Então ela tem que encarar a verdade assim, deu, se descobrir eu não posso fazer nada né, eu não vou deixar de viver a minha vida por causa dela, né”.*

Em termos de relacionamento cotidiano com as companheiras, Débora salientou que não morara junto com nenhuma das namoradas e que convivera bastante com a última, pois morava próximo de sua casa. Seus relacionamentos sempre foram de amizade, respeito, sem muitas cobranças, pois não gostava disso. Destacou que cada uma tinha sua liberdade e quando uma interferia na liberdade da outra, não dava mais certo.

Contou que tivera três namoradas. A primeira na adolescência, durando aproximadamente dois anos. Sobre a segunda não mencionou a duração do relacionamento e com a terceira namorara oito meses. Destacou que nunca tivera relacionamento sexual com homens, pois nunca sentira vontade, desejo, não confiava nos homens. Em termos de relacionamento sexual, fala somente da primeira namorada e da terceira, contando que no primeiro relacionamento amoroso vivera seu período de descoberta da atração homoerótica e que ela e a namorada não tiveram muita oportunidade ou espaço para ficarem juntas. Quando a família saía, a outra vinha para sua casa, muitas vezes encontravam-se na praia. Com a última namorada foi o melhor relacionamento que teve, pois não tinha medo de se abrir, de ser espontânea nas relações amorosas, havia uma liberdade maior, inclusive transavam em cama de casal na casa de sua namorada. Nessa época a informante também ia à boate para namorar, conhecer pessoas.

Em termos de prática sexual, Débora salientou que no começo não sabia muita coisa e que fazia somente o normal, toque, sexo oral. Mas no outro

relacionamento, ela e a namorada já se permitiram maior liberdade. Foram juntas a um sex shop e compraram um vibrador. Débora relatou que dá para fazer mil coisas, fantasiar, usar mais as mãos e não tem nada a ver o que os outros falam: *“... se for pra usar isso eu transo com homem, e hoje eu vejo que não tem nada a ver, não significa que tu está transando com aquilo é porque tu gostas de homem”*.

Relatou que as pessoas tem dois sexos: feminino e masculino, e que um sobressai mais do que o outro: *“eu posso ser mais masculina, não significa que seja homossexual né, só que para os heteros até pra muitos homossexuais, o cara que é efeminado, ele é bicha, então aí a gente acaba até entrando no meio da história”*.

Débora contou que pretendia fazer faculdade, arrumar um trabalho melhor e arranjar uma namorada legal, ou melhor, *“... uma pessoa que se identificasse comigo”*. Pretendia sair de casa e morar com a companheira, numa relação de conjugalidade.

### *Ellen, 44 anos*

*“... não quero viver de amiguinha ...”*.

Em meados de junho de 1999, telefonei para Ellen, tentando marcar horário para uma entrevista. Fiquei de ligar novamente para ver o horário em que poderia ir até a sua residência, pois ela e sua companheira estavam esperando uma marceneira que iria realizar um trabalho na casa de ambas. A marceneira, segundo a informante, tinha uma empresa madeireira, onde todas as funcionárias eram mulheres. Na conversa foi ventilada a possibilidade de também entrevistar esta marceneira. Fiquei de ir no sábado seguinte e a informante salientou que eu

deveria ir cedo, pois poderia conversar, participar das conversas, fazer novas relações e quem sabe não conseguiria a entrevista. Antes do dia marcado a companheira da informante ligou dizendo que no sábado não daria para fazer as entrevistas com Ellen e ela, pois teriam outros compromissos, e a parceira não iria mais à sua casa. Mais tarde mantivemos contato e combinamos que iríamos fazer as entrevistas no próximo final de semana, na casa das duas.

Durante a semana participei de aula de disciplina de gênero no curso de graduação em Psicologia, onde apresentei o resumo da pesquisa realizada na UDESC. Após a discussão, deixei com os alunos um folder que elaborei em decorrência do dia do orgulho gay. O folder continha um pequeno histórico do Movimento Homossexual Brasileiro, o porquê de existir o dia 28 de junho e a Resolução do Conselho Federal de Psicologia sobre orientação sexual. Logo que saí da universidade fui até o ‘cachorro quente’ de Ellen. Conversamos bastante sobre a apresentação e discussão com o grupo de alunos de psicologia. Deixei a Revista Um Outro Olhar com ela, pois solicitou que a emprestasse para leitura. Durante a conversa combinamos as entrevistas para o sábado. Ficamos conversando por cerca de uma hora e ela falou sobre a questão dos estereótipos e os motivos das mulheres homossexuais se masculinizarem. Falou de algumas pessoas que conhecia e que talvez fosse bom que eu entrevistasse. Duas meninas que eram frentistas num posto de gasolina e moravam em Ratonés<sup>25</sup>. Ellen falou também de uma matéria no Diário Catarinense (DC), do mesmo dia, sobre a passeata que haveria em 27/06/99, em decorrência do dia do orgulho gay. Assim, combinamos participar do evento que serviria inclusive às minhas observações sobre o tema da pesquisa que realizava.

Ellen e Fernanda moravam juntas há doze anos. Ellen relatou ser natural de Florianópolis e ter completado o nível médio. Sempre tivera uma vida agitada, e conhecera muitos bares e boates gays que não existem mais em Florianópolis.

---

<sup>25</sup> Comunidade do Ratonés na Ilha de Santa Catarina, onde Córdova (2000) realizou seu trabalho de pesquisa.

Namorado muito, tendo muitos relacionamentos sexuais com mulheres e com alguns homens. Sempre mantivera um bom relacionamento com a família de origem. Trabalhara algumas vezes com vínculo empregatício e, em outros momentos, sem carteira assinada. Fora professora e comerciante, sua atividade no momento da pesquisa. Costumava participar de eventos (palestras, filmes, debates, defesas de teses, passeatas, etc.) relacionados à temática da homossexualidade. Estava sempre atenta à cobertura da mídia sobre questões que envolvessem o assunto.

Ellen começou seu relato falando da infância, de seus brinquedos e brincadeiras. Quando falou sobre a homossexualidade, salientou que é inata, ou seja, já se nasce homossexual, e as pessoas sofrem muito para se aceitarem. Relatou que desde criança tinha atração por uma amiga da família. Em sua adolescência gostava de meninos e se apaixonara por um colega homossexual, mas que não era assumido. Lembrou que se descobrira mesmo como homossexual aos 21 anos, quando se apaixonara por uma mulher. Só não conseguia se entender e nem tinha com quem conversar sobre o assunto. Relatou que custara a se assumir, a decodificar sua sexualidade e que sofrera muito porque sua família era toda certinha. Seus amigos é que achavam que ela era homossexual e, a partir daí, deixara aflorar suas preferências.

Relatou que a partir do momento que se assumiu, começou a sair pelos bares e boates, conhecendo a noite.

*“Eu sou uma sapa mais velha né, (risadas), então eu peguei os primeiros bares, era tudo muito escondido, a gente tinha o ‘Escova’ (risadas), era uma masmorra (risadas) assim horrível, um ambiente que tinha assim oh da bicha, da sapa mais sofisticada até o travesti com o canivete na mão, entende, todos num ambiente só. Porque tinha o ‘Roma’ aí a gente saía do ‘Roma’ ia pro ‘Escova’, era um ambiente pra dançar, tinha show né”.*

Salientou que ela e seus amigos sempre desejaram ter um lugar legal para frequentarem, até que surgiu o ‘Brasileirinho’ atrás do Roma. Todo mundo frequentava. Depois foram surgindo outros espaços.

*“A dona do “Brasileirinho” montou uma boate, depois o cabeleireiro Sidney montou uma mais legal ainda no porão da casa, aí mais decorada, uma coisa mais legalzinha. Depois o Ricardo abriu lá perto da escadaria, na frente do Lauro Müller, numa casa na frente do Lauro Müller, depois na escadaria aí tinha, me parece um outro bar, eu não me lembro a rua, quem desce a escadaria do Rosário, onde é a boate, tinha um local ali que era de gays também, mas eu nunca, eu fui uma ou duas vezes ali não tenho muita lembrança, a minha lembrança maior é o ‘Roma’ e o ‘Brasileirinho’ assim. Ah sim, aí depois também o “Degraus” que era um barzinho muito legal na Vidal Ramos, descendo a escadaria, uma casa de esquina, fazia um ‘crepe’ maravilhoso assim, um local bem legal, bem melhor assim, né”.*

Relatou que usara drogas (maconha/cocaína) para viver mais leve. Hoje a mesma entende que usou drogas por causa de sua sexualidade.

*“Tenho claro que foi em decorrência disso, não precisei de tratamento, a hora que eu não quis mais, não quis mais pronto, né. Porque eu acho que eu sempre fiz isso sempre com muito medo. Usei droga e era gostoso, foi uma época que eu mais me diverti na minha vida né, e curtir mesmo, eu posso dizer assim que eu curti a noite e era de segunda à segunda, então assim oh a boate era de sexta, sábado e domingo, às vezes quando tinha até quinta feira eu ia, sempre, sempre, sempre”.*

Relatou que hoje existe mais abertura para conversar sobre homossexualidade. Os meios de comunicação estão mostrando. Falou sobre o orgulho gay.

*“O jornal hoje tá mostrando – oh amanhã vai ter o dia do orgulho gay, jamais assim, (risadas) era mais na página policial (risadas). E assim, nas imediações da praça XV era uma caçada, os caras caçavam assim, amigos nossos né, aí diminuiu um pouco com a AIDS né, porque antes, credo, a gente saía com os caras, aí os caras tavam tudo caçando, tanto é que a praça XV era ponto de prostituta e elas cederam os lugares para os homossexuais (risadas), aí ficavam ali pelo Palácio do Governo, aí passavam os gurizinhos, os marinheiros né... Mais os homens, as mulheres não, eu nunca vi né, mas eu sempre vi mais os homens caçando, as mulheres eram mais nos bares, nas boates né”.*

A informante não falou muito de sua família de origem, referindo-se mais à mãe que lhe dava bastante apoio. Mas relatou que mantém um bom relacionamento com toda a família.

Ellen salientou que aconteceram muitas interferências familiares, mas por parte da mãe de sua atual companheira, que é muito possessiva. No momento da entrevista, a mesma não estava freqüentando sua casa, já fazia algum tempo, pois ela e Ellen brigaram.

Relatou que sua companheira tem uma filha e que, principalmente no início da relação, havia muita discussão e desentendimentos entre ambas em função da educação da menina. Atualmente estes problemas estão superados e ela mantém um relacionamento amigável com a adolescente. Quando se conheceram, esta tinha quatro anos e no momento estava com 16.

Ellen relatou que tivera vários relacionamentos que eram instáveis, e que morara por um período com uma mulher que não quisera assumir a relação.

Ellen salientou que nas tarefas do cotidiano ela e a companheira são desorganizadas. Muito embora dividissem as tarefas, existia uma cobrança com relação a determinadas funções ou arrumações na casa. “... *ah, porque tu não fizesse isso...*”. Existiam alterações de tarefas entre ambas e algumas divergências.

Ellen tivera relacionamentos com três homens. Com um deles até se preparara para transar, destacando que fora legal. Também relatou que tivera relacionamentos sexuais com várias mulheres. Contou que o relacionamento sexual com sua companheira é muito gostoso ainda. Faz esta ressalva em decorrência de viverem juntas há 12 anos. Salientou que o sexo é muito

importante no relacionamento. O depoimento, a seguir, parece romper com a idéia de que as mulheres estão mais propensas para o amor do que para o sexo:

*“... eu acho que sexo tem assim uma grande parcela, um grande percentual assim, porque eu pelo menos não quero viver de amiguinha (risadas), não quero, se não tiver sexo, e eu sou muito reclamadeira, porque eu sou muito sexual e a Fernanda é fogosa tudo, só que eu queria todo dia e ela não quer todo dia (risadas)”.*

No trabalho de Córdova (2000), esta questão também é abordada. O autor afirma que: *“Elas, entretanto, reivindicam maior atenção para a regularidade de suas práticas sexuais. Essas mulheres não querem mais fazer parte de estatísticas que asseguram que as mulheres querem mais ‘amor’ e menos ‘sexo’”(Córdova, 2000:207).*

O que também pude observar é que alguns relatos produzidos pelas mulheres rompem com a idéia das características que são atribuídas ao gênero feminino, como a sensibilidade e o romantismo. Ellen relatou que o fato de sua companheira ter uma filha, em determinados momentos atrapalha o relacionamento sexual, pois as mesmas têm que esperar a filha dormir ou então fazer sexo mudo, calmo, não dando para extravasar.

Outra questão abordada por esta informante é que ela e a companheira conversavam sobre sua relação sexual, procurando melhorar e permitir-se descobrir coisas novas. Nas suas práticas sexuais não utilizavam nenhum objeto, instrumento, destacando que era somente fantasia, que o tesão é uma coisa de pele.

Como projeto para o futuro, Ellen contou que pretendem, ela e Fernanda, acabar a casa, que ela deseja continuar com o cachorro quente, mas se não der, vai procurar uma escola para dar aula, ou outro trabalho. Relatou que seu sonho e de sua companheira é comprar um terreno e construir uma pousada para gays.

*Fernanda, 36 anos*

*“... as duas são muito parecidas, nas atitudes, nas malandragens...”.*

No dia 30 de junho liguei para a informante que não quisera me conceder a entrevista no sábado em que fui à casa dela e da companheira, por não estar se sentindo bem. Marcamos para a próxima sexta-feira, em minha casa. No dia marcado a companheira da informante ligou dizendo que não daria para irem até a minha casa, em decorrência do mau tempo. Após alguns dias fui ao cachorro quente de Ellen entregar-lhe a entrevista transcrita para que lesse. Ela me falou que eu precisava remarcar a entrevista com a sua companheira, e alguns dias depois recebi um telefonema seu, informando que poderia entrevistar Fernanda no sábado ou domingo próximos. Por impedimentos pessoais, não pude marcar o encontro no dia sugerido e precisei telefonar novamente para combinarmos o encontro. Assim, a entrevista com esta informante foi marcada, remarcada e só na quinta vez conseguimos realizá-la. A entrevista foi muito produtiva, a informante estava desinibida e muito disposta a contar suas experiências.

Fernanda relatou ser também natural de Florianópolis, mãe de uma filha de 16 anos, resultado de um casamento que durara quatro anos. Seus pais eram aposentados e separados. Estava fazendo um curso de especialização “*latu sensu*” e atuava profissionalmente como professora do ensino fundamental. Participava, juntamente com sua companheira, de eventos sobre homossexualidade. Afirmou também estar sempre atenta à cobertura da mídia sobre as questões relacionadas ao assunto.

Fernanda falou de suas brincadeiras de infância, que sempre foram com o irmão mais velho. Ela, que tem também uma irmã, adorava soltar pipa, brincar com os carrinhos, brincadeiras ‘ditas’ de meninos

*"... porque era trepada em árvores, sempre gostei de brincar assim, e sempre eu lembro da avó falando que, oh, meu Deus do céu, parece uma machorra, por mais que eu usasse 'sainha', coisinhas assim femininas, o meu comportamento para elas era de machorra".*

Relatou que na sua adolescência tivera adoração por uma prima e que se acariciavam. Por volta dos 15, 16 anos começara a namorar com um rapaz, com quem se casara aos 19 anos, tendo a filha aos 20 anos. Contou que aprendera que uma mulher deveria namorar e casar com a mesma pessoa e foi o que fez, cumpriu seu papel. Permaneceu casada até os 24 anos.

Fernanda tem um bom relacionamento com a mãe. Teve um período da vida em que sua mãe, por aproximadamente dois anos, cuidara de sua filha e esta tem uma relação muito forte com a avó. Falou sobre o pai, destacando que o mesmo era somente uma pessoa biológica, que nunca estivera presente. Separou-se de sua mãe quando a informante tinha 7 para 8 anos.

*"E os homens da minha família em geral sempre foram pessoas muito ausentes, sempre muito mais a minha avó, as minhas tias, a mãe... e os homens sempre muito mais distantes, muito mais assim sabe, ah, isso é coisa de mulher, muito machista".*

Esta fala de Fernanda e o fato de versões semelhantes de relações distantes com os pais terem se repetido nas entrevistas de várias de minhas informantes, levou-me à leitura de textos psicanalíticos para refletir sobre a questão. Conforme ressalta Dias (1998)<sup>26</sup>, pesquisando os ensinamentos sobre a homossexualidade na obra de Freud, impõe-se a importância de temas como pulsões, diferenciação sexual, identificações, escolhas de objeto, etc, relacionados aos temas dos complexos de Édipo e castração. Está claro que as concepções freudianas de inconsciente e aparelho psíquico são pano de fundo de

<sup>26</sup> Para uma análise da questão da homossexualidade e da homossexualidade feminina nos textos de Freud, o que não é o objetivo deste trabalho, remeto à leitura da dissertação de Edmilson Antônio Dias, defendida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSC.

toda a problemática da organização da sexualidade e da constituição do sujeito, na teoria psicanalítica.

O tema das identificações parentais é central à explicação freudiana do desenvolvimento do psiquismo, através dos momentos organizadores da sexualidade infantil, ganhando relevância no tempo fálico deste processo, na vivência e superação do complexo de Édipo, em sua articulação ao complexo de castração.

*"É este elemento complicador introduzido pela bissexualidade que torna tão difícil obter uma visão clara dos fatos em vinculação com as primitivas escolhas de objeto e identificações, e ainda mais difícil descrevê-las inteligivelmente. Pode mesmo acontecer que a ambivalência demonstrada nas relações com os pais deva ser atribuída inteiramente à bissexualidade e que ela não se desenvolva (...) a partir da identificação em consequência da rivalidade. Em minha opinião, é aconselhável em geral (...) presumir a existência do complexo de Édipo completo (...) A intensidade relativa das duas identificações em qualquer indivíduo refletirá a preponderância nele de uma ou outra das duas disposições sexuais"*(Freud, 1923:46-47).

Na realidade, o autor está enfatizando o fato de que o complexo de Édipo não pode ser reduzido àquele esquema simplista do triângulo amoroso familiar: o menino ama a mãe e desenvolve forte hostilidade em relação ao pai, seu rival; a menina, que elege o pai como objeto de amor, torna-se hostil à mãe, com quem rivaliza. Ambos, meninos e meninas, identificando-se nessa situação, ao progenitor do mesmo sexo, no caso da superação positiva da conflituosa situação edipiana, ou identificando-se ao progenitor do sexo oposto, no caso da resolução negativa do complexo de Édipo. Freud alerta para o fato das crianças, bissexuais, apaixonarem-se por ambos, pai e mãe, sendo sedutoras com os dois, identificando-se a ambos, com maior ou menor intensidade.

Em leituras da psicanálise podem-se encontrar confusões entre fatores causais e fatores desencadeantes de características que vão marcar as estruturas psíquicas. Na verdade, a constituição de sujeitos (um a um), a construção de

identidades (individuais, pessoais), ocorrem nesses processos de identificação, não com as figuras parentais, mas com suas funções, com traços seus.

Assim, utilizo à referência à psicanálise freudiana, não no sentido de buscar causas para as homossexualidades (ou heterossexualidades), mas buscando aprofundar a análise das representações produzidas pelas informantes.

Na continuidade da entrevista, Fernanda falou bastante de sua filha,

*“Ah, a minha filha é mais malandra, (risadas), a minha filha é mais malandra, ela faz é óbvio né, mas tudo tu tens que mandar, é uma adolescente, que tá assim é despertando pra vida, com 16 anos tá apaixonada por uma amiga (risadas), eu acho que ela tá apaixonada por uma amiga dela, ela tem 16 anos e ela estudou com essa menina da primeira à quarta série né, e depois elas se separaram porque foram pra colégio diferente, e agora depois de dois anos, mais ou menos dois anos elas reativaram a amizade, gente, com uma força que uma não faz nada sem a outra, uma sai, uma coisa que eu fico admirada a Luiza combinar pra sair com a roupa igual à da outra e a outra sair com a roupa igual à dela, as duas elas ficam direto juntas, direto se paparicando, direto se telefonando, e se perguntando o que é que vai fazer, onde é que vai, como vai, falam abertamente que são namoradas. Acredito que ainda não tenha acontecido nada, mas falam, se abraçam com uma naturalidade e com umas falas é tão, - ah, não, ela é minha namorada, e sabe com uma coisa tão natural”.*

Relatou que sempre procura conversar com a filha sobre questões relacionadas ao desenvolvimento, à sexualidade, mas que esta se fecha para determinados assuntos

*“Aí entra uma questão. Eu sempre busquei conversar com a Luiza sobre a descoberta da sexualidade dela, essa coisa do seio que vai crescendo, da menstruação, sempre tentei conversar, com os namorados, é essa coisa do ficar, essa coisa do se cuidar, ela tem bem claro isso, que ela tem 16 anos, que ela tem toda uma vida pela frente, que gravidez acontece muito na adolescência, que rolam, ficam, uns se empolgam, ah e começo a discutir com ela até sobre esse ficar, como é que é esse ficar, - ah a gente só se beija, se abraça, - ah mas tem também uma turminha que diz pra mim que o ficar é também transar, então como é - não, mas o meu ficar não é assim, - a gente até tenta conversar, mas quando entra numa coisa assim mais específica, ela foge, ela não quer saber, ela não quer discutir”.*

Salientou que a filha não verbaliza que a mãe é homossexual, mas sabe que a mãe participou da passeata do orgulho gay, que vai a boates gay, que tem vários amigos que freqüentam sua casa e que são gays. Destacou que não sente na fala da filha um discurso depreciativo ou de ressentimento, mas recorda-se que quando a filha era mais nova, com nove, dez anos, falava: “... *ah, mulher com mulher, homem com homem, ah que nojo*”.

Fernanda contou que conheceu sua companheira há 17 anos, há 12 anos namoravam e há 10 anos moravam juntas. Destacou que o relacionamento entre as três (filha, companheira e ela) já fora mais difícil e que havia muita disputa entre sua companheira e a filha, por sua atenção. Salientou que dividiam as tarefas do dia a dia.

*“Então, ela sabe, (...) ela não pergunta nada pra mim mas também eu não sei se ela precisa perguntar, ou se ela não sente a necessidade de perguntar, porque eu e a Ellen dormimos na mesma cama, no mesmo quarto, numa cama de casal, e ela dorme no quarto ao lado, então assim, tá tudo muito claro. Uma vez ela me disse com um pouco de ciúme, ela assim - 'é eu já sei mãe que a Ellen só quer te tratar bem, e que a Ellen só te trata muito bem, mas comigo tu tens que vê que ela é muito chata'. (...) Eu costumo até dizer pras duas, que as duas são muito iguais, e assim, pelo que eu já conversei com a mãe da Ellen, as características das duas são muito parecidas. Além de tá disputando, de tá querendo a mesma pessoa, que sou eu né, por mais atenção que eu dê a ela, eu to dividindo essa atenção dela com a Ellen né. Eu sempre tento dá uma equilibrada mas às vezes eu perco também a calma né, porque tu tá sempre tentando contornar, tipo tu tá sempre sendo a porta voz. A Ellen diz pra mim, 'a Luiza não fez aquilo', ou 'não lavou a louça', ou 'não limpou o banheiro', ou 'deixou a calcinha jogada', aí eu que tenho que dizer pra Luiza, aí a Luiza diz pra mim, 'a Ellen deixou a calcinha jogada', 'a Ellen é uma malandra'. Sabe, então eu tô sempre tentando, as duas são muito parecidas, nas atitudes, nas malandragens, entendeu, são muito parecidas, então elas entravam em discussão mesmo de boca a boca. Agora a Luiza resolveu, já faz um tempinho isso, uns dois, três anos, ignorar”.*

Em termos de relacionamento sexual, contou que não sentira prazer no casamento heterossexual com o pai de sua filha. Relatou que seu relacionamento

sexual com a companheira era muito bom. Chegou a dizer que era o que mantinha a relação pois as duas, a seu ver, são muito diferentes, tendo opiniões contrárias sobre várias questões do dia a dia. Não quis falar sobre suas fantasias, desejos sexuais, só salientou que nas suas fantasias tem muitas mulheres.

Fernanda falou que seus planos para o futuro com a companheira, detendo-se principalmente nas expectativas relacionadas à filha

*“Nós estamos pensando em acabar a nossa casa, e projeto de (...) tá vivendo uma vida tranqüila, continuar é vivendo com a Ellen até, sei lá, até onde dá, e criar minha filha, e viver assim agoniada, pra saber que tipo de orientação sexual que ela vai ter (risadas), porque na verdade as coisas dela pra mim agora tá muito a nível de fantasia né, então assim, tá vendo no que isso vai dar assim, uma aliada pra qualquer tipo de opção, não sei se faz algum tipo de opção, ela vai ter, eu quero é que a minha filha seja feliz assim, é independente assim, mas eu ficaria muito feliz se ela tivesse a mesma orientação que a mãe dela teve, (risadas), e depois de muito mais tempo e com muito mais segurança porque já vai encontrar na mãe, porque é uma coisa que a gente sente muita falta é da família, do apoio que a família poderia nos dar e poderia facilitar esse lado que já é tão sofrido né, isso ela já vai ter né. E só... e tocar a vida como ela é”.*

No texto de 1914, "Sobre o Narcisismo: uma introdução", em que Freud postula a distinção entre libido<sup>27</sup> do ego e libido objetal, a segunda derivando da primeira como uma formação secundária, o autor discorre sobre os movimentos de seu pensamento a respeito destes conceitos e sua relação com a questão do narcisismo primário (libido do ego). Procurando um conhecimento melhor do narcisismo através de outros meios de abordagem, além do campo da patologia, Freud analisa sua relação com o estudo da doença orgânica, da hipocondria e da vida erótica de homens e mulheres. Neste item, em que se detém na questão das diferenciações sexuais, o autor se refere a algumas formas de relações entre pais e filhos. *"Se prestarmos atenção à atitude de pais afetuosos para com os filhos,*

<sup>27</sup> "Energia postulada por Freud como substrato das transformações da pulsão sexual quanto ao objeto (deslocamento dos investimentos), quanto à meta (sublimação, por exemplo) e quanto à fonte de excitação sexual (diversidade das zonas erógenas)" (Laplanche, 1998:265-266).

*temos de reconhecer que ela é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo, que de há muito abandonaram"*(p.107).

Em parágrafo anterior, Freud fizera um sumário dos caminhos que, no seu entender, levavam à escolha de objeto, afirmando

*"Uma pessoa pode amar:*

*(1) Em conformidade com o tipo narcisista:*

*(a) o que ela própria é (isto é, ela mesma),*

*(b) o que ela própria foi,*

*(c) o que ela própria gostaria de ser,*

*(d) alguém que foi uma vez parte dela mesma"*(p.107).

A incursão no texto sobre o narcisismo, fez-me arriscar a interpretação de que esta questão está imbricada na fala de Fernanda, quando afirma que gostaria que sua filha tivesse a mesma orientação sexual que ela, para poder apoiá-la. Parece que a informante se projeta narcisicamente na filha, como se pudesse reviver seu passado nas experiências de Luiza, ao mesmo tempo em que procura resgatar, através da relação com esta, antigas pendências com seus próprios familiares, que nem sempre a apoiaram.

### ***Gabriela, 27 anos***

*"... eu voltei lésbica, quando eu cheguei eu já era lésbica ...".*

Em meados de agosto de 1999, conversei com outras duas possíveis informantes e combinamos que as entrevistaria em minha casa, pois ambas, namoradas, moravam nas casas dos pais.

Estas mulheres mantinham um relacionamento há três anos, ficando juntas quase todos os finais de semana, mas nunca verbalizando isso para as

famílias. Entrevistei primeiro Gabriela, que se mostrou aberta, falando livremente de suas práticas sexuais.

Gabriela mantinha um relacionamento com Helena há três anos, mas as mesmas nunca moraram juntas. Gabriela relatou ser natural de Florianópolis. Morava na casa dos pais e tinha um irmão de 24 anos de idade que sabia de sua orientação sexual e não a aceitava. Mestranda, atuava profissionalmente como professora do ensino médio. Lembrava muito de suas estórias e festas no período de graduação, dos seus namoros com rapazes, até perceber que gostava de mulheres. Conhecera outras meninas com quem tivera 'rolos', trocara beijos, sem contudo manter envolvimento sexual, até que conheceu Helena através de uma amiga. Como não moravam juntas, lutavam por um espaço onde pudessem ficar a sós.

Gabriela começou a se definir como homossexual a partir do tempo em que cursava graduação aos 22 anos, salientando que foi aí que começou a entender a sua sexualidade, nas viagens que faziam como estudantes para congressos. Relatou também que foram alguns textos lidos que possibilitaram o entendimento e abertura para as questões da sexualidade. Deixou bem claro que foi em outro espaço, fora de Florianópolis, que ela entendeu sua sexualidade. Salientou que anteriormente sempre tivera muitos namoros, todos de pouca duração:

*"... acontece, bom, vários congressos, várias viagens, e o diferente torna-se corriqueiro, porque todos vão pra uns congressos e dormem no mesmo alojamento. Aí aquela coisa de tomar banho e não sei o que, e aí sempre nas noites todo mundo se encontrava, depois do congresso todo mundo se encontrava. E ali começou já aflorar o olhar mais específico pro feminino, entendeu, tudo muito sutil, é óbvio, mas cada vez mais forte, freqüente (...), Até que um dia nós fomos pra Recife numa viagens dessas, pra um congresso, parará, parará..., e eu costume dizer que o vento de Recife mexeu com a minha cabeça, entendeu, peguei um vendaval naquela avenida lá, (risadas) (...), bom aí eu voltei de lá lésbica, entendeu(risadas). O que eu quero dizer é assim oh, é que eu fui sem uma prática definida, não eu voltei sem a prática ainda, mas eu*

*voltei lésbica, quando eu cheguei em Florianópolis eu já era lésbica”* (risadas).

Gabriela contou que sua relação com a família é extremamente complicada, pois ali é simplesmente a “filha”, não é a mesma pessoa que se revela na roda de amigos. Relatou que tem em sua casa um espaço de refúgio, o seu quarto, onde liga o som, acende o abajur e lê um livro ou liga a televisão. Destacou que há pouco diálogo na família e que as conversas nunca são sobre sua pessoa, mas sobre os outros, é alguém que está doente, que precisa disso ou daquilo. Os comentários são breves mas falam de tudo, drogas, maconha, coca, aborto, transa, até falam de sexualidade, mas nunca de homossexualidade. Sua relação com o irmão era legal, até ele saber de sua orientação sexual. A partir do momento que soube, não mais a aceitara e até lhe fizera ameaças.

*“Bom, o meu irmão ele sabe da minha sexualidade, mas ele não aceita e joga isso cotidianamente na minha cara, que isso é um absurdo, que tu tens tempo de mudar de vida ainda, deixa o pai saber que ele quebra os teus dentes, se ele não quebrar eu vou te quebrar”.*

A relação com o pai é delicada. Contou que é o cara brincalhão, preconceituoso, mas ao mesmo tempo companheiro, acorda, faz o café, conversa sobre história, política e futebol. E a mãe, que tem a cabeça mais aberta, também é preconceituosa. Relatou também que há cobrança da família de ambos os lados, em relação ao fato de não ter namorados, mas que ela não dá margem para maiores comentários.

Gabriela contou que no início da relação com Helena era tudo mágico, era a descoberta do desejo e era tudo muito tenso, inexperiente. Salientou que a relação precisava ser trabalhada. Contou que adquiriram um apartamento mas não moraram juntas por influência de sua família. Destacou que sua família não sabia de sua orientação sexual. Relatou que antes de terem este espaço ficavam

na casa de amigas, ou em outros locais. Quando tinham o apartamento todos os dias antes de ir para a casa dos pais, passava lá para estar com a companheira. Como este imóvel era próximo à casa de sua família, tinha medo de serem flagradas. Os compromissos com as despesas da casa ficaram pesados, era talão de luz, água, supermercado, limpeza e arrumação. Sua companheira ficara um ano morando sozinha e depois voltara também para a casa dos pais. Aí o relacionamento foi preenchido com saudades, frequência no telefone e falta de espaço, privacidade, o que precisou ser retrabalhado.

Relatou que tivera namoros instáveis com rapazes, sem compromisso e que com alguns desses namorados tivera relacionamentos sexuais. Não tivera outro relacionamento sexual com mulheres, a não ser com sua atual companheira. Sentira apenas atração por algumas mulheres e trocara alguns beijos com uma colega. Seu relacionamento sexual com a companheira acontecia em vários espaços e de várias maneiras, ou seja, freqüentavam o motel, uma pousada, casa de amigos ou usavam o próprio carro. Destacou que, por não morarem juntas e não terem um espaço próprio, pois alugaram o apartamento que possuíam, precisavam planejar o financeiro para terem acesso a locais de intimidade.

Relatou algumas das práticas sexuais que as duas realizavam com frequência:

*“... então tem essa fantasia da coisa da professora, chamada entendeu, então tinha o quadro, tudo no quarto, quer dizer, o símbolo né do quadro, o giz, do óculos, o diário de fazer a chamada, quer dizer, é a coisa da fantasia né, ou uma lingerie muito doida, ou deixamos o quarto com as velas, enfim, a gente sempre gostou muito da coisa da fantasia, a gente brincou muito com isso. A coisa da primeira vez também, que excita também, é nossa primeira vez então a gente tá se conhecendo, só passa a mão e não pode passar mais e aí a gente fica na fissura de ... e não pode porque é a primeira vez, então quer dizer, tu incorpora assim mesmo o personagem. E aí o espaço não rolava assim só com ... tinha outras coisas pra se fazer, então é isso que eu quero te dizer, que aquele espaço ele era cicerone nos tempos, ele nos encaminhava pra outras coisas”.*

A partir do momento que não tinham mais aquele espaço, buscavam outros:

*“O carro também participa muito desse processo, a coisa do medo, entendeu, parar o carro, de tu tá dirigindo e a outra tá tirando a roupa e não sei o que, é uma loucura assim. Mas depois, é uma coisa interessante assim, depois que a gente morou no apartamento e teve toda essa relação com espaço, eu vivo dizendo espaço porque eu acho muito importante isso, eu não consegui mais ter o relacionamento no carro, porque daí já me pintava o medo, porque antes que eu não tinha a segurança do apartamento eu achava aquilo tudo muito legal, de tirar a roupa, de depois não achar mais a calcinha no carro, achava aquilo muito legal. De uma tá dirigindo, da outra tá sem calça, claro, de blusa sim porque não podia aparecer né, mas tá sem calça e daí tirar a calça da outra, da outra ficar sem calça entendeu, e hoje não, hoje eu já não consigo mais, mesmo porque tá blits pra todo lado, se pega (risadas) sem calça, com calça, tira, onde é que está o documento né, enfim, então, eu já não curto mais esse tipo de coisa, até tentamos fazer há um tempo aí mas aí vamos embora, vamos embora e, mas enfim, as especificidades da prática né”.*

Salientou que ainda não usaram nenhum objeto na relação sexual mas que tinha desejo de usar um vibrador. Destacou que a princípio a vontade era mais sua, mas que agora sua companheira também desejava isso.

*“Enfim, e aí a Helena sempre teve vontade mais de penetrar com o vibrador e eu assim, - e eu também tenho desejo de penetrar, - aí ela pensou e tal e também rolou, quer dizer, também vai ser legal. Mas a primeira reação do vibrador foi ah, então deixa que eu ...- a primeira coisa assim né, - aí eu deixei pra vê até onde é que ia, de propósito né, pô mas o que ela tá pensando!, então num outro momento é que eu disse, - e se eu também tiver vontade de penetrar?. Aí é onde ela caiu e a gente pensou nisso, quer dizer, é uma coisa que ...”.*

Destacou que acha fantástico que sua companheira goze sem ser penetrada. Relatou que fazem sexo anal, oral, de todas as formas, a excitação de todo o corpo é importante, os seios, o cheiro, o feitio do corpo, enfim, tudo é muito significativo.

*“Eu gosto muito de transar, a Helena também, só que eu ao contrário da Helena quando ela atinge o orgasmo, ela atinge um orgasmo, ela goza uma vez, e depois sente prazer mas não goza, eu não, eu gozo uma, duas, três vezes, quantas vezes for transar (risadas), e aí eu quero mais, mais e mais né, quer dizer, só que daí a pessoa que não tá gozando cansa, é óbvio né, e eu não”.*

Destacou que as duas conversam sobre a relação sexual buscando um entendimento, bem como o prazer na própria relação.

*“Sempre, sempre. Gosta mais assim, gosta mais assado, puxa a gente tem que fazer mais não sei o que, ousar mais, eu gosto de muita ousadia na cama, então a gente conversa muito. Muito. Sexo falado acho muito legal, então, a gente conversa muito, bastante mesmo”.*

Gabriela falou da importância de se conseguir um espaço para viver sem pseudo liberdade. Ela e a companheira projetavam sair do país, viajar e, no retorno, morar juntas, muito embora para a família conte planos de viajar para estudar, e sozinha. Elas ainda não pensaram bem como é que irão fazer para viajarem juntas, se irão se encontrar em São Paulo ou se contam tudo antes para os pais. Gabriela salientou a importância de vivenciar o morar junto.

### *Helena, 24 anos*

*“... foi uma descoberta, (...) nunca imaginei a homossexualidade, sempre a hetero ...”.*

No dia 19 de agosto conversei com a companheira de Gabriela e marcamos seu depoimento para o dia seguinte, em minha casa. Não conseguimos realizar a entrevista na data marcada, ou no próximo dia combinado, pois a informante ligou falando que não estaria disponível nestas datas. Remarcamos para o dia 22 de agosto.

Na ocasião, Helena tinha retornado para a casa de seus pais. Como já foi relatado, durante algum tempo morara no apartamento que havia adquirido com Gabriela e as duas já mantinham um relacionamento há três anos, encontrando-se, aos finais de semanas, em casa de amigas. A entrevistada estava um pouco nervosa, e embora tenha relatado muitos aspectos de sua vida pessoal, não quis falar muito sobre suas práticas sexuais.

Helena também era natural de Florianópolis e tinha dois irmãos. O mais velho sabia de sua orientação sexual e a aceitava. Na época da pesquisa morava na casa dos pais, pois alugara o imóvel que possuía com Gabriela, visando angariar fundos para mais tarde viajarem e poderem comprar um terreno, para posterior construção de uma casa. A mãe somente realizava os trabalhos em casa e o pai há quatro meses desfrutava de aposentadoria. A informante tinha ensino médio completo e estava em fase de conclusão de outro curso de nível médio, pois pretendia mudar de profissão. No momento da pesquisa trabalhava como balconista. Tivera outros relacionamentos com mulheres.

Helena conseguira obter 'liberdade' com a família, não precisando explicar-se quando dormia fora ou chegava mais tarde em casa. Atribuía isto também ao fato de ter morado sozinha. Salientou que sempre conseguia convencer e conquistar a mãe para os seus projetos. Por exemplo, quando decidira sair de casa, a mãe não gostara, mas depois entendera e a apoiara. Disse acreditar que sempre iria conseguir o apoio da mãe, pois conversava com ela obtendo sua confiança.

Helena relatou o começo de sua história como homossexual, relacionando-a a um beijo que lhe fora dado por uma amiga. Destacou que no momento não entendera e que, a partir dali, foi percebendo que era diferente, só que não aceitava e tinha muito preconceito consigo mesma. Relatou que foi uma

descoberta e que sofreu muito e não tinha com quem conversar. Salientou que nunca imaginara a homossexualidade, sempre a heterossexualidade.

Helena contou que de certa maneira já tem liberdade com sua família, mas que com sua companheira é mais complicado. Relatou que sua mãe mexera em sua bolsa e pegara uma carta onde ela falava de seu relacionamento e a encaminhara a um psicólogo para se curar. Depois de um tempo, Helena dissera à mãe que não tinha mais nada a ver, ou seja, mentira e hoje avalia que errou. Nunca mais conversaram sobre isso. Destacou que acredita que a mãe sabe de sua orientação sexual, mas não falaram mais sobre o assunto, pois a mãe pensava que iria passar, que era um momento de fraqueza.

Helena relatou que a sua família tem um bom relacionamento com sua companheira. Seu irmão mais velho sabe, conhece e respeita sua companheira e ela tem observado que seu irmão mais novo, que a adora e respeita, está ficando ligado, ou seja, fica observando, fica escutando seus telefonemas, está curioso. A relação com o pai é tranqüila, sempre querendo ajudar e disposto a emprestar o carro. Relatou que esteve muito preocupada quando precisou retornar à casa, chegou a criar um fantasma, mas que se surpreendeu com a acolhida pela família. Atribui isso à independência e liberdade conquistada, independência inclusive financeira. Relatou que gostara muito do retorno, pois a comida da mãe, sua companhia, lhe faziam falta. No apartamento sentira-se muito sozinha, pois Gabriela ia toda noite, mas ficava pouco tempo. Destacou que já falara para a sua mãe que no próximo ano pretendia viajar. Contou que no início a mãe nunca apoia, mas que depois ela a convence.

Helena contou que conhecera sua companheira através de uma amiga e que antes de terem um relacionamento amoroso foram amigas. Quando compraram apartamento, passavam os finais de semana juntas. No cotidiano não partilhavam as tarefas e poucas vezes sua companheira ajudava, pois preferiam

aproveitar o tempo para outras coisas. Com relação à comida a maioria era comprada.

Relatou que tivera namorados na adolescência, e um namoro mais sério, só não deixou claro se teve relacionamento sexual com este rapaz. Relatou que tivera relacionamentos anteriores com duas mulheres. Contou que seu relacionamento com a namorada é muito bom.

*“Eu tenho um sonho ainda de transar numa sala de aula, claro que só eu e a Gabriela (risadas), tenho muita vontade. Mas pinta um monte de fantasia assim, a Gabriela adora máscara, adora máscara, adora quando eu fico de máscara...”*

Contou que na casa dos seus pais, têm um quarto com privacidade:

*“Tenho a maior liberdade, mas se não a gente namorava no carro, ia no motel, ou ia na casa, até dos meus avós eu já dormi com a Gabriela até nos meus avós assim, amiguinha né. Até lá em casa né agora, cada lugar que a gente possa ir e ficar juntas assim...”*

Relatou que é mais ativa que sua companheira e que toma muito mais iniciativas na relação. Destacou que não utilizam nenhum objeto na relação, mas não descarta a idéia de usá-los.

Helena pretende, no futuro, morar junto com a namorada. Quer ainda trabalhar e adquirir experiência na sua área de formação e viajar, ficando fora do país para que sua companheira adquira liberdade com a própria família. Ressaltou que não agüentaria retornar e ir morar novamente na casa dos pais, isso jamais. Relatou que decidiram que irão enfrentar as dificuldades, principalmente da família de sua companheira, para ficarem juntas.

*Ivete, 34 anos*

*“... eu convivo muito bem sozinha...”.*

Início de julho fiz o primeiro contato com esta informante, perguntando-lhe se aceitaria ser entrevistada, ao que ela aceitou. Posteriormente marcamos a entrevista para o dia 8 e na data combinada, liguei para a entrevistada e marcamos para depois do seu horário de trabalho, em sua casa. Antes da hora combinada, ligou-me solicitando que fosse até o seu trabalho, para que lá realizasse a entrevista, pois teria que trabalhar até mais tarde.

Fui até o emprego da mesma e conversamos sobre várias coisas, mas decidimos marcar a entrevista para um outro dia, fazendo-a em sua casa, local mais adequado. Ivete ficou curiosa sobre se eu tinha roteiro e como seria a entrevista. Alguns dias depois liguei para a informante e remarcamos o encontro. No dia combinado tivemos que cancelar, pois a mesma teve problemas particulares e não pode conceder a entrevista. Ficamos de conversar para marcar nova data. No dia 26 de agosto entrei em contato com a informante e marcamos a entrevista para o domingo, em sua casa.

A entrevista durou mais de duas horas e foi muito tranquila. A informante ria muito enquanto contava fatos de sua vida. Quando finalizamos a entrevista a informante continuou a conversar destacando que ela e sua companheira têm também afinidade com a música, as mesmas gostam de cantar e passam horas fazendo isso, inclusive com repertório próprio.

Ivete é natural de Florianópolis. Tem mestrado e havia cursado disciplinas de um curso de doutorado. Atuava profissionalmente como professora de graduação e pós-graduação. Os pais eram aposentados e ela tinha três irmãos, duas mulheres e um rapaz. Destacou que sua família sabia de sua orientação

sexual, embora não conversasse abertamente sobre o assunto. Tivera vários relacionamentos com outras mulheres, morando junto com duas delas. Na época da entrevista contou que tinha uma namorada, mas que não pretendia morar junto com a mesma, ou seja, iriam permanecer cada uma na sua casa, no seu espaço. Acreditava que esta perspectiva era fundamental, pois lembrava do seu primeiro relacionamento, onde viviam ela e a companheira na mesma casa, o que tornara muito difícil a separação. Além de ‘perder’ o amor, também tivera perdas materiais, como a ‘casa’, por exemplo.

Ivete começou contando sua história a partir da infância, incluindo seus pais, irmãos e avós. Era a filha do meio. Contou que sempre se identificara com as brincadeiras de meninos. Achava as brincadeiras de meninas sem emoção.

*“Brincava na rua assim praticamente com os meninos, eu não me identificava com as meninas, achava as brincadeiras de meninas muito sem emoção, até porque ou elas brincavam de casinha ou de cozinhadinho. E como tinha televisão na época, televisão preto e branco, que a gente via Rim Tim Tim, Batman e Robin, essas coisas, Zorro, eu me identificava mais com os super heróis, e como eu era mais velha que o irmão então era ótimo brincar de Batman e Robin, eu era o Batman e ele era o Robin, depois que ele foi crescendo é que foi passando a ter interesse pra essas coisas”.*

Lembrou de fatos de sua infância, do seu primeiro beijo. Relatou que aos 12 anos queria ser menino:

*“Mas eu sempre queria meio que transgredir isso, eu sempre queria ter um comportamento bem de menino, eu queria ser menino e depois eu fiquei, mais tarde na adolescência, eu comecei a pensar porque que isso acontecia né. Fazer xixi em pé, queria fazer xixi em pé, mas eu só fazia no banheiro tomando banho porque se fizesse fora eu me sujava toda (risadas). Mas quando eu tava tomando banho por exemplo, eu tentava fazer xixi em pé pelo menos pra ter aquele momentinho de glória de menino (risadas), eu me lembro que eu sempre brincava de acertar esponja no chão, de ficar acertando esponja assim, porque os meninos brincavam muito de pontaria então na hora de tomar banho era o meu momento de glória”*

Nos textos sobre sexualidade feminina/feminilidade, em que Freud insiste na relevância de sua descoberta do significado da fase pré-ediapiana para as mulheres, o autor trata especialmente das diferenças dos complexos de Édipo e castração em meninos e meninas. O complexo de castração dos meninos, quando defrontados com a diferença sexual (ter ou não ter falo), é vivenciado como angústia, medo à castração, empurrando-os à dissolução violenta do Édipo, pela identificação ao pai. As meninas, defrontadas com a diferença entre os sexos, vivenciam o complexo de castração como inveja do pênis, culpam a mãe por não tê-las equipado com o falo e desviam seu amor ao pai, entrando dessa maneira no complexo de Édipo, no qual permanecerão por mais tempo e que não dissolverão com a mesma determinação dos meninos. Neste esquema estão contidos os pressupostos freudianos que mais acirram as polêmicas das feministas (inclusive algumas psicanalistas) com Freud, acusando o autor de conceber a mulher como faltante, inferior<sup>28</sup>.

A fala de Ivete, repetindo as representações de muitas mulheres e meninas, é emblemática para dizer dessa inveja do pênis teorizada por Freud, não como inveja de um órgão, mas do falo, "*... esse pedacinho a mais de prazer...*" (Cabas, apud Lago, 1996:173).

Ivete ressaltou que sempre teve curiosidade em conhecer corpos de homem e de mulher, tanto é que espiava o pai no banho e a mãe se arrumando no quarto. Depois cresceu e na adolescência já teve mais contato com garotas e acabou conhecendo o universo gay, sabendo que existiam mulheres que podiam gostar de mulheres sem serem masculinas e que pessoas do mesmo sexo podiam se gostar. Aos 17 anos tivera seu primeiro envolvimento com uma garota. Relatou que era muito preconceituosa com relação à homossexualidade e que tinha muita dificuldade em aceitar. Destacou que acabaram o namoro por

---

<sup>28</sup> Na realidade, o autor concebe a ambos, meninos e meninas, como estruturados na falta - na castração, embora esta assuma formas próprias para cada gênero. Na completude, sem falta, sem desejo, não se constitui sujeito.

problemas familiares e por medo, principalmente por parte da garota, e então sofrera muito, não se relacionando com ninguém durante os próximos seis anos.

Ivete relatou que tinha um bom relacionamento com a família “... *aquela estória que todo mundo sabe, mas ninguém fala no assunto*”. Falou sobre seus relacionamentos com os irmãos e com a mãe, não comentando nada com relação ao pai, citando-o apenas no início da entrevista. Com relação, à mãe destacou que às vezes tem a impressão que há retrocessos, ora ela fala bem dos homossexuais, ora não admite, achando que são uma desgraça para a família.

Ivete relatou que seu cotidiano com a namorada era interessante, pois por não morarem juntas, às vezes ficavam na sua casa, outras vezes na casa da namorada. Destacou que no início sua companheira era um pouco durona, parecia distante, insensível, e que aos poucos fora mudando. Ressaltou que estavam na fase da paixão, mas que não adiavam compromissos para ficarem juntas. Ivete contou que as duas não pretendiam morar juntas, pois cada uma tem que ter as suas coisas e a companheira, como ela, também tivera experiências de perdas materiais em relacionamento anterior.

*“Não. Ela já falou pra mim que cada um tem que ter as suas coisas, nada de comprar coisas meio a meio. Até porque ela já teve experiências com outras namoradas, por exemplo, que ela comprou um terreno junto e a namorada ficou com o terreno. Na verdade, eu acho que essas coisas são assim oh..., eu entendo até, porque o dinheiro acaba estabelecendo relação de poder, uma relação desigual de poder entre as pessoas, embora tu compartilhe a coisa, tu aceite até que o outro compre pra ti, te pague, de que tu tá num casamento e a idéia de casamento, é o casamento heterossexual de comunhão de bens”.*

Destacou também que as duas se preocupavam em melhorar suas casas. Ivete relatou que sua namorada se preocupava com a decoração da casa, o cuidado do jardim. Contou que quando iam a restaurantes a conta era dividida mas, é claro, quando uma não tinha a outra pagava. Outro aspecto que Ivete

abordou em seu depoimento, foi sobre os ‘sonhos’ e vontades das duas em relação às suas casas:

*“A gente brinca assim, que essa aqui como é mais longe pra chegar aqui, que essa é a nossa casa de campo e lá é a casa da praia, porque é mais próxima da praia. De vez em quando a gente solta um descuido e fala dos nossos dois carros, o carro da família, botar uma piscina ali não sei o que, a gente tem essa noção de família junto, a gente aos pouquinhos, uma coisa porque ela é muito orgulhosa ...”.*

Relatou também que tivera vários envolvimento com homens e que eram relacionamentos instáveis, tendo relacionamento sexual com alguns deles. Contou que quando teve estes envolvimento com homens, queria que fossem com as mulheres. Relatou de forma bastante detalhada todos os envolvimento que teve com as mulheres. Contou que seu primeiro envolvimento mais sério, em que morou junto com a namorada, terminara com esta afirmando que Ivete não a satisfazia sexualmente,

*“... não queria mais ficar comigo porque nunca tinha se realizado sexualmente comigo (...) e que nunca tinha se satisfeito sexualmente comigo. Daí eu sempre dizia assim pra ela, eu não sei se tu lembras que tu sempre foi uma pessoa muito fechada, eu sempre te perguntei se tu tinhas fantasia sexual, ela dizia que não tinha fantasia. Disse assim, impossível alguém não ter fantasia sexual, qualquer coisa que tu imagine, que tu sonhe, é uma fantasia, uma coisa que te empurre, que te estimule, não dá pra dizer que não tem fantasia sexual”.*

Buscou ler, estudar sobre sexualidade. Conheceu seu corpo, tocou-se, masturbou-se, procurou saber do que gostava e do que não gostava. A partir daí seus relacionamentos sexuais foram mais prazerosos, pois a criatividade fluía.

Ivete salientou que as experiências que tivera fizeram-na mudar a noção de casamento porque quando a relação acabava, não perdia somente a namorada, mas ficava sem referências.

*“Desde que eu comecei a idealizar os relacionamentos afetivos, ter alguém, amar alguém, eu tinha sempre duas coisas muito claras pra mim, primeiro eu*

*sempre acreditei em amor eterno, que as pessoas podiam encontrar alguém e viver com essa pessoa e amar essa pessoa até o fim da vida, ou da sua existência e a outra coisa que pra mim era claro, é que as pessoas podiam morar juntas e casar, e na mesma, ter o mesmo teto e tal. Os dois relacionamentos que eu tive (...) foram o suficiente pra eu concluir que eu quero ter a minha própria casa e que acho que os casamentos tem que ser em casas separadas”.*

A informante destacou ainda que o relacionamento a dois é bem complicado, pois as pessoas

*“... não se aceitam, não se entendem, o jeito de ser de cada um, mas também pela coisa de se não der certo a relação tu tens o teu mundo, tu não vai se sentir de repente como eu me senti, sem teto, sem chão, e com aquela neura, com aquele medo enorme de ter que voltar pra casa do pai e da mãe, então acho que isso é legal, isso ajuda as pessoas a viver a relação mesmo e não ficar junto por conveniência, as pessoas acabam ficando junto por conveniência, por questão de segurança, tem gente também que quer ficar morando junto por segurança e eu não tenho, acho que eu sou uma pessoa independente nesse sentido, eu convivo muito bem sozinha, assim estar sozinha, por exemplo, eu moro aqui eu sou capaz de ficar aqui numa boa sozinha curtindo as coisas, eu não me sinto rejeitada por exemplo. Eu tenho os meus amigos, tenho as pessoas, se eu tiver coisa eu ligo pra alguém saio, vou, mas eu lido bem por estar só”.*

Dumont (1992) concebe a sociedade moderna marcada pela ideologia do individualismo, em contraposição às sociedades tradicionais, hierárquicas, cujo valor está centrado no coletivo, na totalidade. Para o autor, as sociedades modernas se caracterizam pela valorização do indivíduo e, dessa forma, nelas a parte se sobrepõe ao todo. Dumont (1985) analisa a ideologia individualista que define as sociedades contemporâneas e suas idéias têm fundamentado muitas análises realizadas por autores brasileiros sobre família (Figueira, 1987; Velho, 1987), camadas médias urbanas (Velho, 1987; Salem, 1989; Figueira, 1987), homossexualidade (Fry, 1982; Heilborn, 1992), conjugalidade (Salém, 1989; Heilborn, 1992), etc. Estes textos que tratam de novas famílias e de novas formas de conjugalidade, analisam bem a questão dos sujeitos, mesmo mantendo suas relações conjugais, optarem por viverem sós, terem suas próprias coisas, no seu espaço próprio, mostrando como esses caracterizam bem a crescente

individualização e fragmentação da contemporaneidade, nos espaços urbanos e em determinadas camadas sociais.

As representações de Ivete sobre a manutenção da relação com a namorada em espaços separados, fala desse ideário individualista que marca cada vez mais as sociedades urbanas e as camadas médias brasileiras.

Ivete relatou que seu relacionamento com a atual namorada era extremamente aberto e criativo. Que nenhuma das duas tinha problemas em transar e seduzir os homens, mas que a diferença é que se apaixonavam pelas mulheres. As duas tiveram casos com homens. Relatou que nas práticas sexuais faziam inversão de gênero e achavam bobagem a questão do ativo e passivo, pois existiam práticas ativas e outras passivas, dependendo das preferências. Salientou que descobriram que era interessante brincar que uma era o homem e a outra a mulher. Destacou que sua namorada gostava muito de seu lado feminino e que achava interessante fazer o papel masculino. Relatou que realizava várias práticas sexuais com a companheira e que o sexo é uma coisa divertida.

*“... a gente tem assim uma coisa muito de tesão as duas, de tesão e é impressionante que eu achava, bom e a gente faz de tudo né, tudo que dá vontade, ninguém tem assim o mínimo de constrangimento e mais, a gente tem o sexo como uma coisa divertida, não como um problema, entendeu?”.*

Relatou que as duas conversam sobre suas práticas sexuais e se permitem conhecer coisas novas, pois a sexualidade é um constante aprendizado. Contou que sua companheira tem assumido mais o papel masculino na relação e que a mesma goza vendo ela gozar.

Ivete contou que seus projetos para o futuro eram concluir seus compromissos no trabalho, encarar as dificuldades, continuar estudando e conciliar o lado profissional com a questão afetiva. Relatou com alegria que suas atividades profissionais iam bem, recebendo várias propostas de trabalho.

Concluiu a entrevista falando que sua vida afetivo-sexual também estava muito boa.

*Joana, 25 anos*

*“... se for pra vir, virá, entende...”.*

Em meados de julho de 1999, entrei em contato com Cássia, para obter o telefone e endereço da sua namorada em São Paulo, pois neste dia eu estava viajando para aquela cidade e tentaria encontrá-la para fazer a entrevista. Fiquei sabendo então que há um mês esta havia retornado e estava trabalhando em Florianópolis. Assim, combinei entrar em contato com ela no retorno da viagem, para pegar o telefone da namorada. No dia 27 de julho telefonei para Cássia em seu trabalho e ela prometeu que daria meu telefone a Joana, que deveria entrar em contato comigo.

Depois de um longo tempo consegui contatar esta ex-entrevistada. Ela estava morando e trabalhando em Palhoça, município da Região Metropolitana de Florianópolis. Marcamos a entrevista para dia 19 de outubro, combinando realizá-la em minha casa.

A informante demonstrou constrangimento em falar do relacionamento com Cássia, que havia terminado há pouco tempo. Nesta entrevista falou mais de sua trajetória de vida e principalmente do período em que estivera num convento, onde tivera sua primeira experiência afetivo-sexual.

Joana contou ser procedente de um município da Grande Florianópolis. No momento da pesquisa não estava estudando, tendo trancado sua matrícula na

universidade, onde cursava Ciências Sociais. Estava trabalhando como auxiliar de enfermagem. Pretendia realizar vestibular para o curso de graduação em enfermagem. Seu pai trabalhava como mecânico e a mãe trabalhava somente em casa. Tinha três irmãos que moravam com os pais. Namorara e tivera relacionamentos sexuais com rapazes. Saiu de sua cidade e veio para Florianópolis para estudar. Aqui acabara fazendo muitos amigos, conhecendo a vida noturna e namorando muitas mulheres.

Joana relatou que na infância brincava como qualquer outra criança. Destacou que na adolescência é que descobrira algo relacionado à homossexualidade a partir de uma revista onde vira duas mulheres se beijando, o que a deixara excitada. Como já foi citado, fora para um convento, onde permanecera por dois anos. Relatou que lá tivera seu primeiro relacionamento sexual, e este fora com uma mulher.

*“... justamente dentro do convento. E foi muito iluminado, porque imagina uma transa dentro de uma capelinha, e depois a gente ter que pular a janela pra voltar pro quarto (risadas), tudo foi perfeito. Daí depois aonde a gente se encontrava? A gente se encontrava no sótão. Que tinha um sótão onde a gente estendia as toalhas e era cheio de colchões lá. Porque cada ano vinha uma quantidade diferente de estudantes, então tinha várias camas e colchões guardados lá em cima, então a gente tinha um quarto separado, tu acredita (risadas). Eu ajudava a organizar os negócios, eu trabalhava, quer dizer, cada um tinha um setor pra trabalhar e aí a gente sempre se encontrava. E à noite, todo mundo ia dormir, eu dormia perto de uma janela, ela levantava, batia na janela do meu quarto”.*

Contou em detalhes como as duas faziam para ficarem juntas, como ficavam com cheiro de sexo na mão, indo depois rezar assim. Salientou que era muito bom e que o proibido as excitava.

*“Não, a gente dormia em quartos, eu dormia num quarto com mais nove, ela dormia num quarto com mais dez. Altos riscos e isso foi durante um ano, e surgiram algumas desconfianças. Só que a irmã (...) isso que pesou mais a consciência, porque ela chegou e disse pra gente assim, chamou um dia nós*

*duas, - 'Ah que vocês estão eu ouvi comentários que vocês duas estão tendo um relacionamento e tal, mas eu não acredito porque uma coisa que acontece normalmente, - isso olha como é interessante, dentro do próprio convento eles já colocam isso, quando duas pessoas começam a se relacionar mais próximas no meio gay, a tendência delas é se fechar, e não ter mais muita amizade, não sei o quê. E ela disse, 'não mas vocês não tem nada porque vocês continuam amigas de todo mundo'. E essa foi a explicação, e a gente imagina né, só faltava tá escrito na cara (risadas) (...) Ficar com cheiro de sexo na mão e ficar rezando, não acredito" (risadas).*

Estas e outras histórias também são apresentadas no romance biográfico de Betti Bown (1995) *"Pecados Safados"*. A autora conta de uma forma bem humorada as aventuras do mundo homossexual feminino da cidade de Curitiba, principalmente aquelas vividas por ela em um colégio de freiras. Viver na clandestinidade, desafiar o proibido, ter medo de estar pecando foi algo marcante na vida dessa jovem que se "descobriu" homossexual no convento.

Este romance reforça os relatos de Joana, sobre suas experiências amorosas na instituição religiosa onde foi interna.

Destacou que as duas planejavam sair do convento para ficarem juntas. Em função dos sentimentos pela namorada, Joana acabou desistindo de tornar-se freira. Após algum tempo a outra também saíra do convento, mas não ficaram juntas.

Joana relatou que contara para a sua mãe o motivo de sua saída do convento e que esta confissão causara muita discussão e brigas entre ela e a família. Destacou que, posteriormente, a família nunca aceitara sua amizade com Cássia e que isso acabara influenciando a relação das duas.

*"Hoje a relação tá melhor porque eu terminei com a Cássia né. Porque o grande problema da família é que eles nunca aceitaram minha relação e isso influenciou demais assim na nossa vida sabe, de ter sempre uma briga com família, isso nunca concordando, sempre indo contra, aí tudo o que tu faz tá*

*errado, então hoje como eu estou sozinha, estou morando com meu tio, estou do jeito que a minha família quer, então está às mil maravilhas, eu me dou bem com a minha família, gosto de todo mundo assim, só que uma coisa que eles sempre quiseram era, tipo mandar na minha vida, porque eu sempre fui muito certinha, trabalhava, estudava, passei no vestibular, de repente a filha deles é gay”.*

Joana contou que conversou com a família:

*“... quando eu falei que estava ficando com a Cássia, aí foi o estopim da bomba, daí a gente brigou horrores, eles nunca aceitaram, disseram que a Cássia era responsável por eu ter largado a enfermagem, que era responsável por eu ter me afastado de tudo, que eu não tava fazendo nada, quer dizer não é porque ela era responsável, eu fiz tudo isso por uma opção minha, mas pelo fato de gostar muito né”.*

A informante, que realizara aperfeiçoamento em enfermagem a nível médio, iniciara o curso de enfermagem na UFSC, tendo abandonado o mesmo

*“Eu larguei a minha vida profissional em função de um amor, e acho que existe muito na vida homossexual, não sei se entre duas mulheres, mas existe muito, pelo menos pra mim existiu, de largar tudo pra ficar com alguém, largar tudo o que fazia em prol de uma pessoa (...) quando eu conheci a Cássia, eu fazia faculdade, participava do DCE, me envolvia com um monte de coisas e a Cássia não gostava de ficar perto desse tipo de coisa. Ela nunca gostou de estudar, ela era totalmente fora do meu mundo, inclusive uma vez a gente teve até um problema, que a gente foi numa reunião no DCE e perguntaram que curso que ela tava fazendo e ela disse que tava fazendo técnico de segundo grau. Aí o pessoal assim, ah secundária, aí ela se sentiu ofendida, então me colocou bem na real assim, ou o DCE ou eu, ou a faculdade ou eu, e eu ...”.*

Joana sempre se questionara se era gay, decidindo conhecer e namorar rapazes. Relatou que tivera vários namorados e transara com alguns deles, destacando que não fora ruim transar com os homens, mas ressaltou que era por ‘instinto’, prazer físico, e que às vezes se arrependia. Com as mulheres era diferente, elas mexiam com ela, o relacionamento passava da cama, era vivência diária. Destacou que conseguia se liberar com as mulheres e que se fizesse isso

com os homens seria considerada prostituta. Relatou que entre duas mulheres a coisa era mais igual, apesar de existir o estereótipo, tendo mulheres que achavam que tinham que dominar, “*eu sou passiva, eu sou ativa*”. Salientou que não pretendia viver com uma mulher que tivesse estereótipo masculino.

Depois de alguns relacionamentos passageiros, de finais de semana, procurara conhecer as boates, os ambientes onde pudesse encontrar garotas. Comentou sobre os relacionamentos de hoje:

*“... vulgarizou todos os relacionamentos é que tu vai em qualquer lugar, tu encontras alguém, tu nem conversas, tu nem conheces, tu já beijas, tu já sai, tu já transas. Isso realmente pra mim, eu até já fiz, porque acho que a gente até acaba fazendo por uma condição de identificação, é bem a coisa de identificação, a coisa de tu te sentir dentro do grupo assim. Mas não é isso que me dá prazer, não é isso que me emociona, é justamente a pureza do relacionamento gay, quando ele é um relacionamento puro, porque ele é muito mais amigo do que um relacionamento hetero, que não existe aquela coisa de tipo dominação do homem, até em questão sexual mesmo, dele querer mandar na relação. Isso pra mim, bom, como minha primeira transa foi com uma mulher ...”*

O amor entre mulheres era sempre o seu referencial. Salientou que nas boates vira um tipo de amor entre mulheres de que não gostava e que também não conhecia. A partir daí tivera dois relacionamentos mais duráveis. Relatou que na boate as mulheres fingiam muito o que não eram ou queriam passar um sentimento de insensibilidade que na sua opinião não existia, muito pelo contrário.

*“A mulher é extremamente sensível, tem emoções, sente coisa que ... tem sensações diferentes até porque a forma de sentir prazer da mulher, tem uma coisa diferente, o homem é uma coisa muito mais instintiva, mais selvagem, mais violenta. Tanto que quando se observa nos relacionamentos entre gays homens é diferente entre as mulheres, a mulher é uma coisa mais sensual, mais envolvente, mais calma, mais tranqüila, tem um ritmo diferente, tem uma coisa mais de toque, mais de corpo, mais sensibilidade, uma coisa de beijo. Onde o beijo tem uma função muito grande, agora entre o homem é uma coisa assim muito mais sexo-sexo entende, não tem aquela coisa assim de corpo inteiro”*

Jurandir Freire Costa (1998), discute as concepções de vários autores sobre o amor romântico, agrupando-as em duas abordagens básicas: a *versão idealista*<sup>29</sup> e a *versão realista*. Na versão idealista do tema os autores salientam que

*“... o amor romântico só frutificou onde a cultura burguesa impôs as regras da satisfação emocional individualista. Em favor do que dizem, mostram o avesso das promessas de felicidade amorosa: a ‘proteção’ contra a solidão nunca produziu tantos solitários, a ‘competência para amar’ forma legiões de ‘incompetentes’ e o mundo dos felizes nada mais é do que a bufonaria com ares de seriedade”*(Costa, 1998:147).

Por sua vez,

*“Os realistas vêem o problema de modo diferente. Para eles existe uma ‘racionalidade’ na ‘irracionalidade amorosa’ do que estamos dispostos a acreditar, por força da inculcação de hábitos morais. É possível, portanto, intervir racionalmente nas crenças amorosas e reordená-las segundo aquilo que julgamos melhor, do ponto de vista moral”*(idem: 159).

Segundo o autor, estas abordagens explicitam aspectos distintos na maneira de pensar sobre o tema, evidenciando que não existe verdade universal sobre o amor, que as explicações do amor são múltiplas

*“Nenhuma delas pode dizer o que é essencialmente o amor. O que pode acontecer – e de fato acontece – é que elegemos sempre uma ou outra descrição tendo em vista o que julgamos mais desejável para nossas vidas”*(Costa, 1998: 165).

Para analisar as falas de sujeitos que declaram desistir de tudo por amor a outra pessoa, como Joana e Araci, atendendo à complexidade da questão, são fundamentais as reflexões de Freire Costa, entre outros autores *“... o amor romântico não é apenas uma coleção de invenções sentimentais; é uma*

<sup>29</sup> Segundo Costa (1998), quatro autores modernos falam na versão *idealista*. Badinter (1986), Bauman (1993), Bloom (1993) e Paz (1994). Já na versão *realista*, temos Hunt (1959), Slater (1991), MacFarlane(1990) e Brain (1980).

*mistura de ilusão e realidade, de ganhos e perdas, de avanços, paradas e recuos no campo das relações humanas”*(Costa, 1998:150).

Com isso, podemos compreender as representações de Joana sobre suas 'escolhas' em determinado momento.

Na continuidade da entrevista, Joana declarou que ela e a companheira tinham posicionamentos ideológicos diferentes, mas que se acertavam muito bem. Relatou que achava um absurdo que alguém tenha que ficar responsável pelas coisas de casa, achava que tudo tem que ser dividido, uma ajudando a outra.

Joana contou também que a relação com a família está melhor porque acabou o namoro com a Cássia. Ela deduz que a família já sabe, não de comentarem, mas pela reação que percebe

*“Ah, é, eles toda a semana estão lá em casa. Sabem, só que não foi perguntado, não foi falado, entende, aquela coisa assim. Eles sabem não, eles deduzem porque ninguém me perguntou nada, né, mas só porque eles mudaram de relação, eles devem imaginar isso porque agora eu estou sozinha, só que eles nem sonham que eu tenho me encontrado com ela, que eu tenho falado com ela, porque daí ...”*

Joana relatou que tivera alguns relacionamentos instáveis mas que só morara junto com Cássia. Destacou que ainda gostava de sua ex-namorada e que tem se encontrado com ela.

Não quis entrar em detalhes sobre as práticas sexuais, salientando que é uma coisa muito íntima falar como você transa, como não transa, do que gosta e do que não gosta. Destacou que não sabe falar sobre isso.

Joana contou também que ela e sua namorada tiveram envolvimento bastante sério com drogas (maconha/cocaína) que rolava muito entre o meio gay, depois salientou que não era somente no meio gay, em outros também e que as drogas acabaram prejudicando o relacionamento, pois a vida virava uma bagunça, a energia era voltada para as drogas. Destacou que no momento só fumava de vez em quando:

*“Consegui, hoje eu não tenho mais envolvimento, quer dizer, fumo um baseadinho (risadas), isso aí é só uma vez ou outra tenho direitos, mas é aquela coisa assim de redução de danos entendesse (risadas)”*.

Joana contou que seus projetos são retornar a estudar, concluir seu curso de enfermagem e especializar-se. Readquirir experiência profissional.

*“... eu tô me voltando para a área profissional sempre assim, sempre que tu sai de um grande amor que tu leva uma grande porrada, tu fica decepcionada tu te enfia a cara no trabalho né, eu sempre fui assim, quando eu terminei com a (...) os três anos seguintes eu dormia e acordava pensando em trabalho, minha função era envolvida com outras coisas, eu gosto disso assim porque também depois o amor, quando vem, ele vem mais intenso, é bem melhor do que ficá rodando de um lado para o outro. Se for pra vir, virá, entende”*.

#### **4.1 Os locais de sociabilidade gay e as informantes**

As dez mulheres entrevistadas nesta pesquisa referiram-se em seus relatos, aos locais de encontros e diversão que freqüentavam ou freqüentaram em alguns momentos de sua vida.

Araci e Bethânia, contaram que durante o relacionamento não costumavam freqüentar os bailões num dos quais haviam se conhecido e onde

costumavam se divertir anteriormente. Tive conhecimento que após a separação, Bethânia retornou a estes locais buscando diversão e novos encontros.

Cássia e Joana costumavam freqüentar bares e boates no início da relação. Hoje buscam espaços alternativos, ou seja, festas na casa de amigos, passeios ecológicos, etc.

Ellen, traçou um breve histórico dos bares e boates de Florianópolis que freqüentara quando mais jovem. Contou que atualmente com um grupo mais restrito de casais e gays, reúnem-se na Jugara, que ajudou a fundar.

Débora foi a informante que me serviu de cicerone na observação da Danceteria Chandon. Em contato posterior com ela contou-me que continua freqüentando estes ambientes, formando uma rede cada vez mais ampliada de conhecidos, e, conseqüentemente estando a par dos “novos” espaços que têm surgido na cidade.

Ivete relatou que por um tempo, freqüentou a Danceteria Chandon acompanhada de turma de pessoas da mesma idade e orientação sexual, mas que hoje prefere participar de festas e encontros nas casas de amigos, o que, segundo ela, ocorre com bastante freqüência.

Gabriela e Helena não relatam a procura destes ambientes em suas trajetórias individuais. Porém, durante a conjugalidade, as mesmas têm ido a bares e boates no intuito da descontração, da busca de convivência entre iguais. Muito embora também gostem de participar de festas mais fechadas, organizadas por amigos.

Percebemos que as mudanças na vida destas mulheres são atravessadas por várias questões, ou seja, algumas acabaram retornando aos ambientes de

sociabilidade gay após terminarem seus relacionamentos, outras buscaram formas alternativas, diferenciadas, de viver o lazer e por último algumas continuam freqüentando estes locais por gostarem da descontração e pelos encontros que proporcionam.

A freqüência aos estabelecimentos comerciais de diversão observados como um desdobramento do trabalho de campo nesta pesquisa é, como se pode perceber através das representações das informantes, perpassada pelas questões geracionais e de classe, conforme ocorre em geral com estes espaços. A boate observada destina-se, como foi ressaltado, a um público de camadas médias, com maior poder aquisitivo. Como ocorre com espaços semelhantes em Florianópolis, é freqüentada principalmente por jovens. As informantes relataram isto: são as mais jovens que vão freqüentemente à danceteria, aquelas que estão empregadas e podem pagar o ingresso. As informantes mais velhas contaram que freqüentaram os espaços de sociabilidade gay (os guetos, conforme a fala de algumas) nos anos iniciais de sua juventude, ou na adolescência. Hoje, a maioria prefere outros espaços. E isto também com relação aos bares e aos bailões, que aqui designei como pedaços, mais freqüentados pelas classes populares. Mas os sujeitos das diferentes camadas sociais relataram que retornam aos locais de festa, música, dança, quando ficam sós, ou passam por crises nos relacionamentos. Exatamente como ocorre com o público em geral, de heterossexuais ou não.

## 4.2 Algumas Rupturas e (Des) Continuidades

*“Haja teto  
Pra tanto desabrigo  
Haja palavra  
Pro que eu não digo...”*

C. Oyens/Z. Duncan

Estudando sujeitos de sociedades complexas, Gilberto Velho fala da dinâmica que vivemos cotidianamente, ou seja, *“Na sociedade moderno-contemporânea o indivíduo (...) está exposto a múltiplas experiências, contraditórias e eventualmente fragmentadoras”* (Velho, 1994:102).

A análise do material obtido com as entrevistas e a continuidade do contato com algumas informantes, foi me deixando a par de mudanças significativas nas trajetórias destas mulheres, que testemunham a dinâmica das relações sociais, nas histórias de vida de cada sujeito.

Uma primeira mudança foi o desmanchar da união entre Bethânia e Araci. Bethânia me visitou, contando que havia saído de casa, separando-se da companheira, principalmente em decorrência do filho e da nora de Araci terem ido morar com elas. Salientou que Araci ficou chateada pensando que ela havia planejado sair de casa e acabar o relacionamento, e que utilizara a mudança de seu filho apenas como pretexto. Bethânia relatou que estava cansada e se sentia muito tolhida pela companheira, a qual tinha ciúmes de todo mundo. Em outro dia me procurou novamente, dizendo que iria me acompanhar nas visitas que eu pretendia fazer aos bailões. Nos últimos contatos mantidos com a informante, soube que ela está morando com sua irmã e que está construindo uma casa em terreno que herdou da mãe, falecida há pouco tempo. Contou que os irmãos e irmãs iriam ajudá-la a construir sua casa e destacou *“... lá será meu espaço, e é eu que mando”*.

Soube também por terceiros, que após o rompimento, Araci foi para o interior do estado, indo ficar com a família por uns tempos. Enquanto isso seu filho e nora ficaram morando em sua casa. Após um mês retornou à Florianópolis, vendendo a casa para ir residir no interior.

Outra ruptura foi a saída de Gabriela da casa da família para constituir uma outra família, ou seja, para morar com sua namorada. Sua saída não foi tranqüila, muito pelo contrário, foi tensa e arbitrária. Na verdade Gabriela não saiu de casa, foi 'colocada' para fora de casa pelo pai, quando este soube que ela e a amiga estavam construindo uma casa para morarem juntas. Em conversa com Gabriela ela me contou que acreditava que o pai no íntimo já sabia de sua orientação sexual, mas negava o fato. Com a mãe a informante já havia conversado abertamente sobre sua atração por pessoas do mesmo sexo.

Com a saída brusca, Gabriela teve que ir para a residência da namorada, que morava com os pais e o irmão, pois a casa das duas não estava pronta. Foi bem acolhida pela família da companheira, mas sentia-se constrangida de estar morando ali, razão pela qual aceitou a hospedagem temporária oferecida por um casal de amigas. Gabriela permaneceu na casa destas amigas por pouco tempo, pois a mãe de sua namorada fazia questão que ela ficasse na casa da família da Helena. Ela se surpreendeu, pois, como relatou perdeu um 'lar' e agora tinha 'dois lares'. Esse vai e vem demorou pouco, pois sua casa ficou pronta. A pintura da casa, cuja construção fora cuidadosamente acompanhada por ambas, foi realizada pelas duas com a ajuda do pai da namorada. Tão logo a pintura ficou pronta as duas mudaram-se para a casa nova, configurando-se a partir daí uma nova trajetória na vida do casal que poderá ser contada um dia. Em contato com a informante, soube que desde a situação ocorrida com o pai, ela nunca mais vira ou falara com o mesmo. Com sua mãe, encontrara-se apenas uma vez. Surpreendentemente, o irmão que a ameaçava mudara de comportamento e já a

visitara duas vezes, trazendo inclusive pertences seus que haviam ficado em casa, bem como alguns presentes que a sua mãe mandara.

Tentando apresentar um pouco da dinâmica desses relacionamentos lésbicos, cabe salientar outra situação ocorrida com duas informantes, Cássia e Joana. Quando realizei o trabalho em 1996/97, as duas eram namoradas e moravam juntas. Nesta pesquisa, ainda eram namoradas quando entrevistei Cássia, muito embora Joana estivesse morando em São Paulo. Passado um tempo, entrevistei Joana que, sem querer falar muito no assunto, contou-me que o relacionamento das duas havia acabado. Recentemente, encontrei por acaso as duas juntas no centro da cidade e elas estavam muito felizes com a retomada do namoro. Falaram-me também dos projetos de vida em comum, contando que estão construindo casa no interior da ilha e, tão logo terminem, pretendem morar juntas no seu espaço.

## 5. Considerações Finais

*E foste um difícil começo  
afasto o que não conheço (...)  
porque és o avesso, do avesso, do avesso, do avesso...*

Caetano Veloso

No decorrer deste trabalho, surgiram vários temas nos relatos das mulheres entrevistadas, que por serem significativos, merecem ser retomados com o objetivo de ampliar as discussões, possibilitando talvez, novos entendimentos sobre o assunto.

Observou-se que a maioria das informantes teve um difícil começo de sua auto-percepção como homossexual. Exemplos disso foram os relatos de Ellen e Helena, onde abordaram toda a angústia e sofrimento em “aceitar” sua orientação sexual, deixando claro que não tinham com quem conversar sobre o assunto. As representações das demais entrevistadas sobre esta questão, também revelaram ambigüidades, inseguranças: “... a homossexualidade é inata (...) tu nasce homossexual”, “... eu tomei consciência que eu tinha atração por mulheres (...) aquilo aflorou”, “... foi uma descoberta e eu não tinha com quem desabafar”, “... uns amigos meus (...) deduraram, que eu estava apaixonada”, “... eu custei a me assumir, até a decodificar minha sexualidade”, “... eu voltei de lá lésbica (...) quando eu cheguei em Florianópolis, eu já era lésbica”, “... eu tinha preconceito de mim mesma, sabe”.

Outro aspecto comum nos relatos das mulheres entrevistadas ao se perceberem atraídas por pessoas do mesmo sexo, foi a procura de ambientes onde pudessem criar laços de sociabilidade, sentido-se entre iguais. Foram então a bares, boates, bailões, shows, etc., identificados de alguma forma como espaços de convivência gay – pedaços, na concepção de Magnani (op.cit).

Para Castells “... os bares foram os ambientes mais procurados para a informação, agregação, educação e, por último, estabelecimento das culturas gay e lesbiana (Castells, 1999:245).

Percebemos também, nesta pesquisa, a criação de novos espaços e formas de sociabilidade, como a Juventude Gay do Ratoles, que se constituiu como um grupo de convivência entre iguais para os momentos de lazer e descontração, sem terem que procurar espaços públicos, além de formar uma rede de apoio mútuo.

Cássia e Joana declararam que as pessoas vão para os ambientes de sociabilidade gay na busca de uma identificação com o semelhante, pois lá “... todo mundo tem um espelho (...) todo mundo age meio igual” (Cássia, 24 anos). “... é bem coisa da identificação (...) se sentir dentro do grupo” (Joana, 25 anos). Estas falas corroboram a extensa bibliografia das psicologias, social e clínica especialmente, sobre a importância da pertença a grupos. Demonstram também que as identificações sociais são fundamentais para os processos de construção de identidades dos sujeitos individuais.

Em termos de relacionamentos com as famílias de origem, percebemos uma forte ligação das informantes com as mães, sendo que a figura do pai esteve praticamente ausente em muitos dos relatos. Fernanda declarou que o pai estivera distante na sua vida, sendo as figuras femininas muito presentes e fortes em sua família. A repetição destas falas, levou-me a refletir sobre as concepções psicanalíticas de organização da sexualidade feminina (e da homossexualidade), destacando a importância atribuída por Freud ao tema das identificações, na organização das estruturas psíquicas e na própria escolha objetual, por homens e mulheres. Reflexões sobre esses conceitos psicanalíticos foram também importantes para analisar o tratamento entre Araci e Bethânia, presentificando a

repetição da relação mãe-filha, explicitado no discurso das duas informantes. Da mesma forma, recorri a esta teoria para refletir a respeito das projeções de Fernanda sobre sua filha.

Outra situação referente às famílias de origem ressaltada no relato de algumas informantes, foi a dificuldade enfrentada por companheiras que coabitavam, quando tiveram que compartilhar a moradia (ou sua proximidade) com parentes de uma delas. Os relatos explicitaram as tensões vividas por essas mulheres, em seus relacionamentos amorosos, em função da convivência com os familiares. A frequência com que estas queixas apareceram nas falas das informantes, podem indicar uma maior tensão e interferência das famílias de origem nas relações conjugais de seus membros, quando estas se contrapõem às “normas” da heterossexualidade.

O relato de Gabriela ressalta as questões de poder imbricadas nos relacionamentos familiares, pois embora procure mediar a relação da informante com o pai, sua mãe permanece numa posição submissa, pois a fala que predomina, de forma bastante autoritária, é sempre a do pai.

Percebemos também a preocupação de Débora e Helena, quanto ao retorno para as casas das famílias de origem, quando tiveram que se afastar de suas namoradas. As mesmas não sabiam como seriam acolhidas e ficou claro nos relatos das duas que, muito embora não estivessem convivendo com as companheiras naquele momento, o temido retorno para casa significou também a volta ao aconchego e proteção do ninho (Perrot, 1994).

Da Matta (1987) desenvolve uma discussão a respeito da família na sociedade brasileira, destacando que a mesma é constituída de um valor que é permeado por duas éticas: as *razões da família* (ou as razões da casa) e a *razão pública* (razões da rua). O autor salienta que vivemos cotidianamente esta

dualidade e valorizamos o mundo da rua (*o legal*) e o mundo da casa (*o familiar*). Ele destaca que é possível haver muitas famílias – a que constitui o emprego; a da parentela como um todo; a que compõe a própria nação brasileira; a formada pela mulher (ou marido) e filhos. Mas só se tem uma casa. É importante fazer este destaque, a idéia de *casa* e *rua*, pois nestes espaços existem valores e relações sociais diferenciados. Diferenças relativas aos variados tipos de família e à própria constituição dos sujeitos nos espaços privados (família, casa) e públicos (rua).

Citando Da Matta “... *somos senhor e escravo; patrão e empregado; homem e mulher, pai e filho; mas todos vivemos (moramos) num espaço comum, que é o da nossa casa*”(Da Matta, 1987:120). Neste sentido, o autor ajuda a pensar sobre os valores atribuídos a estes espaços sociais (casa e rua), mas o interessante é que, segundo ele, o nosso referencial é o da casa, pois sempre retornamos a ela. Praticamente todas as informantes se referiram à importância da casa em suas vidas, e muitas destacaram, falando de seus projetos para o futuro, o desejo de conseguirem um espaço próprio para morarem, em geral com as namoradas.

Outra situação interessante envolvendo a moradia, ressaltada no relato de uma das entrevistadas, Ivete, foi a de valorizar o viver a conjugalidade em casas separadas, pois diante do modelo de casamento instituído, fica legitimada a comunhão de bens, estando imbricada nesta questão uma relação de poder que o dinheiro acaba estabelecendo. Como destacou a informante, nesses casos se porventura acaba o laço conjugal, além de se perder a companheira, perde-se também a referência, o teto.

As questões de poder, que de acordo com Foucault, certamente perpassam as relações cotidianas e amorosas, estabelecendo assimetrias, estiveram atravessadas, nos relatos das mulheres entrevistadas, por questões

econômicas evidenciadas na posse da casa, na obtenção de coisas materiais, no dispor de mais dinheiro, ter salário mais alto, etc.

A maioria das informantes têm como projeto de vida morar sob o mesmo teto, ou seja, ter uma relação conjugal estável, de partilha. Estes planos de futuro estão fortemente alicerçados nos ideais do amor romântico. Os relatos de Araci e Joana, que largaram tudo por amor a outra pessoa, deram-me elementos para refletir sobre esta questão, tão central nos relacionamentos amorosos entre mulheres, de acordo com algumas das autoras que subsidiaram esta análise.

Denise Portinari (1989), tratando do amor lésbico, dedica-lhe um capítulo de seu livro, o qual denomina de "*O amor para além do amor*". A discussão é complexa e a autora apresenta várias falas, nas quais o amor entre mulheres aparece como uma exacerbação de sentimentos e emoção.

*"... o que se passa na homossexualidade feminina é qualquer coisa que só pode ser indicada no superlativo (profundamente infeliz, violenta paixão, extrema dependência, suprema delícia etc.); qualquer coisa, enfim de 'extra-ordinário' (...). O amor homossexual entre mulheres não pode ser 'apenas' um amor: ele é mais-que-perfeito ou desqualificado"*(Portinari, 1989:83-84).

Jacqueline Muniz (1992), também pensando sobre o amor entre mulheres, escreve um capítulo de sua dissertação de mestrado "*Do céu ao inferno – a pedagogia do 'entender' feminino*", onde visa o debate e o entendimento desse amor, que segundo ela, é indescritível.

*"... o amor entre mulheres é apreendido como alguma coisa que, incompreensível ou inaceitável, desliza do superlativo ao diminutivo. Assim, da mesma forma que a homossexualidade feminina, ao buscar legitimidade no imaginário sexual, explicita os limites de sua tradução, o tipo de amor nela agenciado, ao ser dito, sustenta resíduos de ininteligibilidade, colocando-se como algo duvidoso que pode estar aquém ou além da paixão"*(Muniz, 1992:151).

Estas questões discutidas pelas autoras, aparecem nos relatos produzidos, principalmente quando Joana salienta “... a pureza do relacionamento gay”. Um relacionamento, que segundo ela, “... tem uma coisa mais de toque, mais de corpo, mais sensibilidade”.

As discussões apresentadas nesta dissertação procuram demonstrar a heterogeneidade de modos e estilos de vida de mulheres homossexuais em nossas sociedades. Vimos aqui um pequeno recorte do cotidiano dessas relações sociais, que muitas vezes não são percebidas ou, pelo contrário, são negadas, silenciadas. Essas dez mulheres tornaram visíveis algumas de suas práticas cotidianas, sexuais, relações familiares, de trabalho, etc, contribuindo desta forma para a quebra do silêncio que paira sobre a homossexualidade feminina (Portinari, 1989). Práticas que são significadas e vivenciadas por sujeitos ambíguos, contraditórios, plurais.

Concluindo, posso dizer que outros rumos poderiam ter sido tomados, ou melhor, que o caminho se abre para novas trajetórias. Até aqui, os encontros foram prazerosos.

*“Começaria tudo outra vez (...) nada foi em vão”.*

Gonzaguinha



## Referências Bibliográficas

AQUINO, Luis Octávio Rodrigues. "Discurso lésbico e construções de gênero". **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre: v. 1, n. 1, p.79-94. 1995.

BROW, Betti. **Pecados safados**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.

BUTLER, Judith. **Sujeitos de sexo/gênero/deseo**. *Feminaria*. Ano 10, n.19, 1997. 1-20p.

\_\_\_\_\_. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"**. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 151-172p.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade. A era da informação: economia, sociedade e cultura**. Tradução Klaus Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CARDOSO, Fernando Luiz. **Orientação sexual masculina numa comunidade pesqueira**. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) Florianópolis: UFSC, 1994.

CÓRDOVA, L. F. "Amor sem vergonha": trajetórias pessoais e vida conjugal entre gays e lésbicas na Comunidade do Ratonés. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Psicologia) Florianópolis: UFSC, 2000.

COSTA, Albertina. et alli. "Pesquisa sobre mulher no Brasil: do limbo ao gueto?" In **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, Fundação Carlos Chagas. n. 54, p.5-15, agosto 1985.

COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício – Estudos sobre o homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

\_\_\_\_\_. **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DA MATTA, Roberto. **O ofício do Etnólogo, ou como ter "Anthropological Blues"**. In: NUNES, Edson de Oliveira. **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

- \_\_\_\_\_. A família como valor: considerações não-familiares sobre a família brasileira. In MENDES DE OLIVEIRA, Angela. **Pensando a família no Brasil da colônia à modernidade**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/UFRJ, 1987. p.115-136.
- DIAS, Edmilson Antônio. Relatos imaginários: uma abordagem possível da homossexualidade feminina a partir de uma leitura de Freud e Lacan. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-Graduação em Psicologia) Florianópolis: UFSC, 1998.
- DREYFUS, Hubert L. & RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e hermenêutica**. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- DUMONT, Louis. **O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- \_\_\_\_\_. **Homo Hierarchicus: O Sistema de Castas e Suas Implicações**. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1992. p. 369-375.
- FIGUEIRA, Sérvulo Augusto. O "moderno" e o "arcaico" na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social. In: FIGUEIRA, Sérvulo Augusto (org.) **Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987. p. 11-32.
- FONSECA, Cláudia. **Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação**. Rio Grande do Sul: UFRGS, 1998. 36p. (xerog).
- FOUCAULT, Michel. As ciências humanas. In: **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 1966.
- \_\_\_\_\_. Verdade e poder. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- \_\_\_\_\_. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1980. v. 1.
- \_\_\_\_\_. **História da Sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1994.
- \_\_\_\_\_. **História da Sexualidade III: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

- \_\_\_\_\_. **Arqueologia do Saber**. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FRANCHETTO, Bruna et alli. "Antropologia e Feminismo". In: **Perspectivas Antropológicas da Mulher**. N. 1, Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 11-48.
- FREUD, S. **Sobre o Narcisismo: uma introdução (1914)**. v. XIV. Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- \_\_\_\_\_. **A Psicogênese de um Caso de Homossexualismo numa Mulher (1920)**. Pequena Coleção das Obras de Freud extraída da Coleção Standart das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Livro 16. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- \_\_\_\_\_. **O ego e o Id (1923)**. Pequena Coleção das Obras de Freud extraída da Coleção Standart das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Livro 14. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- \_\_\_\_\_. **Sexualidade Feminina (1931)**. Pequena Coleção das Obras de Freud extraída da Coleção Standart das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Livro 9. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- FRY, P. "Da hierarquia a igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil". In: FRY, P. **Para inglês ver**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- FRY, Peter, MAC RAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1983. 126p (Coleção Primeiros Passos, 81).
- GASPAR, Maria Dulce. **Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GODOY, Rosane Maria. A voz das mulheres lésbicas: do discurso oculto ao desvendamento das vivências e do imaginário erótico. Florianópolis: FAED/UDESC, 1997. 67P. Monografia apresentada para obtenção do título de Especialista em Educação Sexual.
- ↳ \_\_\_\_\_ . A voz das mulheres lésbicas: do discurso oculto ao desvendamento das vivências e do imaginário erótico. **Revista do Núcleo de Estudos da Sexualidade do Centro de Ciências da Educação FAED/UDESC**. v.1, n1, p. 99-119, Florianópolis: NES, 1997.

\_\_\_\_\_. A construção da identidade de gênero no lesbianismo: retratando as formas e os estilos de vida. **Revista Um Outro Olhar**. n.25, ano 10. p.9-10. São Paulo, Dez96/abr97.

\_\_\_\_\_. Vozes dissonantes: o dito e o oculto sobre as vivências lésbicas. **Revista Ciências da Saúde**. Florianópolis, Edufsc, v.17, n.1p. 146-165, jan/jun, 1998.

GROSSI, Miriam P. e MIGUEL, Sonia M. A trajetória do conceito de gênero nos estudos sobre mulher no Brasil. **Calhamaço**.n.2, LEC, 1995.

GROSSI, Miriam P. Identidade de gênero e sexualidade. In: **Antropologia em Primeira Mão**. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC, Florianópolis, 1998.

HEILBORN, Maria Luiza. "Gênero: um olhar estruturalista". In: PEDRO, Joana M. et alli. **Masculino, Feminino, Plural**. Florianópolis, Ed. Mulheres, 1998.

\_\_\_\_\_. Dois é par: conjugalidade, gênero e identidade sexual em contexto igualitário. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, tese de doutorado, mimeo, 1992.

JORNAL DO FEDERAL. Informativo do Conselho Federal de Psicologia. Ano XIV, n.57. I bimestre de 1999. p.06

LAGO, Mara Coelho de Souza. **Modos de vida e identidade: sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996.273 p.

\_\_\_\_\_. Identidade: a fragmentação do conceito. In: SILVA, Alcione Leite, LAGO, Mara Coelho de Souza, RAMOS, Tania Regina Oliveira. **Falas de Gênero: teorias, análise, leituras**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.

\_\_\_\_\_. Constituição do sujeito e a construção da identidade nas intersecções entre Antropologia e Psicanálise. Trabalho apresentado no **Seminário Internacional Fazendo Gênero 4**, Florianópolis, UFSC, 2000 (xerog.) 07p.

\_\_\_\_\_. Refletindo sobre gênero a partir de textos freudianos. In: **ANAIS Fazendo Gênero. Seminário de estudos sobre a mulher**. Florianópolis: UFSC, 1994.

LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário da Psicanálise Laplanche e Pontalis; sob a direção de Daniel Lagache**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LARDINOIS, André. Safo Lésbica e Safo de Lesbos. In BREMER, Jan (org.). **De Safo a Sade: momentos na história da sexualidade**. Campinas: Papirus, 1995.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: BUARQUE DE HOLLANDA (org.) **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. Nas redes do conceito de gênero. In: LOPES, M. J., MEYER, D. E. e WALDOW, V. R. **Gênero e Saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

---

**Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. Hucítec/UNESP, 2ed. São Paulo: 1998.

MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento**. São Paulo, Perspectiva, 1988. 3ªed.

↳ MOTT, Luiz. **O lesbianismo no Brasil**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987. 220p.

MOUFFE, Chantal. **O regresso do político**. Lisboa: Gradiva, 1996.

MUNIZ, Jacqueline. **Mulher com mulher dá jacaré: uma abordagem antropológica da homossexualidade feminina**. Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional/UFRJ, Dissertação de Mestrado, 1992.

NAVARRO-SWAIN, Tania. **O que é lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000. 101p (Coleção Primeiros Passos, 313). São Paulo, Brasiliense, 2000.

OLIVEIRA, Marcelo José. O lugar do travesti. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) Florianópolis: UFSC, 1997.

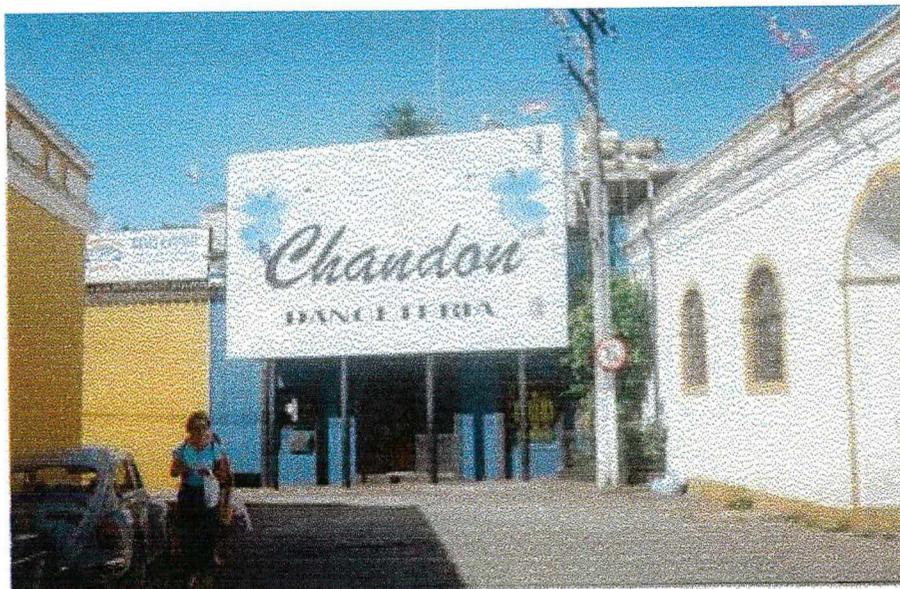
PATASSINI, Paola. Lésbica: ser ou não ser, eis a questão. In **Revista Um Outro Olhar. Religião X Homossexualidade: pecado ou escolha?** São Paulo. v. 14, n.33, out/dez 2000.

- PARK, Robert E. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento social no meio urbano. In: VELHO, O. G. (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- PINTO, Céli Regina. Movimentos sociais: espaços privilegiados da mulher enquanto sujeito político. In COSTA, Albertina de Oliveira & BRUSCHINI, Cristina (org) **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 127-150.
- PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- PERROT, Michelle. **O nó e o ninho**. Revista Veja, 1994. p. 75-81.
- PORTINARI, Denise. **O discurso da homossexualidade feminina**. São Paulo: Brasiliense, 1989. 127p.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". In: SIMSON, Olga de Moraes Von (org.). **Experimentos com histórias de vida**. São Paulo: Vértice, 1988.
- RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- Revista Ciências da Saúde, v. 17, n. 1, Florianópolis, Editora da UFSC, 1999.
- Revista do Núcleo de Estudos da Sexualidade do Centro de Ciências da Educação FAED/UEDESC, Florianópolis: ano 1, n. 1, agosto-dezembro de 1997.
- ROSALDO, M. "A mulher, a cultura e a sociedade: uma revisão teórica". In: ROSALDO & LAMPHERE. **A mulher, a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.33-64.
- SALEM, Tânia. O casal igualitário: princípios e impasses. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. ANPOCS, nº 9, vol. 3, fev/1989.
- SCOTT, Joan. Gênero; uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 16, n. 2, p.5-22, jul/dez, 1990.
- SELL, Teresa Adada. **Identidade homossexual e normas sociais: histórias de vida**. Ed. da UFSC, Florianópolis, 1987. 182p.

- SIQUEIRA, Maria Juracy T. "A (s) Psicologia (s) e a categoria gênero: anotações para discussão". In: ZANELLA, Andréa V. et alli. **Psicologia e Práticas Sociais**. Porto Alegre. ABRAPSOSUL, 1997, p. 271-279.
- STOLLER, Robert. "Uma introdução à identidade de gênero". In: **Masculinidade e feminilidade: apresentações do gênero**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1993, p. 27-43.
- TREVISAN, J.S. Direitos GLT: resgate de uma história. In: **Relatório do IX Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Travestis, II Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Travestis que trabalham com AIDS (II EBGLT – AIDS)**. São Paulo: Rede de Informação Um Outro Olhar, 1997.
- VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Zahar, Rio de Janeiro: 1994.
- 
- \_\_\_\_\_. Família e subjetividade. In: MENDES DE ALMEIDA, Angela. **Pensando a família no Brasil da colônia à modernidade**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/UFRJ, 1987. p. 79-87.

**- Anexos -**

## **Espaços de sociabilidade gay na Grande Florianópolis**



**Fachada da Chandon Danceteria em Florianópolis,  
tradicionalmente conhecida como espaço GLS.**

***“Que pedaços são esses?”***  
**Encontros gays também acontecem nos bailões ...**



**Fachada do Real Club – Palhoça**

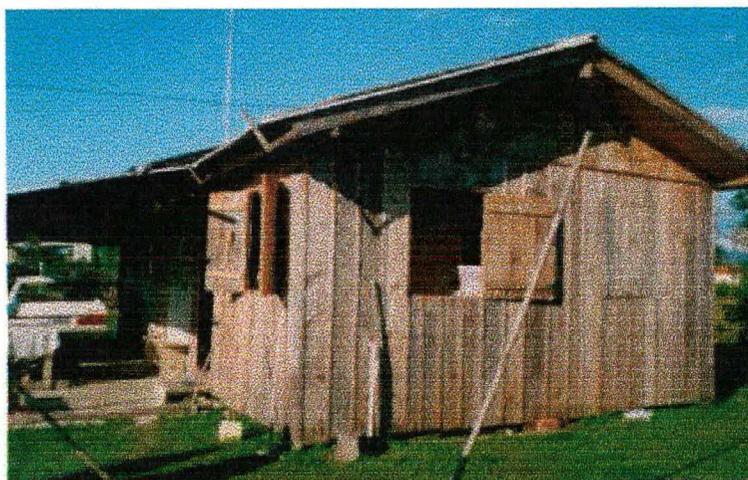
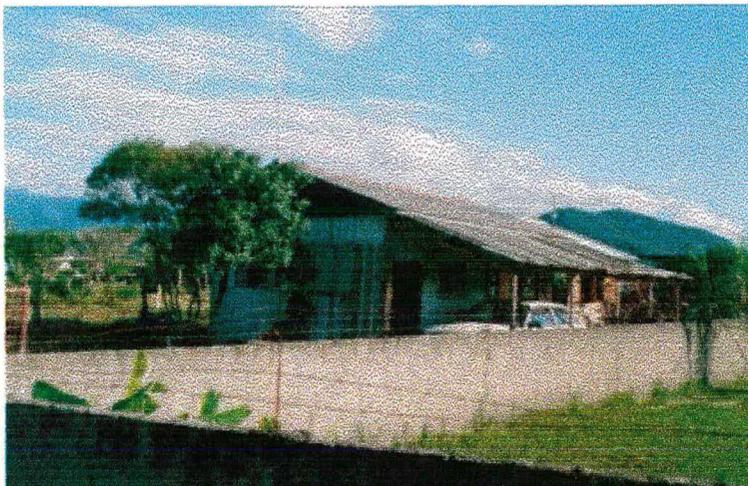


**Fachada do Flamengo Esporte Clube – Capoeiras – Florianópolis**



**Fachada da Sociedade Esportiva e Recreativa Niterói – Roçado – São José.**

## Casa de Informantes

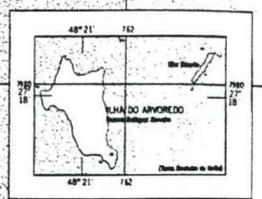
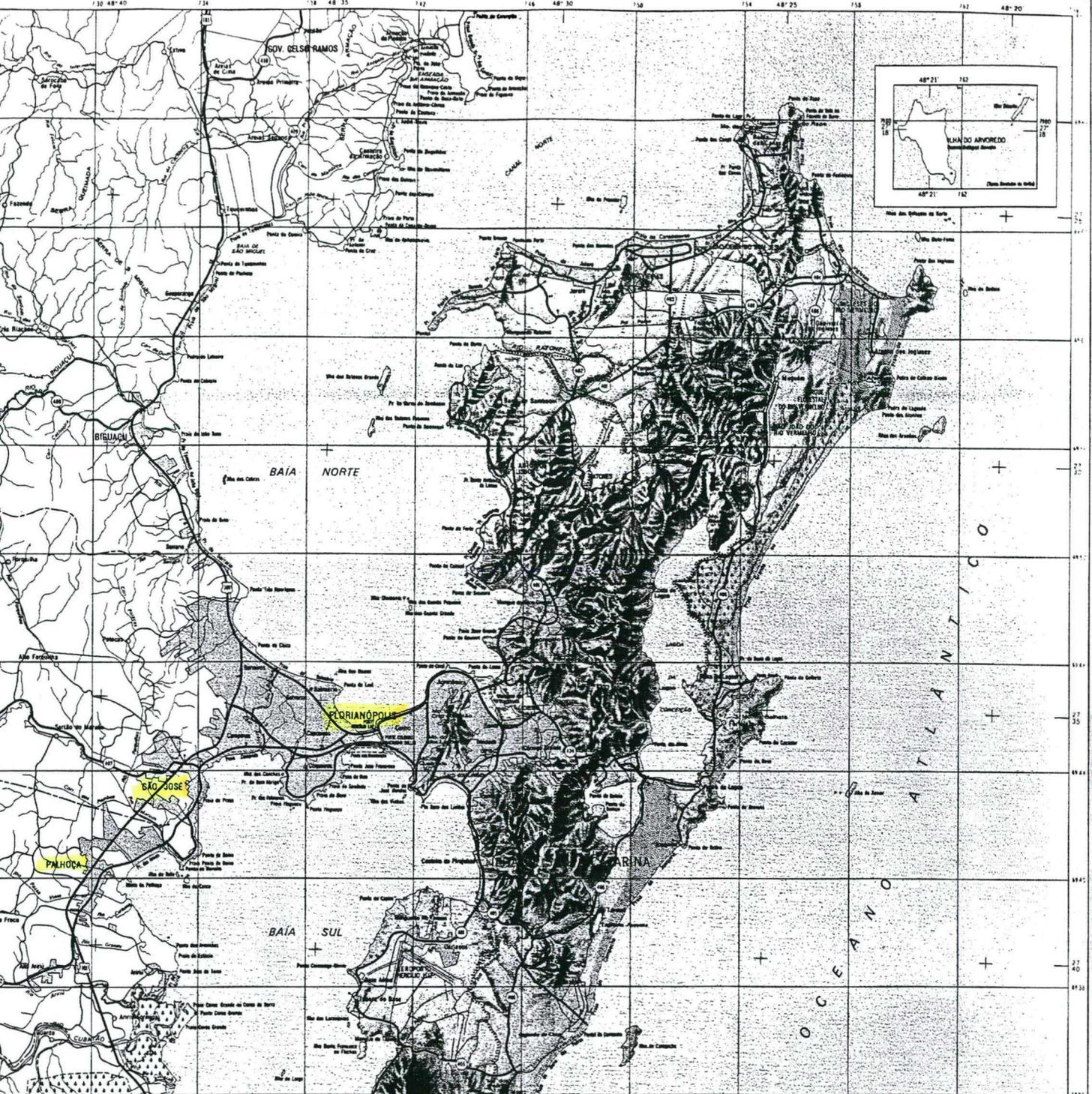


... reformas feitas durante a conjugalidade.



... o gás estava caro, a saída foi construir um fogão à lenha.

## **Mapa da Região da Grande Florianópolis**



**LEGENDA**

- NUCLÉOS
- Áreas Urbanas
- Quilômetros
- RODOVIAS
- Pavimentada Dupla
- Pavimentada
- Sem Pavimentação
- Caminhões
- Distância em Quilômetros
- Federal
- Estadual
- LIMITES
- Intermunicipal
- Interdistrital
- HIDROGRAFIA
- Curso d'Água
- Margem
- QUILÔMETROS
- Parques e Reservas
- Dunas
- Praias
- Costas Altimétricas
- Foz

**EQUIPE TÉCNICA**

Geop. Marcelo Vieira Nascimento CREA/SC Nº 21.727  
 Maria de Lourdes Pires  
 Erika Lindaura Luiz  
 Elisa Neri Rehn Dametto  
 Leo Garetto Filho (Desenho)

**DOCUMENTAÇÃO**

Mapeamento Topográfico Sistemático na Escala 1:50.000 elaborado pelo IBGE  
 Vão Aeriofotogramétrico nas Escalas 1:25.000 e 1:45.000 de 1977/78/79 executado por AEROFOTO CRUZEIRO S.A.  
 Dados Rodoviários-1989-1990-DE/SC-IPUF  
 Atlas de Santa Catarina-1988

O IPUF através da coordenação de informações agradece a gentileza da comunicação de falhas ou omissões verificadas neste mapa

**MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS**  
**MAPA FÍSICO-POLÍTICO**  
**1990**



PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS

**INSTITUTO DE PLANEJAMENTO URBANO DE FLORIANÓPOLIS IPUF**

ESCALA 1:100.000

PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCAUTOR UTM

ILHAS DOS MOLEQUES DO SUL